

BRUNA CRISTINA TAVARES LIMA

**O FAZER-SE DE JOVENS MÚSICOS: ATIVIDADE,
EXPERIÊNCIA, AFETIVIDADE E PROJETO**

São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2017

BRUNA CRISTINA TAVARES LIMA

**O FAZER-SE DE JOVENS MÚSICOS: ATIVIDADE,
EXPERIÊNCIA, AFETIVIDADE E PROJETO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Socioeducativos

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vieira Silva

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB) e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732f Lima, Bruna Cristina Tavares.
O fazer-se de jovens músicos: Atividade, Experiência, Afetividade e Projeto / Bruna Cristina Tavares Lima ; orientador Marcos Vieira Silva. -- São João del-Rei, 2017.
93 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal de São João del Rei, 2017.

1. Projeto de Vida. 2. Fazer Musical. 3. Juventude. 4. Afetividade. 5. Experiência. I. Silva, Marcos Vieira, orient. II. Título.

A Dissertação “O fazer-se de jovens músicos: atividade, experiência, afetividade e projeto”

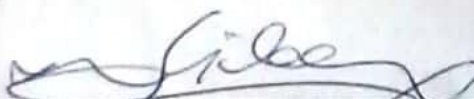
elaborada por **Bruna Cristina Tavares Lima**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

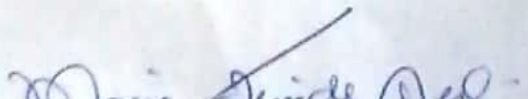
MESTRE EM PSICOLOGIA

São João del-Rei, 24 de março de 2017

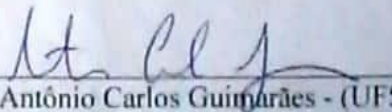
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Vieira Silva - (UFSJ)
Orientador



Profa. Dra. Maria Zenaide Alves - (UFG)



Prof. Dr. Antônio Carlos Guimarães - (UFSJ)

*Para Filipe, Geraldo, Irene, Ygor e
Madalena.*

*Para os membros da Banda Salesiana
Meninos e Meninas de Dom Bosco -
especialmente a Lee, Luly, Yo, Two e
Mandy, os meus meninos.*

AGRADECIMENTOS

O caminho trilhado na feitura do mestrado é, muitas vezes, solitário. Porém, a presença e os incontáveis auxílios de pessoas tão importantes fizeram esse caminho mais bonito. Jamais conseguiria agradecer a contribuição de cada um de vocês para a formação da pessoa que eu sou, mas tentarei.

Agradeço ao meu marido, Filipe, companheiro de vida há tanto tempo, que dividiu comigo as alegrias e angústias da realização deste trabalho. Sempre meu primeiro leitor, suas contribuições, na pesquisa e na vida, são imensuráveis. Sem você nada disso existiria.

Aos meus pais, por todo apoio e afeto durante a minha vida, e por terem entendido, não sem pesar, todas as minhas ausências. À minha mãe, Irene, por ter me ensinado a correr atrás dos meus objetivos e a “pegar o boi pelo chifre”. Ao meu pai, Geraldo, de quem eu herdei a curiosidade e o gosto pela leitura – sem isso eu jamais seria pesquisadora.

Ao meu irmão, Ygor, o jovem músico que inspirou esse trabalho.

À minha irmã, Madalena, que nos ensinou o que é afeto.

Aos Tavares e aos Alves de Lima, parte importante da minha experiência, que hoje são o Tavares Lima da minha identidade.

Ao grande amigo e padrinho de casamento, Caio, por toda sua presteza e boa vontade, e por não medir esforços para ajudar a qualquer pessoa.

À prima, irmã, amiga, afilhada e madrinha, Renatha, pelas inúmeras idas à biblioteca e pelo transporte de livros, que em muito ajudaram a realizar esse trabalho.

Às colegas do grupo de pesquisa, Júlia, Nathália, Dani Procópio e Dani Lima, por ajudarem a acalmar o desespero que, não raras vezes, me acometia, e por algumas vezes se desesperarem junto.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Vieira Silva, pelo auxílio e orientação em toda a minha trajetória de pesquisa até então, desde a Iniciação Científica. Por ter me apresentado a Psicologia Social, que agora faz parte de quem sou.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, Prof. Dr. Antônio Carlos Guimarães e Prof^ª. Dr^ª. Maria Zenaide Alves, pela disposição em ler meu trabalho e pelas grandes contribuições e sugestões.

Aos meus professores da graduação e do mestrado, pela imensa contribuição que deram à minha formação profissional e humana. Dedico agradecimentos especiais à Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Queiroz, Prof^ª. Ms^a. Maria Teresa Albergaria, Prof^ª. Dr^ª. Larissa Medeiros e ao Prof. Dr. Roberto Calazans.

À Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco, por ter permitido a realização da pesquisa, abrindo os seus ensaios para as observações.

Aos informantes da pesquisa, Lee, Luly, Mandy, Yo e Two. Não há palavras que expressem a minha gratidão por terem aceito colaborar com a pesquisa, e por dividirem parte da sua experiência e de seus projetos comigo. Jamais esquecerei o quão divertido foi conviver com vocês.

À Universidade Federal de São João del-Rei, por possibilitar a minha formação profissional.

À Capes, pela concessão da bolsa de mestrado.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo compreender as possíveis influências da música na elaboração dos projetos de vida de adolescentes membros de uma corporação musical da cidade de São João del-Rei, a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco. Para tanto, buscamos analisar o modo como esta atividade modifica a experiência dos mesmos e quais os afetos construídos nessa relação. A metodologia utilizada para a realização dessa investigação é inspirada na etnografia, possibilitando a associação de observações participantes do cotidiano da corporação, realização de entrevistas com os membros, e o registro dos dados no diário de campo. A análise das entrevistas foi realizada através do método utilizado pela Psicologia Sócio-Histórica, que possibilita relacionar as falas dos sujeitos às observações de sua realidade e aos demais registros de pesquisa. Foram realizadas observações dos ensaios da banda, uma entrevista grupal e entrevistas individuais com cinco informantes escolhidos após o início da pesquisa em campo. Concluímos que a atividade musical é cercada de afetos, direcionados tanto ao fazer musical quanto às relações sociais que surgem dessa atividade, e que essa atividade e esses afetos modificam a experiência dos adolescentes pesquisados, que passa a ser uma experiência modificada pela música, sendo essa experiência a base da construção de seus projetos de vida. Concluiu-se também que a música, ou o fazer musical, está presente nos projetos de vida dos sujeitos pesquisados, tanto como opção de profissionalização quanto como atividade amadora, e que esse fazer musical e suas relações lhes apresentam ensinamentos que os sujeitos afirmam levar consigo para toda a vida.

Palavras-chave: Fazer musical. Projeto de Vida. Afetividade. Experiência.

ABSTRACT

The research aims at understanding the possible influences of music on the elaboration of life projects by adolescent members of a musical corporation in the city of São João del-Rei named Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco. In order to do that I analyzed the way in which this activity modifies the experience of these adolescents and which are the affects constructed in this relationship. The chosen methodology used in this investigation is inspired on ethnography, making possible the observations of the participants in the routine of the corporation, the conducting of interviews with its members, and the data registers in the field diary. The analysis of the interviews was done following the method used in Social-Historical Psychology which makes possible to relate the subjects' speech to the their observations of their reality and to the other research registers. Observations on band rehearsals, a group interview and five individual interviews with five participants chosen after the beginning of field research were made. I concluded that musical activity is surrounded by affects directed at music making as at the social relations that emerge from this activity and that this activity and these affects modify the researched adolescents' experience which becomes an experience modified by music being thus the basis for the construction of their life projects. I also concluded that music, or music making, is present in the life projects of the researched subjects as an option to professionalization as well as an amateur activity and that music making and its relations present them teachings that the subjects affirm to take with them for life.

Keywords: Music making. Life project. Affect. Experience.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1: Construindo uma história	16
1.1 – Música em São João del-Rei.....	16
1.2 – Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco	20
Capítulo 2: Construindo uma pesquisa: referencial teórico	23
2.1 – Atividade	23
2.2 – Experiência	27
2.3 – Projeto de Vida	31
2.4 – Afetividade	35
2.5 – A formação histórica do sujeito adolescente	38
Capítulo 3: Metodologia.....	41
3.1 – Definição do grupo e dos informantes	41
3.2 – Objetivos e Metodologia	42
3.2.1 – Procedimentos de pesquisa	45
3.3 – Método de análise das entrevistas.....	48
Capítulo 4: Cotidiano de músico e as histórias dos sujeitos: relatos e análises	50
4.1 – Observações do cotidiano.....	51
4.2 – Os sujeitos da história	56
4.2.1 – Lee.....	56
4.2.2 – Yo.....	59
4.2.3 – Luly	62
4.2.4 – Two.....	64
4.2.5 – Mandy.....	67
4.3 – Atividade, experiência, afetividade e projeto: uma análise em conjunto.....	69
4.3.1 – A atividade musical e a afetividade construída: todos sentimentos cabem aqui	69
4.3.2 – A modificação da experiência: música como cotidiano	75
4.3.3 – Projetos e suas relações: possibilidades de ser	79
5 - Considerações Finais	84
Referências Bibliográficas.....	88
Anexos.....	94

1. INTRODUÇÃO

O projetar-se, imaginar-se qualitativamente diferente no futuro, é uma das mais intrigantes capacidades humanas. Mais intrigante ainda é pensar quais as bases para elaboração desses planos, e como essa elaboração ocorre. Desde meados da graduação em Psicologia o tema da elaboração dos projetos de vida tem atraído a minha atenção. Esse interesse teve início durante uma disciplina de Psicologia Escolar, ao ter contato com um capítulo do livro “Múltiplos olhares em educação e cultura”, de autoria de Juarez Dayrell, em que o autor falava sobre a polissemia da escola na vida dos jovens. Entre os diversos aspectos abordados por Dayrell, deparei-me com o conceito de projeto de vida de Gilberto Velho e a influência da escolarização na elaboração desse projeto. Procurei ler mais sobre o assunto e ingressei em um estágio na área, cujo mote naquele ano era trabalhar a elaboração dos projetos de vida dos alunos de uma classe de aceleração¹.

Após esse um ano de trabalho na escola ingressei na pesquisa de Iniciação Científica intitulada “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: Tradição e Transformação na construção de projetos de vida de jovens músicos”, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Vieira Silva, que investigava a relação entre o fazer musical e a religião na construção da identidade e dos projetos de vida de jovens graduandos em Música. Tal pesquisa de Iniciação Científica estava inserida na pesquisa-intervenção “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”, desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) desde 2004, que investiga temas relacionados às articulações identitárias em torno da música na região. A Iniciação Científica me possibilitou, a partir das entrevistas realizadas, apreender a importância que esses jovens atribuem à música em sua trajetória de vida. Mas esse contato era atravessado pelas diversas outras categorias também abordadas na pesquisa. Além disso, a pesquisa foi realizada com jovens graduandos em Música, e que, portanto, já tinha escolhido o fazer musical como profissão. Com a intenção de compreender se e como a música influencia os projetos de vida desses jovens para além dos aspectos profissionais, ou seja, se ela aparece em suas idéias de futuro como atividade amadora, ou ainda em seus discursos como algo que

¹ Estágio realizado no Programa de Extensão PsicoEducar, sob supervisão da Prof. Ms. Maria Teresa Antunes Albergaria, no ano de 2012, sob o título “Atuação do Psicólogo na rede pública de ensino: uma experiência de formação em Psicologia Escolar”. O estágio foi realizado em uma turma do programa de aceleração voltado para alunos com defasagem idade/série chamado “Projeto Acelerar para Vencer (PAV)” de uma escola estadual de São João del-Rei.

fez diferença em sua trajetória, os sujeitos da pesquisa que aqui se delineia são os adolescentes membros da Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco.

A construção da pesquisa que aqui se apresenta se deu dentro do aporte teórico-metodológico do materialismo-histórico. Essa epistemologia materialista-histórica dialética permite integrar a subjetividade e a objetividade, antes tão apartadas na construção do conhecimento em Psicologia, ao considerar que “a subjetividade se objetiva nas ações do homem sobre o seu meio, assim como esse meio e o que o constitui objetivamente se torna subjetivo no psiquismo humano” (Lane, 1989, p.149). Assim, ao buscar compreender o sujeito inteiro, entende-se que ele é uma totalidade que diz também do meio em que se formou, e, portanto, toda a Psicologia é Social. Um conceito fundamental para a pesquisa e que também ajuda a compreender essa formação social do psiquismo humano é o conceito de atividade desenvolvido por Leontiev, que será apresentado no segundo capítulo.

Essa nova construção de conhecimento é calcada também na não separação entre teoria e prática, pois, conforme mencionado anteriormente, “o saber e o pensamento tem suas raízes na realidade e portanto nossas ações decorrentes deste saber atuam diretamente sobre a realidade. É a ciência como práxis.” (Lane, 1989, p. 149). Isso muda completamente a condução da pesquisa científica em Psicologia Social, já que essa epistemologia materialista-histórica adotada tem como consequência métodos que colocam o pesquisador, agora também considerado um sujeito, em contato com a realidade dos sujeitos pesquisados, de modo a compreendê-los de maneira integrada ao seu contexto, o que aproxima a Psicologia de outras ciências sociais, como a Sociologia e a Antropologia, por exemplo. Da Antropologia vem o método etnográfico que, juntamente com a observação participante, é apontado por Lane (1989) como meio de se observar os sujeitos em seu contexto e registrar empiricamente o observado, e ver “a individualidade se manifestando no conjunto de suas relações sociais e no cotidiano de suas ações.” (Lane, 1989, p. 151)

É possível concluir, portanto, que na ciência os avanços teóricos são possíveis apenas através da transformação das bases epistemológicas e metodológicas, já que só assim é possível conhecer outros objetos, ou estudá-los através de outro prisma (González-Rey, 2016). Nesse sentido, Lane (1989) afirma que

o psiquismo humano se constitui na materialidade histórica de cada sociedade, de cada cultura – portanto não há um homem universal e, muito menos, imutável. A ciência psicológica, como qualquer ciência é produto histórico, e assim relativa – se o homem se transforma, o saber sobre ele necessariamente também se transforma. (Lane, 1989, p. 149)

Destarte, a pesquisa que aqui se apresenta é fruto das mudanças ocorridas no seio da Psicologia Social, que deixou de lado a assimilação pura de teorias elaboradas para outras realidades, e buscou conceber sua própria forma de fazer Psicologia Social, baseada na realidade vivida pelos latino-americanos. A partir disso se faz uma ciência que tece suas conclusões com base na realidade vivida pelos sujeitos, analisando essa realidade, claro, à luz de teorias, mas sem deixar de lado a materialidade que forja a existência desse sujeito. Assim, ao delimitar como objeto de estudo a construção dos projetos de vida de jovens músicos busquei o aporte teórico em conceitos que ajudassem a compreender a importância do social na formação desses sujeitos, mais especificamente o modo como a música influencia sua análise do cotidiano e seus planos de futuro.

Gilberto Velho (1987; 1994) parte do conceito de projeto para avaliar como a biografia do sujeito, as bases de construção do seu eu e a sua trajetória existencial se articulam, e como este ressignifica a sua trajetória a partir dos objetivos que deseja alcançar. Para compreender como a atividade musical se insere na vida desses jovens e como ela pode alterar a construção de seus projetos, faz-se necessário buscar o aporte de um conceito que nos ajude a compreender como essas atividades se inserem na trajetória desses músicos e como eles pensam essa sua realidade. Assim, o conceito de experiência de Edward Palmer Thompson será usado para trazer luz sobre essa trajetória, ao partir do pressuposto de que as atividades realizadas pelos sujeitos provocam mudanças em seu modo de pensar seu cotidiano e sua vida. A música aqui é abordada através do conceito de atividade de Leontiev, sendo tratada aqui, portanto, como atividade musical e/ou fazer musical. Os conceitos de experiência, atividade e projeto de vida também estão relacionados ao conceito de afetividade, apresentado neste trabalho a partir, principalmente, das obras de Kátia Maheirie (2003, 2005, 2007, 2008). A partir da afetividade podemos avaliar como os sujeitos se relacionam com a música e com os demais membros da banda, e como essa relação modifica esses sujeitos e a sua análise sobre seu cotidiano, ou seja, a experiência, e a partir disso, seus projetos de vida.

Além disso, a epistemologia materialista-histórica permeia outros pontos fundamentais da pesquisa, como a idéia de agência do sujeito. Essa idéia pode ser encontrada, dentro da bibliografia base da minha pesquisa, tanto na obra de Silvia Lane quanto na obra do historiador inglês E. P. Thompson, autor base para o conceito de experiência. Thompson é considerado um dos maiores nomes da Nova Esquerda inglesa, grupo de intelectuais marxistas que abandonaram o Partido Comunista Inglês, por este ser aliado às idéias ortodoxas da União Soviética, mesmo após o conhecimento das atrocidades cometidas por Stalin (Lima, 2004). E. P. Thompson, juntamente com outros pesquisadores, como Raymond

Williams e Christopher Hill, buscaram reformular o conceito de cultura dentro do marxismo, para tentar compreender as mudanças políticas e culturais que aconteciam naquele momento na Europa. Uma das grandes contribuições de Thompson é a valorização da idéia de agência do sujeito, em contraponto às idéias de outros autores marxistas da mesma época, como o filósofo Louis Althusser, criticado por Thompson em “A miséria da teoria ou o planetário de erros” (1981), que colocavam o indivíduo como totalmente determinado pelas estruturas sociais, chamado de *Träger*².

Partindo dessa idéia de um sujeito ativo, como afirma Silvia Lane (1995), produto e produtor da história, acredito que o fazer musical dos sujeitos pesquisados modifica o modo como estes se constroem como indivíduos na sociedade, como analisam o contexto em que vivem e como planejam o seu futuro. Assim, o sujeito é compreendido como fruto da materialidade histórica em que vive, mas também como quem, a partir dessa base, faz sua própria história.

O método escolhido para a realização da pesquisa também é fruto dessa epistemologia materialista-histórica adotada pela Psicologia Social. Ao buscar romper com a separação entre teoria e prática, a Psicologia Social propõe que o pesquisador vá até o contexto dos sujeitos pesquisados e observe, de maneira participante, o seu cotidiano, registrando minuciosamente o que vê. Além disso, Thompson afirma que para ser capaz compreender a experiência dos sujeitos é necessário que o pesquisador vá observá-los em sua realidade. A partir dessas idéias, o método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa é de inspiração etnográfica, pois torna possível aliar a observação dos sujeitos em seu contexto à possibilidade de definir após o início das observações conceitos que ajudem a compreender a realidade pesquisada, além da realização de entrevistas com os informantes da pesquisa, para compreender como eles próprios pensam as categorias pesquisadas, e o registro empírico dessas observações no diário de campo. Intenta-se com essa metodologia buscar no contato com os próprios sujeitos conhecer o modo como eles elaboram seus conhecimentos sobre a influência da atividade musical no seu fazer-se, ao considerar que ninguém pode informar mais sobre si, sua trajetória e seus anseios do que o próprio indivíduo. Dessa forma, desde a definição do objeto de

² Segundo Edward Palmer Thompson (1981), na obra de Althusser, que Thompson acusa de ser um idealista travestido de materialista, os homens são considerados *Träger*, ou suportes do processo social. São seres sem vontade própria, estando completamente submetidos às estruturas sociais. Essa idéia é completamente contrária à defendida por Thompson, que considera que os homens são sujeitos ativos na história. Essa discussão vai mais além e não cabe apresentar aqui, mas diz respeito ao valor dado pelos dois autores à luta de classes na história, já que Thompson defende uma idéia de classe composta pelos sujeitos que compartilham a mesma experiência dentro do processo de produção capitalista e Althusser, ao criticar as idéias humanistas propostas pela Nova Esquerda inglesa, diz que se dá uma importância excessiva aos sujeitos no processo da história, e, assim, Thompson considera que ele esvazia a idéia de luta de classes como motor da história.

pesquisa até a escolha do método a ser utilizado, minha pesquisa está ligada às construções da Psicologia Social latino-americana e sua epistemologia materialista-histórica dialética.

No primeiro capítulo deste trabalho começo a história a ser contada aqui com um breve relato da história da música em São João del-Rei, desde os primórdios de fundação da Vila. Apresento também, rapidamente, a idéia de ensino informal de música, que é o modo como esse conhecimento é passado aos músicos nas corporações da região. Há ainda nessa etapa do texto um relato sobre a criação da Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco.

O segundo capítulo é dedicado aos conceitos norteadores deste trabalho, que me auxiliam a analisar as histórias contadas/vividas pelos sujeitos entrevistados. Nele apresento os conceitos de atividade, experiência, afetividade e projeto de vida e as relações entre essas idéias e a música na construção da subjetividade dos sujeitos pesquisados. Há ainda neste capítulo a explicitação da idéia de construção social da adolescência, tão importante para compreender as experiências dos jovens músicos. No terceiro capítulo apresento a metodologia utilizada, que é de inspiração etnográfica, e o método de análise das entrevistas, que é o método utilizado dentro da Psicologia Sócio-Histórica, que permite relacionar o discurso dos indivíduos à origem social dessa fala, e ainda mantém relação com a observação do cotidiano realizada, de onde se obtém importantes informações sobre os sujeitos.

Após a apresentação das bases teóricas que orientam a pesquisa, passo ao relato das observações no quarto capítulo, que é onde conto as histórias dos sujeitos da pesquisa, onde a vida tenta tomar forma de palavra. Neste falo um pouco sobre as observações realizadas e traço um perfil de cada um dos cinco informantes que concederam entrevistas individuais, relacionando suas falas e suas histórias aos conceitos trabalhados no segundo capítulo. Por fim, a análise do conjunto de dados obtidos ao longo da pesquisa, através das observações, dos registros no diário de campo, do questionário, da entrevista grupal e das entrevistas individuais é apresentada através de categorias fruto dessa análise conjunta de todas as informações, de modo a oferecer uma caracterização mais ampla dos sujeitos pesquisados.

Conhecer mais sobre a realidade dos adolescentes que fazem parte de uma corporação musical permite ampliar os conhecimentos a respeito dos planos de futuro desses jovens. Mas, além disso, falar sobre sua trajetória e seus projetos possibilita que estes adolescentes conheçam mais sobre seus próprios projetos e construam, a partir disso, as estratégias que considerem mais adequadas para alcançar os objetivos traçados.

A orientação do Professor Marcos Vieira Silva me levou a conhecer um pouco da obra da Psicóloga Silvia Lane³, que foi sua orientadora. A partir das leituras de alguns de seus livros pude perceber que o que busco é compreender o sujeito de maneira completa, sempre levando em conta a natureza histórico-social do ser humano, e a partir do necessário diálogo interdisciplinar. É nesse sentido que este trabalho é construído, buscando o aporte de conceitos que nem sempre são da Psicologia, mas que auxiliam na tarefa primordial da pesquisa: a compreensão do nosso objeto.

Tornei-me Psicóloga, principalmente, por me interessar por tudo que é humano, e gostar de ler e ouvir as histórias das gentes. Aqui me proponho uma difícil tarefa, que é a de narrar diversas histórias: uma brevíssima história dos primeiros registros musicais em São João del-Rei, a da Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco e, principalmente, as histórias de vários adolescentes, que vivem a música e transformam o ar em arte.

³ Silvia Tatiane Maurer Lane (1933-2006) foi pioneira na luta pela construção de uma Psicologia Social Latino-Americana, buscando aliar as pesquisas em Psicologia Social às necessidades da realidade brasileira. Entre suas principais obras estão “Psicologia Social: o homem em Movimento” (1984), escrito em parceria com Wanderley Codo, “Novas Veredas em Psicologia Social” (1995), organizado com Bader B. Sawaia e “Arqueologia das emoções” (2000), organizado juntamente com Yara Araujo.

CAPÍTULO 1 – CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA

1.1 – MÚSICA EM SÃO JOÃO DEL-REI

O antigo arraial de São João del-Rei, ocupado desde fins do século XVII, foi erigido a Vila apenas em 8 de dezembro de 1713, como aponta o documento transcrito por Sebastião de Oliveira Cintra (1982). Para tal missão foi enviado pelo Rei de Portugal o Capitão Geral de São Paulo e Minas, Dom Braz Balthazar da Silveira, que tornou o então Arraial uma Vila, sendo os primeiros ocupantes da sua Câmara Pedro de Morais Raposo, o sargento-mor Ambrósio Caldeira Brant, Silvestre Marques da Cunha, Pedro da Silva Chaves, Francisco Pereira da Costa e José Alvares de Oliveira. De acordo com Graça Filho (2002), a Vila de São João del-Rei obteve o título de cidade em 6 de março de 1838, através da lei provincial de nº 93⁴.

Durante todo o século XVIII muita riqueza foi produzida pelas terras da Comarca do Rio das Mortes, onde se situava a então Vila de São João del-Rei. Muito ouro foi retirado e, como indicam estudos recentes⁵, também muitos gêneros agrícolas foram produzidos e vendidos, tendo a Comarca do Rio das Mortes se destacado como abastecedora de alimentos para a Província do Rio de Janeiro e reconhecida como possuidora da mais abundante produção de grãos e hortaliças da capitania das Minas Gerais (Graça Filho, 2002). Toda essa opulência pode ser notada pela grandiosidade das obras construídas nesse momento, como as belíssimas igrejas barrocas que muito enfeitam a cidade. Essas igrejas foram construídas pelas Irmandades presentes em São João del-Rei⁶, responsáveis pela vida religiosa da região e

⁴ A cidade de São João del-Rei está situada na região do Campo das Vertentes, estado de Minas Gerais. Atualmente a cidade conta com 88.902 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2014.

⁵ Sobre esse assunto, ver: Lima, F. M. A. (2016). Atividades agropastoris de abastecimento e crise da mineração no século XVIII mineiro: São João del-Rei, 1750-1800. *Oficina do Historiador*. Graça Filho, A. A. (2015). Padrões de transmissão de fortunas nas famílias da elite mercantil da Comarca do Rio das Mortes, c. 1750-1800. In: Libby, D. C., Meneses, J. N. C., Furtado, J. F. & Frank, Z. L. *História da Família no Brasil (séculos XVIII, XIX e XX): Novas análises e perspectivas*. Belo Horizonte: Fino Traço. É importante ressaltar que tais estudos demonstram que a Comarca do Rio das Mortes pouco sofreu com a decadência da produção aurífera, por ter bem desenvolvida, desde seus primórdios, uma produção agropastoril, que garantiria a manutenção da importância da Comarca. Dessa forma, a decadência do ouro nas Minas Gerais que muitas vezes é apresentada como explicação para a redução do número de músicos profissionais no século XVIII, pode não ser a real causa. Assim, é necessário realizar estudos sobre a motivação para a diminuição do pagamento aos músicos, levando essa atividade a ser, na maior parte das vezes, desenvolvida de maneira amadora na região.

⁶ Ver mais sobre esse assunto em: Scalzo, M. & Nucci, C. (2012). *Uma história de amor à música*. São Paulo: BEI Comunicação.

organizadoras das diversas festas que compunham o calendário cristão, que, como será demonstrado, também contavam com a presença de músicos.

O primeiro registro de execução musical encontrado data do ano de 1717, quando, segundo o historiador Gallo (1998), Dom Pedro de Almeida Portugal, o Conde de Assumar, governador da recém criada capitania de Minas Gerais, foi recebido na Vila de São João del-Rei ao som de um grupo musical regido pelo maestro Antônio do Carmo na entrada da Vila, e logo depois foi cantado um te-déum solene na Matriz, segundo Scalzo e Nucci (2012), “a dois coros de música”, um entoando o canto gregoriano e outro de instrumentistas e cantores. Já nesse período é possível encontrar registros de contratação de músicos para cerimônias de velório e missas póstumas, como homenagem aos falecidos. Em Cintra (1982) é possível encontrar transcrição de documentos que mostram a presença do maestro Antônio do Carmo em festividades dirigindo a parte musical, como em 28 de julho de 1724, ocasião em que se benzeu a nova Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Há também a citação do pagamento ao referido maestro, em 12 de junho de 1728, da quantia de 40 oitavas de ouro para ser o responsável pelas músicas da festividade de São João deste mesmo ano. Assim, nesses registros podemos perceber que nasce junto com a Vila de São João del-Rei o gosto pela música⁷ em suas festividades, tanto políticas quanto religiosas.

Não é difícil ouvir os sinos na cidade ou ver algum morador passar pelas ruas carregando seu instrumento musical. Isso, como já indicado, se deve à grande tradição musical da cidade, que conserva até hoje orquestras que se dedicam ao repertório sacro, composto desde o século XVIII até os dias de hoje, além de diversas bandas. Por todos os lados se faz música na histórica cidade mineira.

Dessa forma, por estar presente desde os primórdios da Vila e ter se mantido tão forte, a atividade musical é referência para os cidadãos são-joanenses, tanto para o público que participa dos espetáculos⁸ quanto para os músicos e aspirantes à atividade musical, sendo um elemento importante na trajetória de vida desses indivíduos. Essa relação pode ser

⁷ É importante ressaltar, conforme destaca Coelho (2014), que a música executada varia ao longo do tempo, assim como sua função na sociedade. Sendo assim, nos primórdios da Vila de São João del-Rei as orquestras atendiam, principalmente, aos rituais litúrgicos e às celebrações relacionadas à Coroa Portuguesa, como recepção de suas autoridades e, até mesmo, comemorações de casamentos e nascimentos na Família Real. Já no século XX passam a ocorrer, paralelamente às atividades religiosas dos grupos musicais, que ainda hoje é uma das principais funções destes na cidade, eventos musicais que tinham como objetivo único o entretenimento da população.

⁸ Alan Merriam (1964) debate os usos e funções da música em diversas sociedades, e aponta que algumas distinções são frágeis, como, por exemplo, entre música clássica e música popular. Merriam aponta também que muitas vezes a distinção entre músico executante e público que assiste aos espetáculos também não é válida. Isso pode ser aplicado às cerimônias de procissão, em que o público e os músicos participam do evento como peças de um espetáculo maior.

demonstrada pelo fato da cidade ter duas orquestras bicentenárias dedicadas à música sacra, a Orquestra Ribeiro Bastos e a Lira Sanjoanense, fundadas ainda no século XVIII, uma orquestra secular sinfônica, a Sociedade de Concertos Sinfônicos e uma orquestra jovem independente, a Orquestra Popular Livre, e seis bandas, todas contando com a participação dos músicos e aspirantes a músicos, além da Banda do 11º Batalhão de Infantaria e Montanha. O Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier também possui grande importância na manutenção da tradição musical na cidade e, juntamente com a graduação em Música da UFSJ, exerce a função de instituição formal de ensino de música, e dessas duas instituições derivam ainda outros grupos musicais, como a Camerata e o Coral do Conservatório, a Orquestra e a Jazz Band do Curso de Música, e o Programa Música XXI, que oferece concertos semanais à comunidade. Além disso, há ainda um importante cenário de música popular e folclórica. Todas essas corporações tornam São João del-Rei conhecida como *cidade da música e dos sinos* (Coelho, 2014).

Segundo Resende (2011), foram as bandas e as orquestras de música que propiciaram, em São João del-Rei, o ensino e a aprendizagem musical, de maneira quase exclusiva, até 1951, quando é criada a primeira instituição formal de ensino de música da cidade e região, que é o Conservatório Estadual de Música “Padre José Maria Xavier”. Já o curso de graduação em Música oferecido pela Universidade Federal de São João del-Rei foi criado somente em 2006. Conforme dito acima, essas duas instituições são responsáveis pelo ensino formal de música na cidade, enquanto as bandas e orquestras oferecem o ensino informal de música.

Fabíola Resende (2011) considera que a educação musical pode se dar tanto em contextos de ensino formal quanto nos de ensino informal. Arroyo (2002) aponta que toda prática musical traz alguma aprendizagem, e, portanto, a educação musical ocorre em diversos contextos. Assim, é necessário diferenciar o ensino formal e o informal de música. Resende (2011) considera que o ensino formal de música acontece em “situações onde o ensino e a aprendizagem musical se encontram sistematizados: conservatórios de música, escolas especializadas de música, ensino de música em escolas regulares e ensino de música em projetos sociais” (2011, p. 147). Já o ensino informal de música, segundo a mesma autora, acontece quando a aprendizagem musical ocorre fora desses locais de ensino formal de música, sendo que essa aprendizagem pode se dar de forma tanto consciente quanto inconsciente. Esse ensino informal acontece quando o sujeito aprende música de maneira espontânea, através da inserção no meio musical, ou ainda quando a aprendizagem se dá na interação com familiares ou colegas que não estão no papel de professores de música, ou pode

ocorrer também através do desenvolvimento de técnicas de autoaprendizagem (Resende, 2011). Assim, conforme aponta Resende (2011), nas bandas civis e militares, e nas orquestras amadoras de São João del-Rei e região a aprendizagem musical é informal, diferente do que ocorre no Conservatório Estadual de Música e no curso de graduação em Música da UFSJ, que, conforme mencionado, são contextos de educação formal em música.

De acordo com Coelho (2014), as orquestras são conjuntos musicais compostos por grupos de instrumentos, em que predominam os de corda, mas em que também podem estar presentes os de sopro e de percussão e são organizados de modo que cada naipe, ou seja, cada grupo de instrumentos, execute uma parte, geralmente de músicas clássicas. Já as bandas, segundo a mesma autora, são compostas por instrumentos de sopro, podendo estar presentes também os de percussão, sendo mais associadas às apresentações ao ar livre. Segundo Scalzo e Nucci (2012), o Programa de Apoio às Bandas de Música contabiliza que há em Minas Gerais cerca de oitocentas bandas catalogadas.

Em São João del-Rei as tradicionais orquestras da cidade entoam seus sons nas missas locais, sendo as bandas responsáveis pelas músicas nas procissões, por serem, geralmente, grupos menores e utilizarem instrumentos mais fáceis de carregar e manejar durante o trajeto. As bandas exercem também o papel de escola de música, ensinando, através da prática, música para as crianças e adolescentes das comunidades em que estão instaladas. (Scalzo & Nucci, 2012) Ou seja, as bandas são instituições onde o ensino informal de música para as crianças e adolescentes da cidade acontece.

Os membros das corporações mais novas, principalmente das bandas de música, são, em sua maioria, adolescentes e jovens de dez a dezenove anos, o que pode indicar que a atividade musical talvez seja uma grande referência na vida desses jovens músicos e na construção de suas subjetividades, e possa se configurar como um importante fator na elaboração de seus projetos de vida (Gonçalves, Vieira-Silva & Machado, 2012). A participação desses jovens nesses grupos musicais apresenta-lhes um novo universo cultural, além de um novo espectro de relações sociais, aspectos significativos na elaboração de seus projetos de vida. Assim, a corporação musical pode se constituir como um ponto importante na experiência do indivíduo, que, juntamente com as outras vivências significativas em sua biografia – família, classe sócio-econômica, religião, etc. – constituem uma base para suas aspirações. Investigar se, ou como, essa influência ocorre é o objetivo desse trabalho.

A escolha do campo empírico do projeto aqui apresentado se deu no decorrer da pesquisa de Iniciação Científica realizada, quando pude perceber a necessidade de trabalhar a elaboração dos projetos de vida de membros mais jovens das corporações, que ainda não

fossem músicos profissionais⁹. Acredito ser importante analisar a inserção da música na experiência dos adolescentes, e o modo como esta experiência se articula com seus projetos, em uma fase da vida em que estes projetos não são necessariamente profissionais, pois ainda há uma gama de possibilidades a serem experienciadas por esses sujeitos.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa de Iniciação Científica indicam que os jovens universitários estudantes de graduação em Música já iniciaram a trajetória de concretização desse projeto profissional e, portanto, avaliam a influência da música em sua experiência sob esse prisma. Dessa forma, ao serem perguntados sobre a relação entre música e projeto de vida, eles prontamente respondem que há uma total relação, pois essa foi a profissão escolhida por eles¹⁰. Portanto, a busca por sujeitos que ainda não escolheram definitivamente sua profissão pode trazer à tona relações entre a música e a experiência que vão além do fato de ser esta o seu trabalho, podendo indicar o modo como o contato com a música e os afetos construídos neste contato modificam o modo como eles pensam o cotidiano, sem necessariamente terem escolhido “viver de música”. Assim, para poder trabalhar com membros mais novos das corporações, foi escolhida uma banda de música¹¹, que, como já dito anteriormente, tem como maior parte de seus membros crianças e adolescentes entre 9 e 19 anos.

1.2 – BANDA SALESIANA MENINOS E MENINAS DE DOM BOSCO

Durante toda a graduação ouvi, dia após dia, os solfejos de meninos e meninas a ensaiar bem ao lado do Campus Dom Bosco¹². Muitas vezes tive a sorte de presenciar os ensaios performáticos que realizavam em frente ao Campus e à Igreja de Dom Bosco. Nesses

⁹ De acordo com o Dicionário Michaelis, é “amador” aquele que cultiva qualquer arte ou esporte por prazer e não como profissão. Já o “profissional”, segundo o mesmo dicionário, é aquele que exerce como meio de vida uma atividade. É esta a definição adotada neste trabalho, sendo considerado músico profissional aquele que vive de seu trabalho com música, e músico amador aquele que exerce o ofício por prazer, sem ganhos financeiros. É necessário ressaltar que não é feita aqui qualquer diferenciação entre a qualidade da música executada entre os dois tipos elencados.

¹⁰ Trechos das entrevistas mencionadas e os resultados da pesquisa podem ser encontrados em Tavares e Vieira-Silva (2014).

¹¹ Gonçalves, Vieira-Silva e Machado (2012) afirmam, conforme já citado anteriormente, que as corporações musicais mais novas, principalmente as bandas de música, são compostas, geralmente, por músicos também mais jovens, com faixa etária entre dez e dezenove anos.

¹² Campus da Universidade Federal de São João del-Rei, em que fiz a graduação em Psicologia. Bem ao lado do campus universitário fica a Igreja de Dom Bosco, e é no espaço atrás da Igreja que a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco ensaia.

ensaios a banda inteira sincronizava complexas coreografias e tocava músicas populares sem o auxílio das partituras. O espetáculo do ensaio me encantava. Assim, entre as diversas possibilidades de bandas a serem pesquisadas na região, foi escolhida como o campo empírico desse trabalho a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco, pela afetividade construída através da admiração. Dessa forma, pode-se dizer que aqui se faz uma “etnografia do vizinho”, já que a pesquisa é realizada com sujeitos que desenvolvem sua atividade musical em um local que é separado do campus em que me graduei apenas por um muro, e, ainda que só de longe, eu já possuía algum tipo de conhecimento sobre esses sujeitos, ou, pelo menos, sobre a arte que eles fazem¹³.

A banda foi fundada pelo Padre Raimundo Dilermando Afonso, conhecido na comunidade como Padre Marreco, em 31 de janeiro de 2001. Segundo Scalzo e Nucci (2012), o Padre convidou o sargento músico do Exército Ronaldo Medeiros para a empreitada, pois ele já tinha a intenção de levar a música aos bairros mais afastados, com o objetivo de incluir o adolescente da periferia da cidade de São João del-Rei no mundo das artes, além de socializar, educar e profissionalizar esses jovens. A criação da banda ilustra a relação existente na cidade entre a música, a religião – relação já mencionada – e também o Exército, que se uniram, nas figuras do Padre Marreco e do Sargento Ronaldo Medeiros, para criar uma corporação que tem como um de seus objetivos, curiosamente, disciplinar os jovens. Scalzo e Nucci (2012) apontam que a Sociedade de Concertos Sinfônicos também foi criada por um músico da banda do 11º Batalhão, o Tenente João Cavalcante, que foi maestro das duas corporações mencionadas.

Segundo entrevista cedida por Ronaldo aos autores do livro “Uma história de amor à música”, Marília Scalzo e Celso Nucci, criar a banda foi simples, pois em São João del-Rei é só falar em banda que aparecem vários interessados. Foi utilizado como método de ensino na banda o aprender fazendo, como menciona Medeiros, e ainda é assim. Segundo Fabíola Resende (2011) esse método de ensino pode ser chamado de aprendizagem musical prática, na qual se tem a presença de um membro veterano, que faz o papel de mestre, e de um novato, que é o aprendiz. Conforme será apresentado em outro ponto deste trabalho, esse método de ensino se configura como um importante espaço de construção da afetividade entre os membros dentro da corporação. Após a saída do maestro Medeiros, foi convidado o seu sobrinho Glauter Martins para reger a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco.

¹³ Essa observação deve ser relacionada às modificações da Antropologia no século XX, que passa a abordar dentro do campo das pesquisas etnográficas as chamadas sociedades complexas. Um importante autor nessa linha é Gilberto Velho (1987, 1994), pioneiro nas pesquisas em Antropologia Urbana no Brasil.

É necessário também levar em consideração a importância dessa atividade e a sua relação com a construção de um universo cultural. A Banda Meninos e Meninas de Dom Bosco é composta, como já citado, principalmente, por crianças e adolescentes oriundos de uma área de periferia de São João del-Rei. A inserção em uma corporação musical pode significar uma inclusão em mundo cultural muito diverso do até então conhecido, inserção essa que, no caso da banda em questão, ocorre muito cedo, por ser voltada para a inclusão de crianças e adolescentes no meio musical. Guimarães, Campos e Castagna (2011) consideram que a banda musical é uma instituição que proporciona aprendizagens que vão além da prática musical, conforme comentado acima, e dissemina valores sociais determinados, como convivência, respeito, entre outros. Além disso, a banda exerce o papel de inserir socialmente jovens de classes menos favorecidas, que passam a ocupar um espaço importante na sociedade local ao participar das corporações. Isso vai ao encontro das idéias do Padre Marreco ao criar a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco, já que esta possui, como já foi dito, objetivos musicais e sociais.

O projetar-se dos sujeitos ganha ainda mais importância quando pensamos nos jovens. A sociedade atribui à juventude a tarefa de se projetar, de fazer planos do que irá se tornar e agir de modo a conquistar esses objetivos, como aponta Juarez Dayrell em seu livro “A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude” (2005), ao afirmar que a juventude é considerada um “vir-a-ser”, um momento de transitoriedade marcado pela preparação para o futuro. Além disso, nessa etapa a maioria das pessoas vivencia uma fase de descobertas, na qual seu universo de relações, antes, muitas vezes, restrito à família e à escola, se amplia, com a inserção desse sujeito em novos grupos sociais. Essas modificações irão constituir a experiência dos sujeitos e, possivelmente, alterar seus projetos de vida (Velho, 1987, 1994; Thompson, 1981, 2001).

Conforme já apontado anteriormente, com base nas investigações filiadas à Pesquisa “A Música e suas Articulações Identitárias nas Corporações Musicais de São João del-Rei e Região: Tradição e Transformação no Contexto Histórico e Sócio-Cultural”, é muito comum, em São João del-Rei, a entrada de jovens em bandas de música, pelo fato delas serem, entre outros motivos, uma importante referência cultural para os habitantes da região. Esse novo universo cultural apresentado pela música, repleto de novos significados, além das relações sociais estabelecidas, pode fazer com que a entrada do adolescente em uma corporação se torne um aspecto importante em sua trajetória de vida. Assim, se abre para o indivíduo um novo campo de possibilidades para a elaboração de seus projetos.

CAPÍTULO 2 – CONSTRUINDO UMA PESQUISA: REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – ATIVIDADE

Para buscarmos compreender as diversas implicações da música na experiência e projeto de vida dos adolescentes pesquisados poderíamos partir de diversos pontos de vista. Como este trabalho é realizado dentro da área da Psicologia Social, escolhemos abordar a música através do conceito de atividade desenvolvido por Leontiev. Dessa forma, a música como será apresentado abaixo é tomada como uma atividade humana que pode repercutir de diversas formas na construção da subjetividade desses sujeitos.

A atividade musical, conforme já dito anteriormente, vem sendo investigada há algum tempo nos trabalhos vinculados à pesquisa “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”¹⁴, e passou a ser denominada nesses trabalhos de fazer musical. Na pesquisa aqui descrita, o fazer musical será abordado através do conceito de atividade desenvolvido por Leontiev. Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) foi um psicólogo russo cujas obras são baseadas no materialismo histórico dialético, sendo o desenvolvimento do conceito de atividade um dos resultados dos seus esforços em retirar a Psicologia do domínio único do positivismo, e em desenvolver conceitos que auxiliassem na compreensão do homem e que não fossem, conforme ele mesmo indica, “biologizantes, idealistas e mecanicistas”. Assim, é de se esperar o caráter social dado à atividade pelo autor.

Uma das grandes revoluções provocadas pelo autor na Psicologia é a inserção da idéia de que a consciência do ser humano não é dada *a priori*, e sim formada pelas atividades humanas. Essa é uma característica importante que deve ser destacada: como bom marxista, Leontiev coloca a realidade, o material, como base da formação dos conteúdos psíquicos. Dessa forma, ao analisarmos o modo como a música se insere na experiência dos jovens pesquisados, investigamos o modo como essa atividade importante em sua realidade pode modificar a maneira como esses sujeitos pensam essa realidade, ou seja, a atividade pode ser capaz de modificar a formação de sua consciência.

¹⁴ De acordo com Caetano, Vieira-Silva e Machado (2013), entre os anos de 2004 e 2010 foram desenvolvidos 31 trabalhos dentro da pesquisa-intervenção citada, todos tratando da atividade musical em São João del-Rei e relacionado-a a diversos outros conceitos, como projeto de vida, religiosidade, poder, entre outros.

Um dos aspectos fundamentais para compreender a construção do conceito de atividade por Leontiev (1978) é a diferenciação que este autor faz, baseado em Marx, entre a atividade humana e a animal, já que para ambos os autores os mesmos aspectos que diferenciam a atividade humana e a animal são os processos que produzem a historicidade humana. Segundo Duarte (2004), na base de toda e qualquer atividade animal há uma necessidade a ser satisfeita diretamente por meio da atividade. Já no caso dos humanos a atividade antecede a necessidade, e, segundo Duarte (2004), os seres humanos agem para produzir os meios de satisfação de suas necessidades.

Dessa forma, entre a necessidade de alimento e a satisfação dessa necessidade, o homem produz instrumentos, mesmo os mais primitivos. Assim, essa atividade mediadora, que é a produção de instrumentos, diferencia o homem dos animais e produz novas necessidades, já não mais somente biológicas, como é o caso das necessidades dos animais, mas necessidades relacionadas à produção material da vida humana (Duarte, 2004). Outra característica básica da atividade humana que será retomada ao longo do texto é a de que esta é sempre coletiva, desde as primeiras atividades de caça desempenhadas pelos homens¹⁵.

De acordo com Leontiev (1978), a atividade, tanto a externa quanto a interna do indivíduo, é mediada por um reflexo psíquico da realidade. Ou seja, assim como a base da personalidade “é a categoria da atividade humana objetiva, a análise de sua estrutura integral, sua mediação e as formas de reflexo psíquico que gera” (Leontiev, 1978), a atividade também é fruto da consciência do indivíduo, que se objetiva no mundo através de sua atividade. Assim, a atividade se subjetiva formando a consciência do homem, e esta se objetiva no mundo através de sua atividade e seus produtos.

Ou seja, conforme afirma Duarte (2004), o processo de objetivação da cultura humana, ou seja, dos resultados da atividade humana ao longo da história, não ocorre sem o processo oposto a este, que é a apropriação dessa cultura pelo indivíduo. Esse processo de apropriação definido por Leontiev (1978) é sempre ativo, de modo que o indivíduo necessita realizar uma atividade que “reproduza os traços essenciais da atividade acumulada no objeto” (Leontiev, 1978b, p. 268, *apud* Duarte, 2004, p.50). Essa atividade, como aponta Duarte (2004), na maior parte das vezes consiste em utilizar o objeto na forma definida pela cultura que ele deve ser utilizado, mas pode ser também a reprodução da atividade de produção desse objeto. Assim, nesse processo de apropriação o indivíduo se apossa de traços fundamentais das

¹⁵ Nilson José Machado, em seu livro “Educação: Projetos e Valores” (2000), relaciona essa diferenciação entre a atividade animal e a humana à capacidade de elaborar projetos, associação que pode ser muito útil para as análises do presente trabalho.

funções humanas que são historicamente formadas, de tal forma que é a apropriação ativa da cultura humana que media o processo histórico de formação dos homens e o processo de formação de cada indivíduo (Duarte, 2004). E, conforme o mesmo autor,

na medida em que a atividade humana se objetiva em produtos culturais, sejam eles materiais ou não, temos, como consequência, que o processo de objetivação do gênero humano é cumulativo. Assim, no significado de um objeto ou fenômeno cultural está acumulada a experiência histórica de muitas gerações. (Duarte, 2004, p. 51)

Indo além, Leontiev (1978) ressalta que uma investigação da personalidade do indivíduo não deve partir de pré-requisitos, quer sejam eles genéticos, hábitos ou conhecimentos, mas deve, pelo contrário, se basear no sistema de atividades que este realiza através desses conhecimentos adquiridos e das conexões entre essas atividades. O autor indica que as atividades realizadas pelos sujeitos, sejam quais forem, são ligadas pelas relações sociais em que este está inserido, já que, conforme já apontado, desde sempre a atividade tipicamente humana foi realizada em grupo, de modo que a atividade, além de produzir “instrumentos”, também cria relações sociais. Não é possível ocorrer a apropriação da cultura historicamente produzida pelos homens sem relação entre sujeitos, o que faz com este seja, como indica Duarte (2004), um processo necessariamente educativo. Um exemplo deste processo é a relação entre pais e bebês: o bebê aprende a se relacionar com os objetos através da relação com os pais, que lhe aponta os nomes e usos dos objetos, inserindo a criança no universo da cultura através da linguagem, sendo esta um dos mais importantes frutos da atividade humana.

Assim, como o indivíduo se forma apropriando-se dos resultados da atividade humana objetificados como cultura humana, e objetiva essa apropriação dentro de sua própria história (Duarte, 2004), a formação dos homens se dá somente em relação e dentro das situações concretas de sua realidade econômica, histórica e social. Ou seja, todos os aspectos da realidade social do sujeito fazem parte da formação de sua consciência. Dessa forma, Leontiev (1978) afirma que

o fato de um sujeito pertencer a uma classe condiciona, logo de início, o desenvolvimento de suas conexões com o mundo circundante, um segmento maior ou menor de sua atividade prática, seus contatos, seu conhecimento, e sua aquisição de normas de comportamento. (Leontiev, 1978)

De tal forma, independente da análise a ser realizada sobre o homem, a condição de vida deste dentro da sociedade capitalista deve ser levada em conta, já que as circunstâncias concretas da vida do sujeito condicionam o processo de desenvolvimento de sua personalidade, e isto não pode ser deixado de lado pelo pesquisador.

No caso da atividade musical, ou fazer musical, há algumas características que devem ser destacadas. Uma delas é que a atividade aqui pesquisada é desenvolvida em uma corporação musical, ou seja, é uma atividade coletiva que, assim como toda atividade tipicamente humana, cria relações sociais, sendo estas relações aspectos fundamentais no desenvolvimento dessa atividade, já que as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos produzem afetos, e a afetividade construída nesse processo é crucial para o significado da música na vida dos sujeitos, conforme será demonstrado no tópico dedicado à afetividade. A apropriação da cultura humana historicamente construída pode ser considerada a parte mais importante do fazer musical, já que os músicos aprendem melodias elaboradas por outros indivíduos em diferentes momentos da história humana e as executam através de instrumentos construídos a partir dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Mas, além disso, a atividade musical é uma atividade cultural que não é desenvolvida pelos sujeitos pesquisados como trabalho, em seu significado dado pelo capitalismo.

De acordo com Duarte (2004), a partir de certo ponto da evolução biológica da espécie humana o homem se tornou biologicamente apto ao desenvolvimento da atividade a que se denominou, posteriormente, de “trabalho”. Nesse ponto da história da espécie humana o trabalho significava a modificação intencional da natureza para a satisfação das necessidades do homem, sendo, portanto, ponto fundamental na diferenciação entre homens e animais. Dessa forma, a organização da sociedade sobre a base do trabalho submete o homem às leis sócio históricas, diferentemente dos animais, que são submetidos apenas às leis biológicas. Dentro do capitalismo o significado de trabalho está diretamente relacionado à troca da atividade do homem por um salário, e, portanto, à transformação de sua força de trabalho em mercadoria. Dessa forma, as atividades que realizamos sob a forma atualmente conhecida como trabalho são socialmente motivadas, mas são também, como ressalta Leontiev (1978), direcionadas a motivos, sendo o principal exemplo desses motivos a recompensa material recebida pela atividade.

A recompensa material não está presente no fazer musical dos sujeitos pesquisados, pois eles são músicos amadores, e, portanto, não recebem um salário pela atividade desenvolvida. Dessa forma, é possível imaginar que a inserção do fazer musical na experiência¹⁶ dos sujeitos se dá de forma diferente da de outras atividades que podem ser consideradas como trabalho, ou que são relacionadas a esse mundo, como, por exemplo, a

¹⁶ Experiência aparece nessa pesquisa com base no conceito de Edward Palmer Thompson, que será apresentado ao longo do trabalho.

escola¹⁷. Devido à centralidade da venda da força de trabalho na sociedade capitalista e da necessidade de se receber a recompensa financeira associada a este, os indivíduos precisam dedicar mais tempo de suas vidas às atividades reconhecidas como trabalho. Disso decorre também a possível instabilidade da dedicação à atividade musical ao longo da vida, e os diferentes modos como o fazer musical pode ser pensado no futuro desses adolescentes. Uma das formas possíveis dessa atividade se manter na vida adulta é ela se tornar o trabalho dos sujeitos, ou seja, eles se tornarem músicos profissionais, seja concluindo a graduação em Música, seja atuando como músicos militares, ou ainda realizando apresentações remuneradas, seja em casamentos, festas ou bares. Há ainda a possibilidade de desenvolverem outra atividade como trabalho, e a música continuar a ser uma atividade amadora, voltada para o prazer, não sendo recompensada financeiramente, mas essa possibilidade pode ser dificultada pela condição social dos adolescentes pesquisados. Sendo jovens da periferia, oriundos de famílias de classes sociais menos favorecidas, a inserção deles no mercado de trabalho pode ocorrer muito cedo, iniciando ainda na adolescência em trabalhos informais, devido às necessidades financeiras do núcleo familiar. Assim, a dedicação à música pode ficar prejudicada, e eles podem optar por abrir mão do fazer musical para obter uma renda que pode fazer diferença no cotidiano familiar. O modo como a música se insere na experiência desses sujeitos, a afetividade construída em torno dessa atividade, e os reflexos disso no projeto de vida dos jovens pesquisados é um dos pontos principais dessa pesquisa, e as diversas possibilidades apresentadas pelos sujeitos serão discutidas em outro ponto do texto.

2.2 – EXPERIÊNCIA

Diz-se muito da “experiência” em nosso cotidiano, e das mais diversas formas. De acordo com o Dicionário Michaelis, experiência, substantivo feminino, é “1. Ato ou efeito de experimentar. 2. Conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida. 3. Ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno, um fato ou uma teoria; experimento, prova. 4. Conhecimento das coisas pela prática ou observação. 5. Uso cauteloso e provisório. 6. Tentativa. 7. Perícia, habilidade que se adquirem pela prática.” De tal feita, ao

¹⁷ A escola pode ser pensada como relacionada ao trabalho por ter um sentido de preparação para a vida adulta, como uma etapa a ser vencida para que o adolescente possa ingressar no mercado de trabalho. Sobre esse assunto, ver Juarez Dayrell (1996; 2001).

traçar um projeto que busca compreender como o contato com a música influencia a construção dos projetos de vida de adolescentes, não é possível deixar de considerar a ideia de experiência¹⁸, já que projetos se constroem a partir de bases, que se encontram em toda a trajetória do sujeito. Sendo assim, faz-se necessário definir de qual experiência estamos falando. Será utilizado aqui o conceito de experiência do historiador marxista Edward Palmer Thompson.

Em seu famoso livro “A miséria da teoria ou o planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser” (1981), Thompson critica vertentes do marxismo surgidas durante o século XX, representados no citado livro por Althusser, principal alvo das críticas thompsonianas. As críticas de Thompson se baseiam na idéia de que o marxismo defendido por Althusser em vez de ser materialista era, na verdade, estruturalista e idealista, principalmente quando este afirma que os homens são *Träger*, ou seja, apoios para a existência das estruturas sociais, a quem funções e necessidades são imputadas, e não seres atuantes na construção da história, como defende Thompson. Uma característica marcante da obra de E. P. Thompson consiste, exatamente, na tentativa de resgatar o papel do sujeito no seu fazer-se e na construção da história¹⁹. Nesse ponto sua teoria marxista se aproxima da antropologia, como indica Toledo (2013), por Thompson considerar que é necessário um esforço para compreender a cultura, que é fruto da atividade humana, ou seja, fruto da ação do homem na construção da história.

Uma das críticas tecidas pelo autor aos diversos “marxismos” surgidos ao longo do século XX consiste na ausência do papel dos homens na história, resgatando a clássica frase de Marx, que diz que os homens fazem a história, à base de condições anteriores. Assim, o autor indica que para compreendermos a sociedade é necessário compreender a ação do homem em seu cotidiano, o modo como este experiencia o social, e, dessa forma, através de um estudo “molecular”, alcançar definições “macroscópicas”.

¹⁸ No desenvolver das ciências humanas foram muitos os autores que desenvolveram idéias, muitas vezes díspares, sobre a experiência. Entre os mais conhecidos temos Michel Foucault (1984, 1999) e Walter Benjamin (1987, 1994), além do autor escolhido para ser utilizado nesse trabalho, Edward Palmer Thompson (1981, 2001). Ressalta-se, portanto, que são múltiplos os conceitos de experiência e suas aplicações, não cabendo à pesquisa aqui descrita a discussão entre eles. A escolha do autor foi realizada a partir da afinidade do conceito de experiência desenvolvido por Thompson com as demais idéias presentes neste trabalho, e, dessa forma, no trabalho aqui apresentado, o conceito de experiência ficará restrito às definições dadas por este autor.

¹⁹ Nesse sentido, a obra de E. P. Thompson, inserida na corrente denominada de Marxismo Renovado Inglês, reflete as mudanças ocorridas nas ciências humanas nesse período, após a crise do estruturalismo da década de 70.

Para tanto, Thompson traz o conceito de “experiência” para fazer a necessária junção entre os conceitos de base e superestrutura e explicitar o importante papel do sujeito nessa relação, sendo este, como bem afirma Silvia Lane (1995a), produto e produtor da história.

Thompson afirma que “a experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento” (Thompson, 1981, p. 16). Ou seja, a base da experiência é o contato do sujeito com o mundo, contato este que é espontâneo, e esta surge quando ele, nas palavras do autor, ‘trata’ essa experiência em sua consciência e cultura (Idem, 1981, p. 182). Assim, os homens e mulheres vivem no mundo, experienciam situações e refletem sobre elas, construindo seu próprio conhecimento. Em Thompson, experiência não é o simples contato do sujeito com as circunstâncias que este vivencia, carente de reflexão. Pelo contrário, experiência é exatamente o fruto da reflexão do sujeito sobre esse contato, ou seja, a reação deste aos acontecimentos.

Essa idéia é de extrema importância para a pesquisa que aqui se delinea, que consiste em um estudo de inspiração etnográfica sobre jovens membros de uma banda de música. Quando pensamos em uma pesquisa cujos sujeitos são pessoas é impossível imaginar que eles estão à espera da observação de um pesquisador que dê sentido às suas vidas. Enquanto o projeto de pesquisa é elaborado, refinado e as leituras realizadas, e mesmo muito antes de tudo isso, essas pessoas vivem, tem contato com o social e pensam sobre sua vida, constroem seus próprios conhecimentos sobre sua realidade e o mundo. Dessa forma, desconsiderar a experiência dos sujeitos, o modo como eles pensam e agem sobre sua realidade, é partir do princípio de que, ou esses sujeitos não são capazes de refletir sobre a própria realidade, e somente o pesquisador pode fazer isso por eles, ou que eles são a mesa do famoso exemplo de E. P. Thompson²⁰.

É importante destacar que a idéia de agência humana defendida por Thompson não pode ser considerada livre de limites e pressões do contexto em que os sujeitos vivem. São exatamente essas condições que dão origem, modificam e determinam a experiência, sendo que esta, por sua vez, modifica e determina a consciência social. Dessa forma, o que Thompson defende é que, no lugar de uma base, ou um modo de produção, que determina de maneira unilateral a vida dos sujeitos, há um contexto que, é claro, os sujeitos não escolhem que promove mudanças nos modos de pensar dos homens e mulheres reais.

O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem a *experiência* modificada; e essa experiência é *determinante*, no sentido de que

²⁰ “Nossa preocupação, mais comumente, é com múltiplas evidências, cuja inter-relação é, inclusive, objeto de nossa investigação. Ou, se isolamos a evidência singular para um exame à parte, ela não permanece submissa, como a mesa, ao interrogatório: agita-se, nesse meio tempo, ante nossos olhos.” (Thompson, 1981, p. 15)

exercem pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (Thompson, 1981, p. 16)

Assim, a experiência pode ser compreendida como o resultado do pensamento e da análise dos sujeitos sobre a realidade que lhes é dada, ou seja, as respostas dos sujeitos aos acontecimentos diversos de seu cotidiano.

Partindo desse pressuposto, qual seja, a idéia de que homens e mulheres são agentes em sua história, não podemos buscar conhecer qualquer aspecto de sua vida sem recorrer à observação de seu cotidiano (Idem, 1981, p. 168), e sem buscar essas informações na fonte mais fidedigna: os próprios sujeitos. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado se aproxima, com a devida modéstia e diferença de método, por ser este um trabalho dentro do âmbito da Psicologia, e não da História, do trabalho realizado por Thompson ao investigar a formação da classe operária inglesa. Para compreender como esta se formou, e indo contra a idéia de que a Revolução Industrial fez surgir a classe operária, Thompson busca as informações em documentos relegados pelos historiadores da época. Em vez de concentrar suas pesquisas nas fontes comumente utilizadas, ou seja, registros cartoriais, o autor em questão busca suas informações em jornais produzidos pelos próprios operários durante o século XVIII e em outros documentos produzidos pelos próprios sujeitos. Ou seja, assim como o proposto aqui, baseou suas pesquisas nas informações fornecidas pelos próprios sujeitos, que são quem mais entende da realidade pesquisada.

Assim, para procurar entender em quais bases são elaborados os projetos de vida dos adolescentes pesquisados, serão consultados quem mais entende desse projeto, ou seja, quem o elabora, pois, como afirma Thompson, “não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento” (Idem, 1981, p. 16).

Este trabalho aqui exposto se baseia na idéia de que a atividade musical, como atividade cultural socializadora, realizada em uma corporação juntamente com diversos membros, importante para a formação dos sujeitos, modifica a experiência desses adolescentes com o cotidiano, fazendo-os repensar a sua formação como ser humano, e, conforme apresentado anteriormente, atua de maneira significativa na construção da sua subjetividade. Assim, passo agora a caracterizar outro conceito base para a compreensão desses sujeitos: o de projeto de vida.

2.3 – PROJETO DE VIDA

A partir da crise do estruturalismo na década de 70, as pesquisas da área das Ciências Humanas voltaram-se mais ao estudo das subjetividades²¹. O marxismo renovado inglês, conforme já dito, buscou dar ênfase à agência do sujeito em seus estudos sobre a cultura dentro da vertente marxista, buscando compreender como a determinação, no sentido dado por Raymond Williams²², do social/econômico condiciona a experiência do sujeito, mas, principalmente, qual o campo de ação deste em sua própria formação. Assim, ao nos desvencilharmos da idéia de um sujeito com idéias pré-determinadas pela sua classe econômica, e com um futuro já escrito, somos levados a pensar como esse futuro é construído.

Em uma perspectiva materialista-histórica, analisar os projetos dos sujeitos deve estar atrelado ao modo como esse sujeito se fez até então, qual o seu contexto e em que bases se formou a sua experiência. Assim, não é possível analisar os projetos somente com base no que se pretende fazer, localizando-os apenas no futuro, mas sim compreendendo como a trajetória do sujeito influencia a construção desse projeto, que se dá no presente.

Em uma busca de pesquisas realizadas no Brasil com essa temática, percebe-se que a maioria está relacionada ao projeto “Observatório da Juventude”, buscando, principalmente, investigar as relações entre a formação escolar dos jovens e a construção de seus projetos de vida²³. A maioria desses trabalhos utiliza como referencial teórico para a conceituação de projeto de vida a obra de Gilberto Velho²⁴, autor que baseia também este trabalho.

De acordo com Gilberto Velho (1994), projeto seria uma conduta organizada do indivíduo para atingir determinado objetivo. Este objetivo pode estar localizado nas mais diversas esferas da vida do sujeito e este se propor a realizá-lo em um arco temporal mais

²¹ Sobre essa revolução na ciência relacionada à Psicologia Social, entre outras diversas publicações possíveis, sugiro Tittoni, J. & Jacques, M. G. C. (2013). Pesquisa. In: *Psicologia Social Contemporânea. Livro-texto*. Petrópolis: Editora Vozes.

²² De acordo com Lima (2004), Williams retira a determinação do âmbito unicamente economicista e passa a afirmar que o que condiciona a experiência humana é todo o processo social. Para compreender melhor essa idéia, ver Williams, R. (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.

²³ Entre outros exemplos, é possível citar: Dayrell, Juarez. (1996). A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Dayrell, J. & Carrano, P. C. (cords.). (2010). *Pesquisa “Diálogos com o Ensino Médio”*. Relatório Final. Belo Horizonte: UFMG. Alves, Maria Zenaide. (2013). *Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares – MG*. Tese. Belo Horizonte: UFMG.

²⁴ Gilberto Velho (1945-2012) foi um antropólogo brasileiro, pioneiro da Antropologia Urbana no país, professor titular do Museu Nacional da UFRJ. Entre as suas principais obras estão “A utopia urbana: um estudo de Antropologia Social” (1973), “Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas” (1994) e “Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia” (2008).

longo ou mais curto (Dayrell et al., 2010). Machado (2000) afirma que o projeto distingue-se de uma previsão, pois esta, apesar de se referir ao futuro, assim como o projeto, não diz respeito a um futuro que está sendo construído, sendo esta uma característica intrínseca ao projetar. O mesmo autor distingue ainda os projetos das utopias. Segundo Machado (2000), o projeto possui sempre elementos operatórios que tornam possível a sua realização, enquanto a utopia não apresenta caminhos e nem discute as possibilidades de realizar-se, sendo a utopia, portanto, o não-projeto.

Muitas vezes em nossa sociedade o projetar-se é pensado somente ligado ao âmbito profissional, dando-se importância somente ao econômico e deixando de lado diversos aspectos da vida do sujeito. Como será apresentado mais adiante, busca-se compreender como a participação em uma corporação musical influencia o projeto de vida dos adolescentes em seus mais diversos aspectos, não somente profissional.

Segundo Velho (1994), a construção dos projetos de vida é individual e elaborada de forma consciente, mas deve ser pensada inserida em um campo de possibilidades formado pelo contexto econômico, histórico e cultural em que o indivíduo se situa, que, de alguma forma, restringe as possibilidades de escolha deste. Assim, o compartilhamento de paradigmas culturais do indivíduo com a sociedade e os grupos em que este se encontra inserido torna possível a construção desses projetos. É possível relacionar este aspecto da definição do conceito de projeto de vida para Gilberto Velho com a obra de Thompson, no sentido em que este autor defende a não determinação da superestrutura pela base, mas sim uma ocorrência simultânea das duas categorias cuja junção é realizada pela experiência do sujeito. Desta feita, para Thompson, alterações na superestrutura somente ocorrem porque os sujeitos vivenciam as mudanças ocorridas na base e pensam sobre elas, e desta forma alteram suas produções no mundo, ou seja, o contato do sujeito com a realidade modifica a sua consciência e altera a sua ação no mundo, conforme já foi abordado ao se apresentar o conceito de atividade. Partindo desse pressuposto, o contato dos sujeitos com as condições socioeconômicas que, segundo Thompson, eles não escolheram ser submetidos, limita as possibilidades de experiência destes e fornece uma base, que pode ser entendido como campo de possibilidades, para o seu projetar.

É importante ressaltar que a análise da elaboração dos projetos dos indivíduos a partir de seu contexto sócio histórico não deve deixar de lado as suas singularidades, as implicações individuais na sua construção. Os projetos são construídos na tensão entre o social e o individual, entre as relações do indivíduo com o seu contexto e as implicações destas em sua construção como sujeito. Tal idéia de que o projeto é individual é também apresentada por

Machado (2000), que afirma ser impossível criar projetos pelos outros, apesar de estarem os outros sempre presentes no projeto. A possibilidade de fazer projetos seria, para Velho (1994), imprescindível para a formação do indivíduo-sujeito, pois projetar seria construir e valorizar uma consciência de si, de sua individualidade particular. Entretanto, esta não se faria sem se articular com a memória, onde a biografia e a trajetória de vida do sujeito aparecem no papel principal. Assim, se a memória organiza, a cada momento em que se recorre a ela, a trajetória do sujeito e toda a sua biografia, o projeto permite antecipar uma trajetória, organizando os meios para atingir os objetivos definidos. Indo ao encontro dessa idéia, Machado (2000) afirma que “construímos uma trajetória de projetos absolutamente original, que nos identifica como pessoa” (Machado, 2000, p. 17).

A diversidade de experiências culturais e de referências, como já apontado anteriormente, seria, para Gilberto Velho (1987), um aspecto importante para a construção de um projeto individual bem elaborado. Para este autor, uma consciência de seu projeto e das ações necessárias para concretizá-lo seria importante para a trajetória do indivíduo. Velho (1987) afirma que em nossa sociedade o ‘não saber o que se quer’ do futuro, ou seja, não ter muita clareza de seus projetos, não é bem visto, e, portanto, os indivíduos são pressionados socialmente a fazerem escolhas e delimitar o que pretendem. Também é possível perceber a importância que Velho (1994) atribui aos projetos quando afirma que “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam *através* de seus projetos” (Velho, 1994, p. 48; *itálico da autora*).

A partir de uma perspectiva materialista-histórica, adotada nesse trabalho, a relação existente entre a divisão social do trabalho, a produção de um universo cultural e a elaboração de projeto de vida não pode ser descartada. As heterogeneidades culturais existentes se relacionam com essa divisão de classes, mas não devem ser resumidas a isto, pois se correria o risco de cair em um determinismo de classe. Thompson afirma que considerar que a base econômica determina a superestrutura é reduzir ao modo de produção todas as categorias de aspirações humanas, sendo isto não uma teoria marxista, mas sim a velha economia política capitalista, que reduz os sujeitos ao seu valor como capital (Thompson, 1981). Para além disso, Thompson afirma que a classe não é uma categoria estática passível de ser analisada separadamente dos sujeitos que a compõem, já que, segundo o autor, classe é uma formação histórica, sendo um conjunto de indivíduos que compartilham das mesmas experiências. Estas estão relacionadas ao seu papel dentro do modo de produção, mas não somente a isso. Dessa forma, não partimos do pressuposto de que se deve dar mais ênfase ao que muitas vezes é classificado como “base”, deixando de lado as construções culturais por serem apenas fruto

desta, o que nos leva a buscar compreender como o contato com a música ainda na infância e adolescência modifica a experiência dos jovens e, com isso, como influenciam os seus projetos.

Nesse sentido, Luís Gonzaga Mattos Monteiro (1995) aponta que novos estudos neomarxistas têm indicado a importância do estudo dos “elementos superestruturais”, sendo o materialismo histórico um método de análise da relação do homem com a materialidade, considerando esta “como sendo um fato inelutável que se transforma historicamente, mas que absolutamente não está determinado, e se, por um lado, pode haver tendências expressas, por outro há a ação possível do homem e a própria imprevisibilidade.” (Monteiro, 1995, p. 28) As categorias sociais que surgem da divisão do trabalho, e que, segundo Gilberto Velho (1987), tem um mínimo de continuidade temporal, articulam suas experiências em torno de tradições e valores específicos. Não é possível, portanto, falar de construção de projeto de vida sem pensar sobre quais desses valores de classe os indivíduos compartilham (Velho, 1987).

A vinculação do indivíduo com a sociedade e suas instituições faz com que exista uma base para o seu projetar-se, que é dada pela família, nação, pela classe econômica a que este pertence, e por outras unidades sociais já dadas. Mas, para além disso, Velho afirma que, à medida que o sujeito se torna cada vez mais sujeito, a partir da relação já citada entre elaborar um projeto de vida e tornar-se um indivíduo-sujeito, a relação deste com essas unidades muda de caráter (Velho, 1994). Essas mudanças são constantes e ocorrem devido, principalmente, a contextos e situações diferenciadas, levando a transformações subjetivas nesse indivíduo. Essas mudanças na biografia e no contexto do sujeito levam também a mudanças na construção do seu projeto de vida, já que se modifica o campo de possibilidades em que este está inserido, ou seja, mudanças ocorridas no contexto vivenciado pelo sujeito modificam o modo como este pensa o mundo, e, assim, o modo como este se pensa no futuro, e seu projeto de vida. Mas não se deve deixar de pensar que por mais que mudanças radicais aconteçam ainda permanecem as vivências anteriores, que, em vez de serem deixadas de lado, são reinterpretadas a partir dos novos significados com que o sujeito se depara. Assim, a cada mudança significativa o sujeito se refaz, reconstrói o seu projeto de vida e transforma o modo como significa a sua trajetória até então (Velho, 1994).

Gilberto Velho (1987) ressalta que o contato do indivíduo com outros grupos sociais e culturais pode modificar de forma significativa o modo como este pensa o mundo, pois este é estreitamente relacionado à sua trajetória. Para ele, é impossível pensar em um projeto que seja somente individual, pois estes se constroem em referência ao outro e aos grupos sociais em que o indivíduo se insere (Velho, 1987). Assim, a racionalidade que o autor aponta existir

nos projetos é relativa, pois esta se relaciona com determinadas vivências culturais do indivíduo, e, dessa forma, sua eficácia está inserida em um determinado quadro sócio-histórico.

Ainda nesse sentido, Velho (1987, p. 27) aponta que

outra idéia importante é a de que os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem se transformar. O 'mundo' dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas.

Destarte, as diversas mudanças que ocorrem ao longo da trajetória do indivíduo fazem com que, dialeticamente, tanto o sujeito quanto o seu projeto seja refeito. A partir do exposto é possível pensar que a participação de adolescentes em corporações musicais tem um papel significativo na construção de seu projeto de vida, pois a atividade musical pode ser considerada um ponto importante na experiência do indivíduo, alterando, dessa forma, tanto o modo como este se pensa no presente e como projeta o seu futuro.

2.4 – AFETIVIDADE

O conceito de afetividade surgiu na pesquisa após o início das observações na Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco. Em certo momento foi possível perceber que os conceitos de experiência e projeto de vida não seriam suficientes para ajudar a compreender o papel da música no contexto daqueles adolescentes e, então, parti para a análise das anotações no diário de campo. Assim, saltaram aos olhos as diversas emoções que surgem nos relatos das observações, desde a doação dos sujeitos à música, as amizades, amores e inimizades que nascem devido ao fato de fazerem parte da banda. Percebi então que a afetividade poderia ajudar a compreender o modo como a música se insere na experiência desses sujeitos e influencia seus projetos de vida. Para tanto, busquei o aporte dos textos de Sawaia (2014), Maheirie e seus colaboradores (2003, 2005, 2007, 2008), e Brandão (2012), que debatem a questão da afetividade na formação da subjetividade. Os textos têm em comum o fato de fundamentarem suas discussões sobre os afetos na teoria de Vygotsky²⁵, e, assim, a afetividade será apresentada aqui a partir do olhar desses autores contemporâneos, que escrevem no contexto brasileiro, sobre a obra deste autor. É necessário deixar claro que não

²⁵ Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) foi um grande pensador do século XX, que dedicou grande parte de sua vida aos estudos sobre o modo como as funções psicológicas superiores, entre elas as emoções, se formam e se modificam pela apropriação cultural, mediada pela linguagem.

será realizado um aprofundamento teórico na obra de Vygotsky, mas sim uma reflexão sobre a afetividade e sua relação com o objeto de estudo deste trabalho a partir dos autores acima citados.

A teoria das emoções de Vygotsky, como já dito acima, é o ponto em comum entre os autores aqui trabalhados, e não é difícil imaginar o motivo. O psicólogo russo é um dos maiores expoentes no estudo dos afetos, e sua psicologia sócio-histórica uma base muito frutífera para o desenvolvimento de estudos psicológicos de cunho materialista. Vygotsky buscou, durante sua trajetória teórica, como aponta Brandão, a superação de uma psicologia fragmentada e a criação de uma psicologia dialética, que considere o indivíduo como ser inteiro, “dotado de sentido e que se constrói na práxis social” (Brandão, 2012, p. 17). De acordo com Sawaia e Maheirie (2014), a meta de Vygotsky era “operar um deslizamento metodológico dos conceitos psicológicos, promovendo o enraizamento deles na organização histórico-social, e, dialeticamente, do social no psiquismo.” (2014, p.1) Essa idéia de sujeito inteiro e ativo em sua formação é consonante com as idéias já apresentadas ao longo deste trabalho com base nas obras de Leontiev, E. P. Thompson e Gilberto Velho, pois se acredita que o sujeito se constrói com base no social, mas que ele é ativo tanto na sua formação como indivíduo quanto na formação da sociedade como tal, ou seja, “enfatizamos que o ser humano é produto da história ao mesmo tempo que é seu produtor.” (Maheirie, Zanella et al, 2005, p. 192) Corrobora com essa idéia a afirmação de Sawaia e Maheirie (2014), segundo a qual uma das maiores contribuições de Vygotsky é “demonstrar que as determinações sociais, embora constituintes da condição humana, não destroem a singularidade, a liberdade e a criação, e que, portanto, o sujeito da necessidade estética, da criação e da liberdade não é subjugado, mas configurado socialmente” (2014, p. 2).

Um dos mais importantes aspectos da teoria sobre os afetos de Vygotsky levantado por Brandão (2012) diz respeito ao fato de serem as emoções funções psicológicas superiores. Isso significa dizer que elas, como todas as outras funções psicológicas superiores, são construídas no processo de desenvolvimento da espécie, sendo, portanto, históricas e de origem sócio-cultural. A característica principal dessas funções é de se relacionarem umas com as outras, ou seja, não é possível separar os afetos das demais facetas do pensamento e comportamento humano. Além disso, ao longo do desenvolvimento humano as conexões entre as funções psicológicas superiores se alteram, modificando a consciência como um todo. Assim, afirma Brandão, “o que ele [Vygotsky] quer enfatizar aqui é que o sentimento é histórico e que se desenvolve dentro de um contexto social e ideológico, que o altera,

produzindo-se assim novos nexos entre o sentimento e as outras funções psicológicas” (2012, p.166).

Maheirie (2003) diz que a afetividade compreende as emoções e os sentimentos, definidos por Sawaia (1994, *apud* Maheirie, 2003, p. 148) como sendo os sentimentos os estados mais “estáveis” da afetividade, ou seja, o amor, o ódio, ou qualquer outro sentimento que não tenha como característica a explosão. Já as emoções seriam caracterizadas pelo caráter explosivo da afetividade, sendo exemplo delas a paixão, a raiva, etc. Tanto emoção quanto sentimento estão contidos na atitude afetiva, como aponta Maheirie (2003), e se caracterizam por serem formas específicas de se relacionar a um objeto e, segundo a autora, a afetividade contempla as emoções e os sentimentos como formas específicas de relação entre subjetividade e objetividade.

De acordo com Sawaia (*apud* Maheirie e Hinkel, 2007, p. 91), a afetividade é constitutiva do pensamento e da ação humanos, tanto coletivos quanto individuais, e, assim como os sujeitos, é histórica por estar sempre em construção, sendo fenômeno objetivo e subjetivo, “matéria prima básica da condição humana” (p. 91). Kátia Maheirie e Jason Hinkel (2007) afirmam que a afetividade é da ordem do encontro, por ser constituída no modo como o sujeito afeta e é afetado pelos outros por meio das relações sociais, idéia também apresentada por Brandão (2012). De acordo com Maheirie, Zanella, et al (2005), “a afetividade é o produto das relações de um sujeito em um contexto social. (...) A afetividade é um modo específico de um sujeito relacionar-se, fazendo-se mediação para toda e qualquer relação que for vivenciar em determinados contextos” (2005, p.192).

Maheirie e Hinkel (2007) afirmam que a música, assim como qualquer outra forma de arte, deve ser considerada como uma atividade humana que está inserida em um contexto social, histórico e político. Para Maheirie et al (2005), Vygotsky deixa claro que as manifestações artísticas não podem ser consideradas como meios de expressão das emoções, mas que são, na realidade, um modo de objetivação da experiência humana, corroborando com o que foi dito acima, de que a arte é uma atividade inserida em um determinado contexto. Assim, os sujeitos que estão em contato com a música, como os adolescentes membros da Banda Meninos e Meninas de Dom Bosco, devem ser pensados como humanos situados sócio-historicamente, e que vivem mediante as condições objetivas e subjetivas específicas, dentre elas o contexto de realização da atividade musical, indo ao encontro do que diz Gilberto Velho sobre o campo de possibilidades. Esse aspecto também é consonante ao conceito de atividade apresentado, já que a atividade musical é uma forma de objetivação da subjetividade formada através da apropriação ativa da cultura, fruto da atividade humana.

Maheirie (2003) aponta que a música é uma linguagem reflexivo-afetiva, ou seja, envolve um tipo de reflexão que se faz possível por meio da afetividade, e uma afetividade que ocorre por meio de uma reflexão. Assim, exatamente por despertar a afetividade, a música, de acordo com a mesma autora, parece alterar a forma como o sujeito significa o mundo que o cerca. Essa relação construída com o mundo através da estética é capaz de proporcionar, como aponta Maheirie et al (2008), uma ressignificação da relação desse sujeito consigo mesmo e com os outros.

De tal feita, é possível relacionar, através do fazer musical, os quatro conceitos-chave desse trabalho, que são atividade, experiência, projeto de vida e afetividade. A experiência dos sujeitos é modificada pela afetividade construída no fazer musical²⁶ e no contato com os outros membros da banda, e esta experiência modificada constrói novas possibilidades para a elaboração de seus projetos de vida.

De acordo com Lane (1995a, p. 62), “somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam”. Nessa tríade, portanto, está calcada a análise presente nesse trabalho: o fazer musical dos sujeitos, a experiência, fruto da reflexão sobre seu cotidiano, e a afetividade construída nesse contexto como possibilidades de influenciar a elaboração dos projetos de vida dos jovens músicos.

2.5 – A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO ADOLESCENTE

No texto intitulado “A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão” (2004), Ana Bock discute as produções da psicologia sobre a adolescência voltadas para pais e professores, questionando a forma como os psicólogos compreendem a formação do psiquismo humano²⁷. A autora se vale das obras de Leontiev para debater a formação social da consciência humana,

²⁶ Conforme já apontado anteriormente, o fazer musical é o modo como a atividade musical foi denominada nas pesquisas filiadas à pesquisa-intervenção “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”.

²⁷ Ana Bock (2004), em seu texto, parte dos resultados de uma pesquisa que investigou o modo como a adolescência era representada na produção da Psicologia e em livros voltados para pais e psicólogos. A autora conclui que, marcadamente, a adolescência não é tratada nas obras analisadas como fenômeno social, mas sim como um aspecto natural da vida humana, claramente identificável, já que possui características bem definidas, e que é universal. É exatamente contra essa idéia que o texto se apresenta, destacando o caráter social da adolescência.

e, assim, a partir do conceito de atividade já apresentado, destrinchar a formação histórica do fenômeno social denominado de adolescência.

Conforme as idéias já apresentadas, acreditamos que a formação da consciência humana se dá no social, através da apropriação da cultura humana, que se subjetiva na consciência do sujeito e este a objetiva em suas ações no mundo. Como destaca Bock (2004), Leontiev afirma que não há qualquer característica especificamente humana que tenha sido transmitida ao sujeito de forma hereditária, tendo sido todas aprendidas no convívio social, nas palavras do autor, “podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser um homem” (Leontiev, 1978b, p. 267 *apud* Bock, 2004, p. 30).

Assim, conforme aponta Bock (2004), essas idéias são importantes para o debate sobre a adolescência que não a cristalice, ressaltando que esta é um fenômeno social e não natural. Destarte, como fenômeno social, é possível compreender o surgimento deste, e, portanto, conhecer melhor a adolescência em nossa sociedade. Além disso, a já apresentada importância da classe na formação da consciência do indivíduo também merece destaque na formação do que conhecemos adolescência, já que irá configurar diferentes indivíduos, e, portanto, é também impossível falar em uma única forma de ser adolescente.

Na teoria sócio-histórica, conforme destaca Bock (2004), a adolescência é compreendida como uma construção social que tem conseqüências na formação da subjetividade e no desenvolvimento humano, e não uma fase do desenvolvimento natural do sujeito. Estão associadas a esse fenômeno as mudanças corpóreas, mas, segundo a mesma autora, essas mudanças não fazem com que adolescência seja um fato unicamente biológico. Juntamente com as mudanças corpóreas outras características identificam o que chamamos em nossa sociedade de adolescência, e essas mudanças biológicas são representadas de forma específica em cada sociedade. Ou seja, as mudanças não são características da adolescência por si, elas caracterizam a adolescência por serem representadas socialmente de uma determinada forma. O exemplo dado por Bock (2004) é muito ilustrativo: o ganho de seios nas meninas e o aumento de força muscular nos meninos podem ser vistos de diferentes formas; o crescimento dos seios pode significar a possibilidade de alimentar os filhos, e a força muscular pode ser símbolo da capacidade de guerrear ou caçar, mas em nossa sociedade essas mudanças tornaram-se símbolo de sensualidade e virilidade, respectivamente. Assim, o que se entende atualmente como adolescência não pode ser tomado como natural, é uma construção social que os sujeitos apropriam e se formam, ou seja, a adolescência é uma possibilidade de identidade social, como padrão de comportamento, para esses sujeitos.

De acordo com Ana Bock (2004), a compreensão desse período do desenvolvimento humano como adolescência surge a partir das revoluções industriais. Com a crescente sofisticação do trabalho, que deixa de ser somente “artesanal” e passa a exigir o domínio de máquinas, aumenta a exigência de formação, e, portanto, prolonga o tempo dedicado à escolarização ao longo da vida do sujeito. Junto a isso, o desemprego estrutural da sociedade capitalista exige que se afaste do mercado de trabalho pessoas que antes faziam parte da mão-de-obra, o que retarda o início da dedicação ao trabalho. Dessa forma, a escola prepara melhor os indivíduos e faz com que fiquem mais tempo sem trabalhar. Estão dadas, portanto, as condições de criação desse novo grupo social: maior convívio entre pares no ambiente escolar e a manutenção da tutela dos pais, mas um distanciamento dos adolescentes destes, devido ao maior convívio entre jovens.

Assim se forma a adolescência, que, segundo Bock (2004), é um período de latência antes da entrada no mercado de trabalho criado pelo capitalismo. As demais características relacionadas a esse período, como as transformações no corpo já citadas, fazem parte da construção social da adolescência ao se tornarem símbolos desse período, ajudando a caracterizá-lo. Conforme já dito anteriormente, as transformações biológicas existem e são importantes, mas não criam ou são a base da adolescência.

Conforme será apresentado no tópico seguinte, os sujeitos da pesquisa são os membros da Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco que se encontram na fase da adolescência. A escolha, na presente pesquisa, de que adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos tem por base os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que compreende como adolescentes os sujeitos de nossa sociedade que se encontram dentro dessa faixa etária. Como no Brasil a entrada formal no mercado de trabalho se dá apenas após os dezoito anos e a frequência escolar é obrigatória até essa idade, compreendemos que a faixa etária escolhida é adequada aos objetivos da pesquisa e aos fundamentos teóricos apresentados, pois compreende os sujeitos que, conforme apontado anteriormente, vivem essa latência anterior à entrada no mercado de trabalho.²⁸

²⁸ Sabemos que, principalmente na classe operária, a entrada no mercado de trabalho se dá antes da idade de dezoito anos, assim como, muitas vezes, a escolarização obrigatória, ou seja, a conclusão do Ensino Médio, nem sempre é finalizada. No entanto, como é necessária a delimitação de limites de idade para a formação do grupo de sujeitos a serem pesquisados, tal faixa etária foi escolhida, por se acreditar que esta é a que melhor representa a idéia adolescência em nossa sociedade.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

3.1 – DEFINIÇÃO DO GRUPO E DOS INFORMANTES

A Banda Meninos e Meninas de Dom Bosco é composta por 52 membros, com idades entre 9 e 29 anos, que vivem, em sua maioria, nos bairros da periferia de São João del-Rei que são mais próximos ao local em que a banda desenvolve suas atividades. Glauter Martins é o mastro da banda e desenvolve tal atividade desde setembro de 2010, quando seu tio, que era até então o regente da banda, deixou o posto e ele foi convidado para assumir a regência.

A partir desses dados e das observações dos ensaios definiu-se que os sujeitos da pesquisa seriam os membros da banda que estão na adolescência, o que possibilitaria atingir os objetivos do trabalho. Não seria possível trabalhar as questões aqui apresentadas com as crianças, pois acredito que não iríamos encontrar a reflexão necessária sobre o contato com a música e com o grupo, até mesmo porque, provavelmente, elas não estariam há muito tempo na banda, já que a média de idade de entrada dos membros é entre 7 e 8 anos. Já os adultos entrariam na questão já mencionada de já ter ocorrido a escolha profissional, e mesmo que não tenham escolhido se tornar músicos profissionais, haveria a influência desta escolha em sua experiência. Com os adolescentes é possível encontrar um certo tempo de participação na corporação, suficiente para falar sobre esse contato, e a profissão, como foi visto nas observações, ainda não foi escolhida por grande parte dos sujeitos, o que pode mostrar como a música é vista por eles, tanto como opção profissional ou outra relação estabelecida entre esta e seus projetos de vida.

Além das questões já mencionadas, Lane e Camargo (1995c) destacam um trecho da obra de Vygotsky em que este ressalta as diferenças nas estruturas de pensamento das crianças e dos adolescentes. Segundo Vygotsky, o pensar da criança se apóia em suas memórias, e pensar é recordar. Já no adolescente acontece o oposto, a memória se baseia no pensamento, e rememorar é buscar uma seqüência lógica nos acontecimentos. É na adolescência, segundo Vygotsky, que surge o pensamento em conceitos, fundamental para a compreensão do mundo e de si mesmo. Dessa forma, ao buscarmos compreender como o contato com a música promove afetos nos sujeitos, como isto modifica o modo como eles pensam o cotidiano, e como isso influencia seus projetos de vida, é necessário pesquisar sujeitos que sejam capazes de elaborar essas questões. Assim, a percepção das transformações

provocadas pelo contato com a corporação em suas vidas seria muito complexa, nos termos que buscamos nessa pesquisa, para crianças.

Os informantes foram escolhidos após as observações, conforme constará na descrição da metodologia. Foram escolhidos cinco adolescentes que desde o início se abriram ao contato com a pesquisa e que durante as observações sempre se mantiveram mais próximos, fornecendo a maior parte das informações coletadas inicialmente. São quatro meninas e um menino: Luly, 18 anos, Lee, 14 anos, Mandy, 14 anos, Yo, 17 anos, e Two, 16 anos²⁹.

3.2 – OBJETIVOS E METODOLOGIA

Os objetivos do presente trabalho giram em torno de entender como o fazer musical, importante aspecto da formação da subjetividade desses sujeitos, modifica uma parte da experiência destes, compreender os afetos que surgem da relação entre os membros e da atividade musical em si e compreender como a experiência modificada pela atividade musical e os afetos produzidos influenciam a elaboração dos projetos de vida dos mesmos. Para tentar entender esses aspectos, buscarei compreender como a atividade musical, o fazer musical, que se refere à maneira como a atividade de músico tem sido caracterizada em nossas pesquisas, e o ser membro de uma corporação musical modificam o modo como esses adolescentes pensam sua vida e seu cotidiano, e também o modo como isso modifica a elaboração de seus projetos de vida.

O estudo da bibliografia dedicada à pesquisa sobre os projetos de vida permitiu avaliar que para ser possível compreender a dinâmica dos projetos de vida dos adolescentes sujeitos da pesquisa é necessário estabelecer um contato extensivo com esses sujeitos. Além disso, como afirma Silvia Lane (1995a), a metodologia decorrente da adoção de uma postura materialista-dialética deve partir de dados empíricos para se chegar ao concreto, que afirma ser a essência do fenômeno estudado. Ainda nesse sentido, Fonseca (1999) afirma que a etnografia é calcada em uma ciência do concreto. Thompson (1981) também afirma que só se pode conhecer um sujeito ao acompanharmos a sua história. Para tanto, escolhi trabalhar com uma metodologia de inspirações etnográficas, que associa as observações participantes ao registro no diário de campo. Acredito que essa metodologia permitirá compreender, a partir da

²⁹ Todos os nomes dos informantes são fictícios.

visão dos sujeitos da pesquisa, a inserção da música na experiência desses adolescentes e a participação dessa experiência em seu projeto de vida.

Faz-se necessário explicitar os motivos de denominar o método como “inspiração etnográfica”, e não etnografia. A literatura sobre o método etnográfico muitas vezes aponta que o problema de pesquisa não deve ser elaborado previamente, devendo ser identificado após o início das observações no campo. Além disso, deve se realizar observações durante o maior tempo possível, que possibilite identificar o problema a ser estudado, estabelecer uma boa relação com os sujeitos e que possibilite uma análise da realidade estudada o mais completa possível. No entanto, o ingresso em um curso de Mestrado exige a elaboração de um projeto de pesquisa, onde deve ser desenvolvido o problema a ser pesquisado. Essa exigência já elimina a possibilidade de uma pesquisa, que dure apenas o tempo do Mestrado, não possuir um problema previamente delimitado. Além disso, a duração do Mestrado limita o tempo que pode ser dedicado às observações da realidade pesquisada. Dessa forma, para não incorrer em erros resultantes de uma incorreta aplicação do método etnográfico, ficou definido que a pesquisa seria realizada através de um método que se inspirasse na etnografia, que passo a descrever³⁰.

O extensivo contato com os sujeitos se faz necessário, como aponta Zaluar (1985), pois é no desenvolvimento da pesquisa e na relação construída entre pesquisadores e sujeitos que os significados surgem, sendo a pesquisa, segundo a mesma autora, mais que uma mera obtenção de dados, mas uma relação social em que, tanto pesquisador quanto pesquisados, se permitem conhecer. Silvia Lane (1995b) afirma ser muito rico o estudo dos indivíduos em seu cotidiano, por permitir observar os acontecimentos no momento em que ocorrem. A autora afirma que, nesse caso, o registro empírico pode tornar-se mais complicado, mas que a observação participante e o registro etnográfico tornam esse registro contundente. Geertz (1989) também aponta que o registro da cultura deve-se basear na observação dos acontecimentos, já que se pretende fazer uma interpretação destes, não podendo deixar de lado sua descrição.

O contato com os sujeitos da pesquisa, a partir da perspectiva do método escolhido, só torna-se possível através da observação participante, onde há a inserção do pesquisador no cotidiano dos sujeitos pesquisados e pressupõe a convivência entre as partes. Esse procedimento, juntamente com entrevistas realizadas com os adolescentes, permite que se construa um conhecimento sobre esses sujeitos, sendo eles, ao longo de toda pesquisa,

³⁰ Agradeço às professoras Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo e Larissa Medeiros Marinho dos Santos pelas contribuições dadas à construção do método de pesquisa durante as discussões em sala de aula.

informantes de sua realidade. De acordo com Cláudia Fonseca (1999), o ponto de partida da etnografia é a interação entre o pesquisador e seu objeto, sendo este método o protótipo do qualitativo. Zaluar (1985) afirma que os agentes da cultura, ou seja, os sujeitos-informantes da pesquisa, possuem a capacidade de se distanciar de suas práticas, não sendo necessário o distanciamento do pesquisador, como afirma o método objetivista de ciência. Assim como não é necessário o distanciamento do pesquisador, Zaluar (1985) afirma que não é possível chegar à realidade dos sujeitos se considerarmos que eles são inconscientes de sua condição, sendo o distanciamento – embora limitado – desses sujeitos capaz de produzir um discurso revelador de sua realidade, experiência e planos. Assim, através da observação participante do cotidiano dos adolescentes músicos da Banda Meninos e Meninas de Dom Bosco e das entrevistas com os mesmos, considero ser possível “tocar” os seus projetos de vida.

Sato e Souza (2001) afirmam, com base em Rockwell (s.d), que o pesquisador etnógrafo é que vai, a cada situação em campo, estabelecendo as estratégias para colher informações, não sendo possível, nesse método, a utilização de procedimentos enrijecidos, aplicáveis, como dogmas, a qualquer situação. Mas essa aparente liberdade, na verdade, aponta para a necessidade de um grande rigor metodológico, como apontam Sato e Souza (2001). Assim, para que seja possível a realização da pesquisa, é necessário que se delimite bem os objetivos da mesma e que se conheça a natureza do objeto, além de nos questionarmos constantemente sobre as nossas atitudes em campo, os nossos objetivos e sobre o que nos parece (e o que não parece) familiar. Fonseca (1999) aponta em seu conhecido artigo “Cada caso NÃO é um caso” diversas características da abordagem etnográfica. De acordo com a autora, o método etnográfico é um encontro tenso entre a sacralização do indivíduo e a reificação do social, e, portanto, deve-se caminhar bem nesse interstício. É necessário caracterizar bem o microcosmo de análise para, assim, conseguir relacionar essa realidade a algo mais geral, não fixando a análise a apenas um contexto específico. Segundo ela, o etnógrafo parte do particular para chegar ao geral. Dessa forma, o dado sobre os sujeitos sem uma contextualização social não tem validade, pois, segundo Fonseca, é esse enquadramento que traz o rigor das pesquisas qualitativas. No entanto, ao contrário de outras vertentes antropológicas, os informantes da pesquisa etnográfica não são escolhidos previamente de acordo com um tipo ideal, quase estatisticamente escolhidos para serem “representativos”. Na etnografia, primeiro fazem-se as observações para então encontrar as generalizações possíveis. Como já dito, parte-se do particular para o geral. Assim, os informantes da pesquisas vão surgindo ao longo das observações, de acordo com as necessidades que surgem no campo, e são situados em seu contexto histórico e social.

Portanto, em uma pesquisa que busca se inspirar na etnografia como método, não é possível deixar de mencionar o diário de campo como procedimento de pesquisa. Esse diário nos permite registrar as nossas impressões cotidianas da convivência com os sujeitos, tornando possível objetivarmos os nossos estranhamentos e nossas familiaridades, trazendo às claras, para nós mesmos, as implicações de nossa subjetividade na pesquisa, permitindo traçarmos o que Geertz (1989) chama de “descrição densa”. Cláudia Fonseca (1999) afirma que o método etnográfico propicia o estudo da subjetividade, mas, exatamente por estarmos trabalhando no campo das subjetividades devemos deixar claro também a nossa subjetividade na pesquisa. Devemos esclarecer quais as nossas razões mais particulares para a escolha daquele objeto, como nós, como sujeitos, estamos contextualizados socialmente, e, entre diversos outros aspectos, como aquela pesquisa impacta em nós. Esses esclarecimentos fazem parte da pesquisa etnográfica, pois se consideramos que esta é feita no contato entre as subjetividades do pesquisador e do objeto/sujeito, ao revelarmos os aspectos subjetivos desse objeto (que é o resultado da pesquisa), precisamos também revelar os aspectos subjetivos do pesquisador, pois somos parte da realidade pesquisada, como afirma Fonseca (1999). E, para além disso, a mesma autora afirma que o resultado da pesquisa etnográfica é fruto do ir e vir do pesquisador entre o universo simbólico do pesquisado e seu próprio universo simbólico, ressaltando a alteridade para a compreensão do universo dos pesquisados.

O diário de campo torna-se fundamental para os registros da prática da pesquisa, sendo revelador de diversos significados que surgem no cotidiano e que podem, muitas vezes, não serem notados pelo pesquisador. Devido a essa importância, Vanessa Neves (2006) afirma que este instrumento é um elo entre as observações de campo e a análise de dados. As impressões do pesquisador, seus primeiros *insights* sobre a pesquisa, os dados colhidos diretamente dos sujeitos observados, são registrados no diário de campo e, portanto, é a partir desse registro que são feitas as interpretações que resultam no texto final da pesquisa. Assim, entre a observação e a apresentação do resultado está o diário de campo.

3.2.1 - PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

O primeiro procedimento da pesquisa foi o pedido de autorização para pesquisar os adolescentes membros da banda. Primeiramente essa autorização foi pedida ao fundador e presidente da Banda Salesiana Meninas e Meninos de Dom Bosco, o Padre Raimundo

Dilermano Afonso, como uma autorização para pesquisar a corporação por ele presidida. Em seguida foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), entregue para os sujeitos após o contato com a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco e a autorização para a realização da pesquisa com seus membros. Neste termo, que segue em anexo, constam as condições de realização da pesquisa, para que os sujeitos fiquem cientes de todas as etapas da mesma. No caso de adolescentes menores de 18 anos foi necessário que os pais ou responsáveis autorizassem a participação destes na pesquisa mediante a assinatura do TCLE elaborado para os pais e/ou responsáveis, indicando que concordam com a participação dos menores de idade na pesquisa nas condições especificadas³¹.

Após essa autorização, como já indicado, iniciou-se o processo de observação participante do cotidiano musical dos adolescentes. Essas observações tiveram seu início em agosto de 2015 e entre os meses de agosto e novembro foram realizadas observações semanais dos momentos de interação dos adolescentes que precediam o ensaio, que também tem como objetivo o estudo dos instrumentos. A duração das observações variava de acordo com as atividades dos sujeitos nos dias, com o tempo que eles tinham disponível para conversar com a pesquisadora “perguntadeira” e, principalmente, com o “clima” do dia. Exemplifico: já observei ensaios inteiros para ver como se dava a interação entre os membros e entre os membros e o maestro, e também para me aproximar dos sujeitos, assim como já fiquei apenas meia hora com eles por ser um dia muito tenso, pois era a semana anterior ao concerto anual, e não queria atrapalhar seus estudos. Essas primeiras observações aconteceram com o objetivo de conhecer melhor os sujeitos e a realidade da banda, coletar as informações básicas para dar início à tentativa de pesquisar esses adolescentes e seus modos de pensar. Assim, tentei conversar bastante com eles sobre temas de seus cotidianos, procurei saber onde moravam, onde estudavam, quis saber sobre como era a relação entre eles e também iniciar o entendimento da relação deles com a banda e com a música. Essas observações também foram de grande utilidade para definir os informantes, que foram escolhidos com base no modo como se abriram à pesquisa, e a disponibilidade para dar informações. Além disso, essas primeiras observações foram utilizadas para balizar a escolha teórica e acrescentaram um conceito a ser estudado para ajudar a compreender essa realidade, que foi o de “Afetividade”.

³¹ O projeto foi enviado para avaliação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São João del-Rei através do site Plataforma Brasil, tendo como identificador o CAAE 57356316.6.0000.5151. O projeto foi aprovado pelo parecer de número 1859113.

No dia 17 de março de 2016 apliquei o questionário, que elaborei com o objetivo de mapear melhor o número de membros frequentes, divisão por gênero, bairro em que moram, escola em que estudam, o número de membros que já trabalham e quais atividades realizam em seus momentos de lazer. Aproveitei o questionário também para perguntar quem aceitaria participar da entrevista grupal. No caso, quem aceitasse deveria deixar o número de telefone para que eu entrasse em contato. Foram respondidos 34 questionários, e deste total, 28 membros aceitaram participar.

A entrevista grupal foi realizada com o objetivo de aprofundar a compreensão das relações afetivas desenvolvidas pelos membros da corporação entre si e a sua relação com a música. O início se deu através de uma questão que fosse capaz de desencadear a fala dos adolescentes, e busquei deixá-los o mais a vontade possível para falar sobre o assunto. O procedimento foi gravado e também registrado no diário de campo. O encontro foi agendado através do aplicativo de conversas *Whatsapp*, onde adicionei os membros que haviam indicado no questionário que aceitavam participar. A entrevista foi realizada no dia 14 de abril de 2016, e teve a participação de 17 adolescentes. Nesse momento busquei tratar de assuntos relativos à banda e a relação deles com a corporação, como a relação estabelecida entre os membros do grupo, os motivos que os levaram a participar da banda, além de tentar ver as diversas nuances que aparecem quando se trata da presença da música em seus projetos de vida. A partir desse encontro e das observações elaborei os roteiros das entrevistas individuais com os informantes.

Já as entrevistas individuais foram realizadas após a grupal, já que tinha como um de seus objetivos aprofundar os assuntos debatidos na primeira, dessa vez com os informantes. Tais entrevistas eram semiestruturadas e as perguntas base foram elaboradas com base nas observações anteriores e nos desdobramentos da grupal. O roteiro foi flexível para possibilitar o surgimento de outras questões levantadas pelo entrevistado, levando a um maior conhecimento dos assuntos debatidos. O objetivo de tais entrevistas é abordar de maneira mais verticalizada e individualizada os aspectos investigados na pesquisa aqui delineada, quais sejam, o papel da música na experiência dos adolescentes e a relação dessa experiência com seus projetos de vida. As entrevistas individuais foram realizadas nos dias 09 de junho com a Lee, 23 de junho com a Yo, 07 de outubro com a Luly, 09 de novembro com o Two e 11 de novembro com a Mandy.

Para o registro minucioso desse processo, juntamente com as impressões do pesquisador, foi adotado o procedimento de registro etnográfico já mencionado: o diário de campo. Assim, após o contato em campo com os sujeitos da pesquisa e a realização de

entrevistas em grupo e individuais, teve início a análise dos registros do diário de campo, que permitiram escrever sobre a realidade pesquisada. Juntamente com a análise do diário de campo, foi efetuada também a análise das entrevistas realizadas com os adolescentes. A partir desse processo foi empreendida a escrita da dissertação, com base nas construções realizadas juntamente com os sujeitos da pesquisa.

De tal feita, a produção dos dados da pesquisa se deu em três frentes: as observações dos ensaios, a entrevista grupal e as entrevistas individuais com os informantes, tudo registrado em gravações e diários de campo. Assim, após todo o processo de coleta foi realizada a análise do material a fim de se obter os resultados da pesquisa, que serão discutidos à luz dos referenciais teóricos que guiam a pesquisa.

3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Acredito que toda a pesquisa deve ser guiada por uma clara orientação epistemológica que deriva da visão de mundo e de sujeito do pesquisador, e que, portanto, deve nortear desde a escolha dos referenciais teóricos até a metodologia e análise empregadas. Conforme apresentado diversas vezes ao longo do texto, a base epistemológica desta pesquisa é o materialismo histórico, e tanto os conceitos utilizados como referencial para a compreensão das subjetividades pesquisadas quanto o modo de construir a pesquisa, ou seja, o método, partem deste princípio. Dessa forma, o modo como as entrevistas serão analisadas também foi encontrado dentro da Psicologia ligada ao materialismo histórico.

A busca por métodos que ajudassem a compreender os indivíduos como sujeitos inteiros, agentes em sua história e contextualizados social e historicamente nos levou a uma preocupação com o modo como analisar as entrevistas. Buscávamos um método de análise que não focalizasse, como aponta Aguiar (2007), o superficial, mas sim desse destaque à subjetividade presente na fala, que não fosse meramente instrumental ou baseado apenas em quantificações. Encontramos a solução no método de análise da Psicologia Sócio-Histórica, muito bem descrito por Wanda Maria Junqueira Aguiar (2007).

De acordo com Aguiar (2007), a linguagem é a mediadora da subjetividade e também expressa, como fruto da atividade humana, as significações que foram construídas ao longo do processo histórico. Assim, compreender o que o sujeito diz demanda a compreensão do significado de sua fala, que tem origem em seu pensamento, em sua construção social como

sujeito. O significado, segundo a autora, tem origem no pensamento emocionado, e é parte integrante da palavra; é palavra e pensamento ao mesmo tempo. Para a compreensão desse significado, que conforme apontado origina-se em um processo interno, é necessário relacioná-lo a uma atividade exterior, tornando a palavra a *unidade de análise*. Dessa forma, a palavra é tomada como meio para a compreensão dos aspectos que constituem a subjetividade, sem deixar de lado o fato de que a subjetividade é uma construção social e histórica, e, portanto, todo e qualquer sentido elaborado pelo sujeito também o é.

Esse método de análise considera que a fala do sujeito é a palavra com significado, e, portanto, conforme apresentado, não contém em si toda a totalidade do processo de formação da subjetividade que ela expressa. Nas palavras de Aguiar (2007)

a fala, construída na relação com a história e a cultura, e expressa pelo sujeito, corresponde à maneira como este é capaz de expressar/codificar, neste momento específico as vivências que se processam em sua subjetividade; cabe ao pesquisador o esforço analítico de ultrapassar essa aparência (essas formas de significação) e ir em busca das determinações (históricas e sociais), que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos), para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo sujeito (Aguiar, 2007, p. 131).

Dessa forma, o pesquisador deve partir da fala do sujeito para buscar elaborar um conhecimento que explicita a realidade pesquisada, e essa elaboração ocorre através da teoria que sustenta a pesquisa. Ou seja, a teoria deve estar sempre presente na análise das falas dos sujeitos, mas sem que se considere que a teoria deve ser capaz de assimilar tudo o que a realidade empírica apresenta. A teoria deve auxiliar a análise e orientar o pensamento do pesquisador, e não engessá-los.

Portanto, ao partirmos para a análise das entrevistas devemos ter em mente que a fala dos sujeitos são construções, que são elaboradas por eles com base no social, já que, conforme já dito, a consciência é formada através da apropriação ativa do sujeito da cultura. O método para a análise deve buscar, portanto, compreender o processo de construção da fala, partindo da palavra como unidade. O primeiro passo descrito por Aguiar (2007) é a organização dos *núcleos de significação do discurso*, que são elaborados pelo pesquisador com base nos temas e questões centrais apresentados pelos sujeitos na entrevista, que são identificados pelo pesquisador não pela frequência com que aparecem na fala, mas sim pelo que motivam, pelas emoções que geram. Outra possibilidade é organizar esses núcleos em torno dos *não-ditos* que o pesquisador considera que são importantes. Ou seja, algum aspecto central para a compreensão da realidade pesquisada e que não aparece em momento algum nas falas. Essas ausências podem ensejar a organização de um núcleo em torno delas, por também fazerem

parte da construção da subjetividade dos sujeitos. Esses núcleos devem se relacionar entre si e trazer as informações mais relevantes para a compreensão da realidade pesquisada. Outro ponto importante ressaltado por Aguiar (2007) é que esses núcleos devem ser organizados com base nos objetivos da pesquisa. Os núcleos devem funcionar como organizadores das falas dos sujeitos, e devem responder às questões propostas pela pesquisa.

A partir dessa organização das falas em núcleos parte-se para a análise destas em conjunto com os outros dados que o pesquisador possui, conforme aponta Aguiar (2007). Essa análise em conjunto é importante para compreender o sujeito como ser inteiro, em conjunto com o social e o histórico, e a análise apenas do discurso do mesmo não permite essa compreensão, conforme aponta a autora. De acordo com Aguiar (2007),

as falas/conteúdos/emoções do sujeito, organizadas em núcleos, precisam ser articuladas com o processo histórico que as constitui, enfim como base sócio-histórica constitutiva da subjetividade, para aí sim explicitar como o sujeito transformou o social em psicológico e assim constituiu seus sentidos (Aguiar, 2007, p. 137).

Na pesquisa aqui descrita, tais núcleos serão analisados juntamente com os outros dados de pesquisa coletados, como, por exemplo, os dados presentes no questionário, mas, principalmente, com as anotações do diário de campo, tão caras à pesquisa. Além disso, conforme ressalta a autora, os núcleos não devem ser analisados de forma separada, mas sim articulados uns aos outros, ou correríamos o risco de fragmentar as falas dos sujeitos. Assim, a fala é separada em núcleos de significação para que se possa compreender as questões centrais apresentadas pelos sujeitos, mas depois esses núcleos são reintegrados, de modo que se compreenda a fala de forma mais global, como um processo. Conforme destaca Aguiar (2007), somente quando levamos em conta a realidade social é que conseguir explicar um processo que é, ao mesmo tempo, individual e social.

CAPÍTULO 4 – COTIDIANO DE MÚSICO E AS HISTÓRIAS DOS SUJEITOS: RELATOS E ANÁLISES

4.1 – OBSERVAÇÕES DO COTIDIANO

Chegar ao local de pesquisa pela primeira vez, eu imagino, é para todo pesquisador um momento de grande ansiedade. Comigo, claro, não foi diferente. O medo de não ser aceita me acompanhou nesse momento, e durante um bom tempo da pesquisa. A pesquisa de inspiração etnográfica, ao mesmo tempo em que me atraía, me causava um pouco de medo. A idéia de um contato tão próximo com os sujeitos foi o que eu sempre busquei para a pesquisa e, exatamente por ser tão buscada, fazia com que eu tivesse receio de não conseguir me aproximar, de não conseguir construir uma boa relação com os adolescentes. Isso, eu sabia, tornaria a feitura da pesquisa impossível. Mas, com bastante cuidado e muito afeto, consegui me aproximar dos meninos, e pude contar com toda a colaboração deles para obter as informações necessárias, sendo convidada por eles a participar da realidade da corporação, de seus dramas cotidianos e de suas alegrias. É essa convivência e essa realidade que passo, ainda que de maneira muito reduzida, já que a complexidade de suas experiências não cabe no papel, a narrar aqui. Vamos a outra parte da história, comecemos do começo: os primeiros contatos com a corporação.

No primeiro dia de pesquisa de campo, em setembro de 2015, fui procurar o Padre Marreco: ele não estava, tinha ido celebrar uma missa de corpo presente. Esperei por uma hora e fui ao local de ensaio da banda, procurar o maestro: ele também não estava, me disse a Luly, devido a problemas pessoais tinha ido para o seu estado natal, o Rio de Janeiro. Portanto, nada de iniciar observações – somente daí a uma semana poderia conseguir as autorizações necessárias.

A Luly, informante-chave nessa pesquisa, eu já conhecia. Quando fiz um trabalho de uma disciplina da graduação na banda ela foi a indicada pelo maestro para representar os membros, e a sua postura de liderança pode ser percebida logo na primeira vez que a vemos. O papel dela na construção dessa pesquisa é mais que fundamental, sem o contato com ela, sem o papel que ela exerce no grupo, nada do que foi feito teria sido possível. Sobre a Luly, e os outros informantes, falarei mais a frente. Nesse momento o mais necessário a se dizer sobre

ela é isso: ela foi o meu primeiro contato, logo no primeiro dia em que eu, com toda a ansiedade que cabe em uma pesquisadora de primeira viagem, fui a campo.

O contato com o Padre se deu na outra semana, e, pesquisa autorizada, no mesmo dia fui me encontrar com o maestro. Enquanto eu esperava o maestro chegar sentada no mesmo banco em que me sentei um número incalculável de vezes durante essa pesquisa, cada membro que passava me olhava e não conseguia disfarçar a curiosidade. Eram olhares e bochichos por todos os lados. Devido a essa curiosidade, após o maestro autorizar a pesquisa, resolvi que deveria me apresentar aos membros, para que eles soubessem quem eu era e o que eu iria fazer ali, já que a convivência entre nós duraria alguns meses. Mas, foi na observação seguinte, que percebi que o meu real contato com o grupo começou. Depois de conversar com o maestro, para saber mais sobre a banda, fiquei esperando para distribuir os termos de consentimento e me apresentar para quem não estava na observação anterior. Nesse momento, alguns membros vinham fazer cerimônia para me receber, e percebi que isso causava ciúmes em outras pessoas. A partir disso, e de diversos outros registros em meu diário de campo, vi que a afetividade construída nessa convivência entre eles deveria ser uma das categorias principais de análise.

Observar os ensaios era sempre encantador. O talento musical desses meninos é impressionante, ainda mais para uma pessoa leiga, mas apaixonada por música, como eu. Pude ver nesses ensaios que a cobrança do maestro é realmente muito grande, mesmo quando parece estar perfeito ele ainda aponta erros. Isso, como mostram as entrevistas e algumas conversas informais, causa sentimentos dúbios nos membros: eles reconhecem que a cobrança é necessária, e que é isso que faz a banda ter uma performance admirável, mas também se ressentem algumas vezes, dizem que essa cobrança poderia se dar de outras formas.

Durante as observações, tanto dos momentos de interação anteriores aos ensaios quanto dos ensaios mesmo, fui me aproximando dos membros, e a partir das relações que estabeleci, que, digo mais uma vez, tiveram início no contato com a Luly, algumas pessoas se aproximaram e outras se afastaram de vez. O grupo de amigos da Luly se aproximou de mim e da pesquisa, procuravam conversar e me ajudar a me aproximar da corporação, e alguns deles se tornaram informantes da pesquisa, como direi mais a frente. Por outro lado, há um grupo de meninas que, há algum tempo, tem problemas de relacionamento com esse primeiro grupo. Assim, enquanto Luly e seus amigos sempre se mostraram solícitos, esse outro grupo de meninas se afastou completamente da pesquisa, não conversando em momento nenhum comigo. Mais uma vez, os afetos construídos na relação entre eles se mostram como fundamentais para a análise da experiência dos mesmos, e se impõem à pesquisa.

Outro momento fundamental para identificar as relações entre os membros e entre eles e a corporação foi o dia em que o Padre ameaçou encerrar as atividades da banda. No início do mês de outubro de 2015, segundo me contaram alguns membros, a banda participou de um evento. Porém, muitos músicos não foram tocar por estarem em uma festa no mesmo horário do compromisso com a banda. Conforme alguns membros me disseram, o Padre considera esse tipo de ausência imperdoável, e só tolera faltas justificáveis e/ou avisadas com antecedência, já que, conforme me disse o Padre Marreco, ele busca fazer com que esses jovens sejam pessoas responsáveis, capazes de arcar com seus compromissos. Devido a esse problema, foi marcada uma reunião com os pais dos músicos, em que a intenção do Padre era debater o possível encerramento da banda, e pedir que, caso a banda continuasse, os pais e responsáveis colaborassem com a corporação, cobrando que os membros comparecessem aos ensaios e apresentações. Esse acontecimento tem íntima relação com os objetivos que guiaram a criação da corporação, que, conforme já dito em capítulos anteriores, giram em torno de apresentar a música para jovens da periferia e evitar que tenham contato com o crime, oferecendo-lhes uma atividade.

A reunião aconteceu em um dia que eu estava lá para fazer uma observação, e assim que cheguei percebi que havia um clima tenso. Com todo mundo que eu conversava, a fala era a mesma: a banda vai fechar hoje. Até mesmo o maestro me disse que a banda tinha 90% de chance de acabar. Quando o Padre chegou, pedi a ele para participar da reunião, e ele não autorizou, argumentando que os pais poderiam se sentir pouco à vontade com a minha presença. Confesso que não gostei da negativa, mas depois vi que o melhor mesmo foi ter ficado conversando com os músicos enquanto a reunião acontecia, pois se eu busco contar essa história a partir da agência desses sujeitos em suas vidas e realidades, é o modo como eles vêem os acontecimentos que deve ser levado em conta. Assim, aproveitei esse momento para buscar saber melhor sobre a relação deles com a corporação, já que a possibilidade de a banda acabar fez com que esse aspecto fosse muito abordado por eles.

A maioria dos membros que conversou comigo disse que se a banda acabasse buscaria outra corporação para exercer a atividade musical, mas que jamais iriam para a Banda do Matosinhos, já que há uma rivalidade entre os membros dessas corporações. Já outros disseram que não se adaptariam a outra corporação, que se a banda acabasse eles não tocariam em outra. Nesse dia presenciei momentos ainda mais tensos durante a observação, já que houve discussões entre alguns músicos, acusados de serem os culpados pelo problema, pois foram eles que faltaram à apresentação, e o maestro, que acusava esses mesmos membros de serem sempre eles os faltantes. Esse assunto também esteve presente na fala dos membros, já

que a Luly falou várias vezes que muitos dos músicos não tem a responsabilidade necessária, e que isso atrapalha o desempenho da banda.

Outro assunto falado nesse dia, e em vários outros momentos, pois foi um tema recorrente nas entrevistas, foram os problemas de convivência provocados pelas fofocas dentro da corporação. São vários os problemas de relacionamento entre os membros citados por eles ao longo da pesquisa, e sempre que eu pergunto o que os leva a continuar na banda, já que sempre reclamam dos mesmos aspectos, a resposta é sempre a mesma: nós amamos a banda e a música.

O Padre Marreco, após a reunião, optou por não encerrar a banda, apenas pediu aos pais para colaborarem e disse que iria conversar com os membros faltantes, já que o problema entre eles e o maestro estava ficando mais sério. Nunca mais falaram sobre esse assunto comigo.

Após esse dia percebi que comecei a ficar mais próxima deles. Já brincavam comigo, riam das minhas gracinhas e faziam questão de me cumprimentar quando me viam, tanto no ensaio quanto na rua. Ficou mais fácil conversar e conhecer as relações do grupo, assim como escolher os informantes para as entrevistas individuais. A relação de autoridade do maestro e os problemas que alguns membros tem com ele ficaram mais claros, mas as controvérsias sobre esse assunto também. Muitas vezes alguns membros reclamam que ele xinga muito, enquanto outros defendem que isso é necessário para o funcionamento da corporação. Percebo que, assim como todo papel dentro de um grupo, o do maestro também é complexo, e vários são os afetos que essa relação cria. Até que ponto isso pode ser bom ou ruim para a corporação não sou eu que devo julgar.

Em março de 2016 apliquei um questionário com o objetivo de sistematizar alguns dados sobre eles, e também saber se aceitariam participar da entrevista grupal. Algumas informações são úteis para compreendermos como se constrói a experiência desses adolescentes, conhecendo o modo como são seus cotidianos. No total, 34 membros responderam o questionário. Destes apenas três não estudam, e todos os que são estudantes estão matriculados em escolas públicas estaduais. A grande maioria indicou morar em bairros de periferia da cidade de São João del-Rei, e as atividades que eles desenvolvem quando não estão na escola, se resumem, basicamente, a ir aos ensaios da banda e dormir à tarde.

Conforme foi possível perceber também na entrevista grupal, realizada em abril de 2016, o fazer musical ocupa um lugar central na experiência desses sujeitos, sendo destacado em seu cotidiano como “a única coisa que fazem”. Ou seja, para além da rotina de ir à escola e dormir à tarde, ou arrumar a casa, ou namorar, a única atividade desenvolvida é a música. É

possível relacionar esse cotidiano brevemente descrito às outras informações, obtidas tanto nos questionários quanto nas conversas que tive com os sujeitos, e traçar algumas características do cotidiano do adolescente pobre. Diferentemente dos filhos das classes mais abastadas, as possibilidades de contato com o mundo para além dos muros da escola e da vizinhança é mais restrita para os adolescentes filhos da classe operária. Além de não terem acesso a cursos extracurriculares, como os de idiomas, por exemplo, muitas vezes esses adolescentes são responsáveis pelo cuidado de irmãos mais novos e da casa, e alguns até mesmo já trabalham em empregos esporádicos e informais – os bicos. Assim, sempre que pedi que descrevessem o seu dia-a-dia as respostas eram variações sobre o mesmo tema: acordar, ir à escola pela manhã, almoçar, tirar um cochilo, alguns saem para namorar, e vão para o ensaio da banda à noite. Pequenas variações podem ser exemplificadas pela cansativa rotina de Yo, que estuda na parte da manhã, cuida da avó e do irmão mais novo, precisa arrumar a casa à tarde e ainda, durante um tempo ao longo do ano, fez um curso de aprendizagem profissional para ser auxiliar de dentista, além de dar aulas de teoria musical para os alunos da banda e freqüentar os ensaios quatro vezes por semana. Assim, a atividade musical se destaca nesse cotidiano descrito, sendo uma grande oportunidade de construir uma experiência diferenciada, com relações que extrapolam a vizinhança e a escola, tornando o fazer musical uma atividade muito significativa na formação da subjetividade desses adolescentes.

Chegou o momento de falar da parte mais importante da história, os seus personagens. Entre os 52 membros da Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco, cinco informantes foram escolhidos para falar de sua experiência e de seus projetos de vida, e passo agora a falar sobre eles. Espero que a leitura seja agradável ao leitor, tanto quanto foi conversar com esses adolescentes. Perdoem a pesquisadora que, não sendo artista, não consegue traduzir tudo o que a música pode significar na vida de um adolescente músico. Um pouco do que consegui compreender de suas coloridas histórias está registrado aqui, e muito mais em minha memória.

4.2 – OS SUJEITOS DA HISTÓRIA

“Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia, que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar.”
Prefácio de Mar Morto, Jorge Amado.

4.2.1 – LEE

Lee tem 15 anos, nasceu, segundo conta, em uma noite fria de agosto do ano de 2001, e a isso é atribuída a culpa pela bronquite que a acompanha desde recém-nascida e que causou uma internação durante a infância. Ela vive com o pai, a mãe e a irmã em uma bairro de periferia de São João del-Rei, que descreve como um pouco perigoso para chegar à noite, o que faz com que, principalmente o pai, limite às saídas noturnas com as amigas. Lee estuda em uma escola pública e está no 9º ano do Ensino Fundamental, e o seu grupo de convivência, além do núcleo familiar, é composto pelos colegas da banda, da qual ela é membro há dois anos, e os da escola, pois são os lugares que ela frequenta diariamente. Lee se descreve como uma menina animada, chata, por falar demais, e que ama a música.

A situação financeira familiar da Lee parece ser a mais tranqüila dentre os informantes, pois segundo ela afirma, não passa apertos financeiros e tem acesso ao consumo direcionado aos adolescentes, afirmando ganhar de presente quase tudo o que pede, exemplificando com um tablet e o celular novo, sendo os dois presentes de Natal de dois anos consecutivos. Sua mãe é dona de casa, descrita por ela como uma pessoa presente e “liberal”, que a autoriza a viver seu cotidiano adolescente, como, por exemplo, dormir na casa das amigas e levar as amigas em casa também. O pai é mecânico e flautista amador, tem dois empregos, o que o faz trabalhar das oito da manhã à meia-noite, provavelmente para dar

melhores condições financeiras à família. Já a irmã de Lee tem 18 anos e quer ser fisioterapeuta.

O modelo familiar tem grande importância na construção da ideia de vida adulta para Lee, já que ao mesmo tempo em que afirma que se inspira no pai como modelo de adulto, diz não querer trabalhar tanto quanto ele, pois precisará dar atenção aos filhos. Segundo ela, a convivência com a mãe é mais importante que com o pai, e o tempo que ela passa com a própria mãe é muito valorizado, construindo, provavelmente, esse modelo de mulher dedicada à família. Além disso, como será apresentado mais pra frente, todos os seus planos de futuro são motivados pela vontade de formar uma família.

Lee estuda no período da manhã, às terças-feiras tem curso de Fotografia à tarde e vai para a casa da melhor amiga todos os dias em torno das 4 horas da tarde, para irem juntas para o ensaio da banda, pois, segundo ela, é um pouco perigoso a amiga sair sozinha após escurecer e ela vai fazer companhia no trajeto. Após o ensaio ela vai para casa, faz as tarefas escolares e vai dormir.

O primeiro contato com a música se deu quando ela ganhou uma flauta, o mesmo instrumento que o seu pai toca como hobby, e o melhor amigo de um dos seus tios a ensinou as primeiras notas musicais. A entrada na corporação se deu algum tempo depois. Lee fazia parte de um programa social da Paróquia de Dom Bosco voltado para filhos de mães trabalhadoras, apesar de sua mãe não trabalhar fora, chamado Oratório. Por ser parte integrante da Paróquia, o Oratório foi chamado para participar do desfile cívico de Sete de Setembro junto com a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco. Segundo ela, já no desfile se encantou pela banda, e no outro mês já começou as atividades como aluna, tendo aulas de teoria musical, e levou o grupo de amigas junto. Lee diz que nesse momento surgiu a sua paixão pela banda.

A vivência da adolescência de Lee mostra alguns aspectos da sua experiência em um recorte de classe um pouco diferenciado dos demais informantes. O seu pai tem dois empregos, em que, segundo ela, ele ganha bem. Em sua fala aparece também uma busca por evitar as vulnerabilidades presentes na realidade dos filhos do proletariado, se apoiando de maneira muito firme na religião e demonstrando repulsa pelas drogas lícitas e ilícitas, além de rejeitar um comportamento feminino muito difundido nessa classe e que, na maioria das vezes, é taxado pela sociedade machista e patriarcal como vulgar e inapropriado, e que faz com que essas mulheres sejam consideradas menos “respeitáveis”.

Em seu relato sobre como é ser adolescente ela fala do uso do celular e de festas de aniversário com os amigos, mas também menciona em outros momentos o acesso a um

consumo voltado para os adolescentes que os demais entrevistados não relataram ter. Conforme já mencionado, ela ganhou um tablet e um celular como presentes de Natal, aparelhos tecnológicos de preço mais elevado. Relata também que o pai quis lhe dar um clarinete assim que ela começou como aluna na banda, que ela rejeitou por não ter certeza se ele seria o seu instrumento, apesar de ser, desde sempre, o seu preferido. Há ainda menção a marcas de roupas de um custo mais elevado, e a adesão a estilos divulgados amplamente na internet, como o mencionado SWAG³² e ao estilo ligado ao Rock. A adolescência em São João del-Rei, para ela, é ruim, pois a cidade é pequena e ao mesmo tempo violenta, e não proporciona oportunidades de consumo como as capitais, que tem shoppings e diversas lojas mais acessíveis. Todas essas experiências formam, como já debatido anteriormente, a sua subjetividade, e aparecem em suas idéias de futuro como uma diversidade grande de possibilidades.

Ao ser perguntada sobre o que ela imagina ser no futuro, Lee respondeu que deseja ser Ortopedista, projeto que ela relacionou à experiência de quando quebrou o braço, pois foi bem atendida pelo médico e isso despertou a sua curiosidade sobre a profissão. Ela afirma que não relaciona a atividade musical à profissão, pois não é possível viver de música, e a questão financeira parece ter uma significativa importância em sua vida, sendo relacionada, principalmente, à possibilidade de construir uma família estável, que é associada diretamente à estabilidade econômica. Dessa forma, o plano de ser médica aparece como resultado de experiências anteriores e da imagem construída da médica na sociedade, já que ela direciona a idéia da prática profissional da medicina ao cuidado com os outros, muito associado em sua fala ao papel feminino na sociedade, ao mesmo tempo em que proporcionaria a ascensão social desejada. O seu maior sonho é ser mãe, mostrando, mais uma vez, a importância da família e do cuidado-afeto em sua experiência e em seus projetos.

A música possui grande destaque no cotidiano de Lee, já que é a sua principal atividade desenvolvida, e tem lugar em outros momentos do seu dia-a-dia além do ensaio, já que ela afirma que pensa em música o tempo inteiro. Ela afirma também que gosta de aprender música através de partitura, pois aprender de ouvido pode não proporcionar total domínio do som, e a partitura descreve cada nota. Lee associa esse conhecimento de música e teoria musical a um desenvolvimento de sua inteligência proporcionado pelo contato com a música.

³² SWAG, segundo mostra uma breve pesquisa no site de buscas Google, é uma gíria de língua inglesa que passou a ser usada para denominar um estilo de se vestir, muito utilizado por adolescentes do mundo todo.

Quando fala de seu futuro, Lee sempre insere o fazer musical em seus planos, e relaciona essa constante presença à importância que a atividade musical possui em sua adolescência. Além disso, o fazer musical aparece como uma atividade que gera prazer, e, por isso, não é associada à prática profissional. Lee mostrou, durante a entrevista, ter uma importante compreensão do significado da música em sua experiência, e relaciona essa atividade a diversas mudanças em seu modo de pensar, e também aos seus projetos de vida, em que o fazer musical aparece como atividade geradora de afeto. Também vemos o fazer musical fazendo parte do fazer-se de Lee como sujeito de sua vida e sua história, em que ela faz escolhas e tem consciência de seus limites e das diversas possibilidades de vida que tem.

4.2.2 – YO

Yo, assim como Lee, nasceu em agosto, mas esta no ano 1998, tendo, portanto, 18 anos. Ela vive com a mãe, a avó e um irmão em um bairro de periferia de São João del-Rei, cursa o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola pública da cidade, e está na banda há cinco anos. A mãe de Yo é enfermeira e tem dois empregos, chegando a trabalhar vinte horas direto nos dois locais, como no dia da entrevista, em que, segundo Yo, a mãe havia saído de casa às 19 horas do dia anterior e só retornaria às 17 horas daquele dia. A avó de Yo tem um problema muito sério no coração, fazendo com que ela dependa de cuidados, sendo a Yo responsável por cuidar da avó e também do irmão de apenas seis anos. Conforme conta, ela nunca teve contato com o pai, que abandonou a mãe dela pouco antes de ela nascer, sem nem mesmo a ter registrado. Um pouco encabulada, ela me contou que quem a registrou foi um namorado da mãe, que não é o pai do seu irmão. A mãe dela foi casada durante alguns anos com o pai do irmão de Yo, e ele veio a falecer no ano passado. A questão da morte aparece ainda mais uma vez na entrevista, pois ela diz que tem uma família pequena por já ter morrido muita gente. Yo namora um rapaz que também é membro da banda e informante da pesquisa, o Two. Eles estão juntos há três anos, e ela diz que ele é o seu único amigo. Yo se define como uma pessoa sem tempo, gente boa, paciente, e uma musicista que executa bem essa atividade.

Todos os dias pela manhã Yo vai para a escola, assim que chega arruma o seu irmão e o leva pra escola, ao chegar em casa faz as tarefas escolares e cuida da avó. Quase todos os dias o Two vai para lá, e em torno das cinco horas da tarde eles vão para a banda, pois Yo dá

aula de teoria musical para os alunos desde 2014. Segundo ela, era o maestro quem dava essas aulas, mas quando ele precisou sair, por causa de um emprego, o Padre a convidou. Por essa atividade, Yo recebe 250 reais por mês, e com esse dinheiro ela ajuda em casa, dividindo as contas de água e luz com a avó, além de comprar as coisas que ela precisa, como roupas e calçados. Às sextas-feiras durante a tarde ela tem aulas em um curso profissionalizante de Auxiliar de Dentista, e à noite tem aula prática, o que faz com que ela esteja faltando aos ensaios da banda nesse dia da semana.

Em determinado momento da entrevista comecei a indagar Yo sobre como é ser adolescente em São João del-Rei, assim como fiz com todos os outros informantes. No entanto, curiosamente, Yo não sabia o que me responder, e quando respondia não parecia ter segurança do que estava falando. Foi quando percebi que, talvez, ela não se sentisse adolescente. Segundo Yo, ela só é adolescente na idade, e diz que tem uma “cabeça” muito diferente, e que sua vida também não é igual à de todo mundo, já que ela tem uma rotina totalmente ocupada pelos cuidados com a avó e o irmão, o que não acontece com outras pessoas da mesma faixa etária. A experiência de Yo, as dificuldades inerentes à realidade que ela vive, formou uma subjetividade muito diferente da que se convencionou chamar de adolescente, pois ela assume um comportamento muito mais próximo do adulto, com preocupações que são próprias da vida adulta e não da adolescência, relacionadas com questões de trabalho, por exemplo, tão presentes em sua fala. Falarei novamente dessas questões quando for abordar seus projetos de vida, onde essas questões tomam contornos mais claros no discurso de Yo.

O primeiro contato com música se deu quando a mãe a matriculou no Conservatório, aos 9 anos de idade. Segundo Yo, o avô dela tinha morrido havia pouco tempo e ele tocava violão, dessa forma, a mãe dela, talvez como forma de manter a memória do pai, decidiu que Yo deveria aprender o instrumento. Ela frequentou o Conservatório durante um ano e meio, mas não gostava, achava o ensino muito teórico e era obrigada a fazer aulas de teatro, o que, para uma menina tímida como ela, era muito difícil. Ela decidiu entrar na banda por conta própria aos 12 anos de idade, e o fato de ela dedicar muito tempo à banda e à aprendizagem do instrumento em casa incomodava a família. Yo afirma que esse incômodo com a participação na banda diminuiu, mas não deixou de existir, pois a atividade musical compete com o tempo que ela dedica aos cuidados da avó e do irmão, e isso gera reclamações.

Mais do que qualquer outro sujeito entrevistado, Yo dá uma grande ênfase ao trabalho em sua vida. Ela afirma que é a única coisa que tem que fazer na vida adulta, e, portanto, todos os seus planos são voltados para o mundo profissional. O seu maior sonho é passar no

vestibular, ela quer fazer o curso de graduação em Odontologia, e diz que estudar é a única saída que ela tem, pois nasceu pobre. Diz também que sonha em poder manter a música em sua vida, mas não sabe se isso será possível, pois a necessidade de trabalhar é maior e poderá não ter tempo para o desenvolvimento da atividade musical.

Assim como Lee, Yo não relaciona o fazer musical à atividade profissional. Apesar de dizer que a música se apresenta como uma possibilidade de profissionalização futura, ela afirma não ser possível viver de música, principalmente por ser mulher, condição que diminui as possibilidades de emprego nessa área, já que os membros da banda vislumbram, principalmente, a opção de serem músicos de bandas militares, onde, muitas vezes, mulheres não são aceitas. Além disso, ao falar das viagens com a banda ela afirma não gostar de ir tocar em locais onde a banda é paga para isso, pois eles são obrigados a tocar o que e o quanto os pagantes quiserem. Ou seja, o fato de estar sendo remunerado pela atividade musical retira dela um aspecto importante, que é a liberdade do fazer. Assim, parece que ao ser remunerada a atividade musical deixa de ter o sentido que ela possui na vida dos músicos, que não é de ser o seu trabalho, da forma como esse é entendido na sociedade capitalista, e sim de ser uma atividade motivada por outros aspectos que não são a remuneração, como o afeto pelo fazer musical, que parece ser o que motiva o desenvolvimento dessa atividade.

A mãe de Yo aparece sempre em sua fala como uma pessoa que trabalha muito, o que faz com ela seja a pessoa do núcleo familiar com quem Yo menos convive. Ainda assim, Yo a considera o seu modelo de adulto, e relaciona isso ao fato da mãe trabalhar muito, mas oscila entre valorizar e desvalorizar esse fato. No entanto, ao falar do grande interesse que ela possui pela área da saúde, Yo afirma que esse interesse surge da profissão da mãe. É possível perceber, portanto, que mesmo não sendo tão presente no dia-a-dia de Yo, a mãe possui um papel importante na formação da entrevistada, tornando-se um modelo a ser seguido. Yo diz que a motivação para concretizar os seus projetos de vida é a necessidade de trabalhar, o que, na opinião dela, é um motivo por si só.

Ao ser perguntada sobre a importância da música em seu cotidiano, ela afirmou que a música é o seu cotidiano. Apesar da presença importante que a música tem na experiência de Yo, ela diz que não se tornou mais inteligente, já que para ela a música é uma atividade como qualquer outra, tão fácil quanto aprender a andar. É possível chegar a algumas conclusões a partir da fala de Yo, entre elas a de que a música possui um papel muito importante na formação da sua subjetividade, mas a necessidade de trabalhar, tão falada por ela, faz com que ela tente, apesar de não conseguir, diminuir a importância do fazer musical na sua vida, pois considera que o trabalho tomará o tempo dela, e ela não mais poderá se dedicar à música. Por

exemplo, ela oscila entre dizer que quer sair da banda e que precisa sair da banda, mesmo sendo contra a sua vontade. Para isso, Yo tenta diminuir a si mesma, pois ela sabe que o fazer musical teve grande impacto no seu fazer-se enquanto sujeito. Penso que essa dicotomia entre o fazer musical e a atividade de trabalho pode ter origem nas cobranças familiares relatadas, já que o tempo dedicado à música é considerado excessivo pela família. Assim, agora que ela está entrando na vida adulta, as cobranças de que o tempo dedicado ao trabalho seja maior que o tempo dedicado à música podem ter aumentado. Fruto disso, Yo fica com uma dificuldade de se localizar como sujeito, já que uma das partes mais importantes do seu fazer-se, que é o fazer musical, é desvalorizado.

4.2.3 – LULY

Conforme já dito, Luly pode ser considerada a principal informante da pesquisa, a informante-chave. A partir dela pude estabelecer relação com os demais membros, e era sempre ela que intermediava os contatos que mantive com eles, como, por exemplo, quando agendei a entrevista grupal. A sua entrevista individual foi a que durou menos tempo, mas foi uma das mais esclarecedoras das diversas relações entre os sujeitos e a música. Falemos da Luly, finalmente.

Luly nasceu em São João del-Rei, no mês de janeiro de 1998, portanto, completou 18 anos em 2016. Quando ela estava com 7 anos de idade foi morar em um sítio próximo à São João, pois seu pai foi contratado como caseiro. Após dois anos morando nesse sítio a família retornou para São João del-Rei. Luly vive com os pais e dois irmãos, um mais velho de 23 anos e uma irmã mais nova de 11 anos. A sua mãe é dona de casa e o pai é pedreiro. Ela concluiu o ensino médio no fim do ano de 2015, e estudava na Escola Estadual Ministro Gabriel Passos, que fica bem próxima ao Campus Dom Bosco e à Paróquia. Ela convive em seu cotidiano com as pessoas do núcleo familiar, com alguns outros parentes, como a avó e algumas tias, alguns amigos da vizinhança e as pessoas da banda.

Atualmente, ela diz que fica em casa o dia todo, auxiliando a mãe nas tarefas domésticas, e vai para o ensaio da banda às 18 horas, mais cedo que o horário de início do ensaio, que é às 19 horas, pois ela auxilia os alunos na aprendizagem dos instrumentos. Quando da realização da entrevista havia a possibilidade de ela começar a cuidar de um bebê, até encontrar um emprego “fixo”, que é como ela fala do trabalho formal. Ao descrever seu

cotidiano, e também em outros momentos da entrevista, Luly deu grande destaque ao fato de estar à procura de emprego. Segundo ela, além da necessidade de ajudar a família, ela precisa começar a trabalhar porque está “muito à toa”, e isso não é nem um pouco valorizado por ela. Luly diz que quando começar a trabalhar a rotina dela será trabalhar durante do dia e ir ao ensaio à noite, já que somente se for inconciliável o trabalho e a banda ela sairá da corporação.

Luly diz que costuma ir à missa aos domingos e sair aos fins de semana com os amigos, sendo estes os amigos que estudavam com ela e os da vizinhança. Porém, as saídas tem sido ameaçadas pela já relatada onda de violência que atinge a cidade de São João del-Rei. Nos últimos meses dois adolescentes foram assassinados devido a brigas de gangues rivais, sendo que um deles foi morto dentro de uma igreja, durante uma celebração. Uma dessas gangues é de um bairro vizinho ao que Luly vive, o que tem causado medo nos moradores, pois as ameaças de vingança continuam. Dessa forma, como ela relaciona as saídas com os amigos à experiência de adolescência, essa questão da violência tem influenciado a sua vida. Para Luly, a adolescência nas grandes cidades proporciona maiores possibilidades de múltiplas experiências, pois há mais contato com o mundo e com pessoas variadas, enquanto no interior o adolescente é mais quieto, fica mais restrito às experiências familiares e à vida dentro de casa. Ainda assim, ela diz gostar de viver em São João del-Rei, pois é uma cidade, apesar dos problemas já mencionados, muito tranqüila. Ela diz ainda que os problemas de adolescente são iguais em cidades grandes e em cidades pequenas, e, para ela, os problemas que ela encontra na adolescência são o fato de ela pensar demais e ser ansiosa.

O contato de Luly com a música teve início quando ela tinha 13 anos, e se deu quando três amigas dela a convidaram para entrar na banda, que ela já conhecia, mas que nunca tinha se interessado em fazer parte. Dessas amigas que entraram junto na corporação apenas ela e a Mandy, outra informante da pesquisa, continuam na banda, e já completaram cinco anos que elas participam. Atualmente Luly é chefe do naipe dos trombones, sendo função dela liderar os membros da banda que tocam esse instrumento. Segundo afirma, ela se tornou chefe de naipe por ser responsável, ter presença constante na banda e ser esforçada, as características que, parece, ela mais valoriza. Além disso, há três anos é ela quem rege o ensaio quando o maestro e o segundo regente não estão presentes, o que mostra que essas características que ela valoriza também são valorizadas dentro da corporação. Isso também vai ao encontro dos motivos de fundação da banda e o que me foi dito pelo Padre Marreco, de que ele busca que

esses jovens tenham responsabilidade, conforme já apontado outras vezes ao longo desse trabalho.

A capacidade de liderança da Luly por de ser percebida assim que a conhecemos, e ela afirma que gosta de liderar. Porém, junto com essas responsabilidades assumidas na corporação vieram também cobranças, das quais ela não reclama, apenas diz que deveriam ser estendidas a todos os membros, não somente direcionadas a ela. É essa a principal reclamação de Luly sobre a corporação: os membros não tem muita responsabilidade, e isso prejudica a coletividade. Essa questão da responsabilidade sempre aparece na fala de Luly, tanto na entrevista individual quanto em diversos outros momentos da pesquisa.

Luly afirma que o fazer musical se tornou a principal opção de profissionalização para ela, pois é a atividade que ela sabe desenvolver e que ela gosta, estando em segundo lugar o trabalho como enfermeira pediatra. Além da importância da música em seu aspecto profissional, ela afirma que a música a ensinou muita coisa, como, por exemplo, a ter disciplina e a respeitar o outro e a coletividade, que ela reforça em vários momentos de sua fala, sempre reafirmando que o que importa na corporação não é o eu, é o coletivo. Luly diz ainda que a música é muito importante em seu cotidiano, pois a faz se sentir bem. Ao falar sobre o seu futuro, Luly diz que quer ser uma pessoa boa, sempre melhor do que é, pois ela fala que quer sempre mais, e deseja ainda se manter próxima aos amigos e à família, e fazer o que gosta, que é música.

Luly diz que aprendeu com o maestro da banda a “juntar” a música com a vida e à própria personalidade, e por isso ela vê relação entre a atividade musical e seus planos de futuro. Em seu dia-a-dia a música a ensina a encontrar um motivo para que as coisas sejam feitas, além de tê-la ensinado a ter força de vontade. A música, segundo ela afirma, a ajuda também a continuar mesmo nos dias mais difíceis. Para Luly a música tem uma contribuição muito importante na construção do que ela é, e ela gosta de quem ela é.

4.2.4 – TWO

O único informante do sexo masculino da pesquisa é o Two, namorado da Yo. Two tem 16 anos e mora com os pais em um bairro da periferia de São João del-Rei próximo ao centro da cidade, um pouco distante do local de ensaio da banda, e tem uma irmã 6 anos mais velha que ele que é casada. Ele é menino muito simpático e falante, e também muito doce. A

mãe de Two trabalha na Prefeitura de São João del-Rei como Agente de Combate à Dengue e o pai dele não possui um trabalho formal, e faz bicos de vez em quando. A situação de vulnerabilidade social da família de Two é agravada pela dependência química de seu pai, que, segundo ele, usa drogas desde a infância. Esse fato guia toda a fala dele, e possui significativa importância na experiência do mesmo.

Two cursa o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública estadual do bairro em que ele mora, e todos os dias após ir à escola pela manhã e almoçar dorme um pouco, e à tarde vai para a casa da Yo, sua namorada, e de lá os dois vão para o ensaio da banda. Segundo ele, na maioria dos dias ele ainda vai para a casa da namorada após o ensaio, chegando a sua casa em torno da meia-noite. Quando o pai consegue algum “bico” ele costuma ir trabalhar com ele, o que o fez aprender, por exemplo, o ofício de pedreiro.

O contato de Two com a música teve início muito cedo, já que aos 8 anos de idade ele já estudava saxofone no Conservatório. Esse início precoce se deu devido a um sonho do pai dele, que sempre quis ver o filho tocando esse instrumento. Após dois anos no Conservatório ele resolveu sair, pois não gostava das outras aulas que ele tinha que fazer lá, como, por exemplo, aulas de percepção musical e de teatro. Assim, após um tempo afastado da atividade musical ele retomou o contato quando a irmã dele começou a namorar um rapaz que era membro da Banda Meninos de Dom Bosco, que o convidou para assistir o Concerto anual da banda. Segundo o Two, após ver a apresentação, no outro dia ele já estava na porta da banda para se tornar aluno. Já são quatro anos como membro da banda, e oito anos desde o início da atividade musical.

Para Two, a adolescência é uma fase de muita liberdade, pois, segundo ele, você já pode sair sozinho e não tem que ficar dando satisfação o tempo todo para os seus pais. No entanto, ele afirma que em São João del-Rei essa liberdade é um pouco limitada devido à violência da cidade. Essa violência citada em todas as outras entrevistas individuais foi ainda mais presente nesta, pois, além de diversas outras menções a assuntos relacionados a isso, como a narração de casos ocorridos bem próximo à sua casa, na Chacina do São Geraldo, um dos momentos mais críticos das brigas de gangue da cidade, a irmã de Two quase foi uma das vítimas. Esse acontecimento deixou três adolescentes mortos e três feridos, e segundo conta o Two, um dos rapazes mortos foi atingido pelo tiro quando estava bem na frente da sua irmã, o que, segundo ele, salvou a vida dela. Esse tiroteio aconteceu durante um ensaio de escola de samba em um bairro próximo ao local de ensaio da banda e, conseqüentemente, ao campus da UFSJ em que estudei. Essa chacina foi impactante para os moradores da cidade e também para mim, pois nesse período eu estagiava em uma escola pública e grande parte dos alunos

vivia no bairro em que isso se deu, e esse rapaz que, segundo o Two, salvou a vida da irmã dele, era aluno da turma em que estagiei, e a sua morte marcou a minha experiência.

Logo no início da entrevista, Two diz que sua vida é um pouco sofrida, devido ao uso de drogas do seu pai, e relata os diversos problemas que a família vivencia devido a isso, sempre dando centralidade a esse aspecto de sua experiência na sua fala. Até então, nenhum outro entrevistado havia falado sobre problemas com vícios no núcleo familiar, e o impacto desse fato na experiência do sujeito não pode, de forma alguma, ser desconsiderado. Até mesmo a influência da música em sua vida e em seu futuro tem relação com a história de dependência química do pai e da vulnerabilidade social a que ele sempre foi exposto. Segundo ele afirma, o maior medo dele e da mãe era que ele se envolvesse com a criminalidade, e, como ele mesmo diz, ficasse igual ao pai dele. É nesse ponto que entra a música: Two afirma que foi a atividade musical que não o deixou ir pelo caminho do crime, pois deu a ele uma atividade para exercer e o fez conhecer a Yo, que possui um papel muito importante na vida dele. Além disso, ele afirma que a música o ensinou algo muito importante para a vida, que é honrar os compromissos que assume. Essas afirmações vão ao encontro dos objetivos do Padre Marreco ao criar a Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco.

O maior sonho de Two é sair de casa, e ele deseja se formar em Engenharia Civil. Novamente é possível relacionar a experiência com o pai com os seus projetos, já que, conforme já mencionado, ele aprendeu com o pai o ofício de pedreiro, e a graduação que deseja cursar é completamente relacionada a essa atividade. A família é, para ele, o que mais importa na vida, e é o centro dos seus planos de futuro, e também a sua motivação. Ele afirma que quer formar uma família com a Yo, e ser um marido completamente diferente do que o seu pai foi para a sua mãe. Quando perguntado sobre quem ele vê como um modelo de adulto, novamente ele retoma as questões familiares e afirma ser a sua mãe, que há muito tempo tem exercido as funções de pai e mãe para ele e a irmã. Segundo Two, o pai quase nunca passou um Dias dos Pais com ele, e ele chega a dar parabéns para a mãe nesse dia que seria dedicado ao pai.

Ao conversar com Two é possível perceber que há um esforço da parte dele em sair dessa situação descrita, e ser uma pessoa diferente do modelo de homem que o pai representa. Nesse fazer-se a atividade musical possui um papel central, por ter apresentado a ele outros modelos de comportamento e outras pessoas, que o auxiliam nessa tarefa de se construir como sujeito nesse mundo de acontecimentos tão complexos.

4.2.5 – MANDY,

Mandy é uma das melhores amigas de Luly, e divide com ela a paixão pelo cantor Luan Santana, paixão essa que eu já conhecia das observações realizadas. Ela conta que tem 14 anos, nasceu em março de 2002, e há cinco anos faz parte da Banda Meninos de Dom Bosco. A idade, a banda e o ídolo são as primeiras referências usadas por ela para falar de si mesma, que menciona ainda ser uma menina divertida e implicante. Mandy mora com os pais, a irmã e as duas sobrinhas, e tem um irmão mais velho que já não mora com eles. Sua mãe é dona de casa e o pai trabalhava como vigilante, mas estava desempregado na época da realização da entrevista. Atualmente ela cursa o nono ano do Ensino Fundamental em uma escola pública estadual próxima à sua casa.

Mandy vai à escola pela manhã e diz que dorme todo dia depois do almoço, pois, segundo ela, dormir e comer são duas coisas que ela ama fazer. À tarde ela também costuma assistir séries e ajudar a arrumar a casa, e algumas vezes leva o trompete para casa para poder estudar. À noite, de terça à sexta, vai para os ensaios da banda. Aos fins de semana ela gosta de ir ao centro da cidade e comprar algumas coisas, sendo o consumo mencionado mais de uma vez na entrevista. A adolescência, para ela, é o melhor momento para curtir a vida, e afirma que gosta de morar em São João del-Rei, principalmente quando tem eventos para ir.

O seu contato com a música começou em 2011, quando ela tinha apenas 9 anos de idade, após algumas amigas decidirem entrar para a banda, e entre elas estava a Luly. Segundo a Luly, dessa turma de amigas que entraram para a banda, apenas ela e a Mandy continuam até hoje. Apesar de reclamar de vários aspectos da banda, Mandy afirma que continua por gostar muito de tocar e ver que a música pode “dar futuro”, pois, segundo ela diz, é a única coisa que ela sabe fazer.

As duas vezes em que a irmã dela engravidou são descritas como momentos de grandes confusões na família, já que na primeira gravidez, quando a irmã dela tinha 14 anos, ela teve eclampsia, e quando descobriu que estava novamente grávida, três anos depois, as discussões com a família a levaram a tentar suicídio. Segundo Mandy, agora já não há brigas por esta razão, apesar de praticamente serem apenas os pais delas responsáveis pelo sustento das crianças, já que somente o pai da mais nova paga pensão, e a irmã dela possui uma remuneração baixa no trabalho, que não possibilita sustentar sozinha as duas meninas.

Mandy relaciona os problemas da família com as gravidezes da irmã ao fato de sua mãe ter alguns problemas de saúde e o pai ser alcoólatra, o que, segundo ela relata, já cria

uma tensão familiar muito grande. O alcoolismo do pai de Mandy pode ter causado o seu desemprego, ela supõe, e o desemprego aumenta ainda mais o consumo de bebidas. Ela relata que quando o pai está alcoolizado, briga com a sua mãe e a coloca para fora de casa, e as filhas saem junto, e que ele já agrediu fisicamente a sua mãe. Devido a essas brigas constantes, Mandy relata que a sua mãe tem vontade de sair de casa, mas como ela não trabalha, não consegue sair, pois não teria nem como pagar um aluguel.

Mandy tem dificuldade de falar sobre seus planos de futuro, diz que ainda não pensa muito sobre isso. Passa a impressão de que vive o presentismo da adolescência, e que não faz projetos, pensando que o termo remete a sonhos que são acompanhados de planos para se realizarem. Porém, quando fala de si no futuro diz que quer ser independente, e não “depende de homem”, pois assim evitaria passar pelo que a mãe passa, já que, segundo ela, se a mãe tivesse uma renda própria poderia sair de casa. Além disso, ela diz também que não quer ter filhos, pois conhece a realidade da irmã, e diz ver o quanto criança dá trabalho. Ao falar sobre seu modelo de adulto, Mandy diz que é a mãe, pois, apesar de não trabalhar no momento, durante quase toda a vida ela trabalhou e ajudou financeiramente na educação das filhas, o que para ela é um valor. Fica bem aparente nas falas de Mandy que a sua experiência possui grande importância na elaboração de seus projetos, já que quase toda a referência ao futuro tem como base uma referência à realidade vivida por ela.

A música aparece para ela como uma das principais possibilidades de profissionalização, apesar de ela afirmar que ainda não pensa muito nesse assunto. Para ela, a atividade que ela desenvolve é fundamental para a escolha da profissão a ser seguida, e a música é a única atividade desenvolvida por ela que ela vê como possível de se tornar profissão. Além disso, tanto na entrevista individual, quanto na grupal e nas observações, Mandy fez menções ao fato de sua mãe desejar que ela siga na música profissionalmente, e que vá estudar em Barbacena, em uma famosa escola de música da cidade³³. Segundo ela, a mãe acha que ela toca bem e que a música pode fazer ela “ser alguém na vida”.

³³ Mandy não sabe dizer qual é a escola, mas imagino que seja a Universidade de Música Popular – Bituca.

4.3 – ATIVIDADE, EXPERIÊNCIA, AFETIVIDADE E PROJETO: UMA ANÁLISE EM CONJUNTO

A partir dos dados colhidos durante toda a realização da pesquisa, tanto nas observações quanto nas entrevistas grupais e individuais, foi possível traçar um breve panorama sobre as diversas relações estabelecidas entre as categorias que são o eixo deste trabalho. As falas dos sujeitos durante os diversos momentos da pesquisa dizem muito sobre as categorias escolhidas, e a partir da análise desses registros concluí que falar separadamente de cada uma delas não seria possível, conforme indica, também, Aguiar (2007), pois elas se encontram imbricadas na vida dos sujeitos, e só é possível analisá-las dessa forma. Conforme apontado quando foi descrito o método de análise das entrevistas, os núcleos principais de significação foram escolhidos, e eles giram em torno dos conceitos analisados. A descrição dos resultados terá por base, portanto, as relações entre esses conceitos na vida dos sujeitos entrevistados, e o modo como eles entrelaçam estes no momento em que relatam a sua história.

Assim, ficou estabelecido que a análise se dividirá em três tópicos, completamente relacionados entre si: a atividade musical e a afetividade construída: todos sentimentos cabem aqui; a modificação da experiência: música como cotidiano; e projetos e suas relações: possibilidades de ser. Passo agora a apresentar a discussão sobre esses temas, relacionando os dados de pesquisa à teoria que a baseia.

4.3.1 – A ATIVIDADE MUSICAL E A AFETIVIDADE CONSTRUÍDA: TODOS SENTIMENTOS CABEM AQUI

Em sua teoria sobre a atividade, Leontiev afirma, conforme já dito acima, que a atividade humana é, desde os seus primórdios, realizada em grupos, e que essa coletividade, além de criar instrumentos, faz surgir também relações sociais. Ao falarmos do fazer musical em uma corporação não é possível deixar de lado esse importante aspecto, que são as relações criadas devido à atividade desempenhada.

A Banda Salesiana Meninos e Meninas de Dom Bosco ensaia de terça a sexta-feira durante todo o ano, e os membros tem folga apenas na semana entre o Natal e o Ano Novo e

no Carnaval, e realiza apresentações quase todos os fins de semana, sendo que para algumas dessas apresentações é necessário um deslocamento que demanda mais tempo, o que faz com que, algumas vezes ao ano, os membros viajem juntos. Esse convívio intenso é citado várias vezes durante as entrevistas, tanto individuais quanto grupais, e em todas as entrevistas individuais os membros da banda são citados como as pessoas com quem o entrevistado mais convive fora do círculo familiar, juntamente com os colegas de escola. Logo, esse convívio faz surgir variados e intensos sentimentos, que são objeto da fala em diversos momentos. Na entrevista grupal, ao serem perguntados sobre quais sentimentos a convivência gera, alguns foram citados, e os listo abaixo:

Alegria (Two – Entrevista Grupal)

Amizade, inimizade, amor... **é tudo.** (Félix – Entrevista Grupal)

A amizade entre os membros é facilmente observada, e será objeto de análise mais pra frente, principalmente quando falarmos do ensino membro a membro que ocorre na corporação. Porém, dentre os afetos que eles apontam surgir da convivência um chamou mais a minha atenção desde as observações, que é a inimizade. Durante toda a pesquisa ficou claro que para os membros da banda o principal problema enfrentado pelo grupo são as inimizades que existem dentro da corporação, e as fofocas que surgem disso. Esses estranhamentos entre os membros muitas vezes são relacionados por eles a problemas pessoais, que surgem fora do ambiente da corporação, e que são levados para dentro do grupo. Porém, a convivência entre eles fora do espaço de ensaio é também relacionada ao fazer musical, pois ocorre em algumas viagens de lazer que a banda promove e em saídas dos membros, cuja amizade surgiu, muitas vezes, dentro da banda.

O convívio diário entre eles é afetado pelas fofocas de que tanto reclamam, e isso também afeta a permanência dos membros na corporação. Nas entrevistas individuais, Luly, Yo, Two e Mandy afirmam ter vontade de deixar a corporação, ou já ter sentido essa necessidade, devido aos conflitos internos gerados por esse problema. Na entrevista grupal Lee sugeriu que eu perguntasse o que os membros faziam para melhorar a convivência, tão afetada, segundo eles afirmam, por esses desentendimentos. Não foi surpresa para ninguém quando todos afirmaram não fazer nada para que esse problema diminua. É possível concluir que os conflitos que surgem dentro da corporação musical são mais um dos afetos que a atividade realizada em conjunto faz surgir, e que, portanto, não há ação individual possível que faça esse aspecto deixar de existir.

As inimizades podem chamar a atenção, mas a amizade e parceria entre eles também não deixa de ser importante. Esse aspecto pode ser observado em vários momentos, e um dos mais importantes para visualizar esse afeto é quando vemos o ensino dos instrumentos aos alunos e membros mais novos. Yo, conforme já dito acima, dá aulas de teoria musical para as crianças e adolescentes que pretendem entrar para a banda. Nessas aulas ela ensina os alunos a ler partitura e, depois que aprendem, eles são direcionados pelo Glauter para algum membro veterano para que este o ensine a prática do instrumento. Essas aulas, para Yo, são cansativas, mas ela afirma que gosta de se relacionar com os alunos, como na fala abaixo:

A aula, eu acho que... eu 'racho os bico' com o menino lá, eu gosto deles.
 (...) Assim, **eu gosto dos meninos**, mas tem dia que enche o saco, né... (Yo, entrevista individual)

Esse método informal de ensino-aprendizagem de música tão presente nas bandas e orquestras da região, como afirma Resende (2011), pode ser relacionado à construção de uma afetividade entre os membros, colocando em contato os iniciantes e os veteranos em uma situação que pode favorecer o surgimento de laços de amizade. A intensa relação entre eles também faz surgir namoros, como no caso de Yo e Two, que já estão juntos há três anos, e também de outros membros que se relacionam, segundo é possível ver nas observações e relatos.

O início do contato com a atividade musical, segundo relatam os sujeitos entrevistados, se dá ainda na infância, em torno de 8 ou 9 anos de idade. Yo e Two iniciaram o contato com a música participando do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, quando tinham idades próximas às citadas. Já Luly, Lee e Mandy começaram a desenvolver a atividade musical já na corporação de que são membros. O contato com a música, em muitos casos, é ainda anterior à entrada em uma instituição, seja ela de ensino formal ou informal, já que muitas vezes algum familiar ou outra pessoa próxima tem a música como hobby, o que faz com que o contato com algum instrumento seja ainda anterior. Lee, por exemplo, teve o seu primeiro contato com a música através da flauta, instrumento que o pai, o tio e o melhor amigo do tio tocam. Assim, ainda muito nova ela ganhou o instrumento de presente e aprendeu as primeiras notas.

A entrada em uma instituição pode ser também relacionada às relações afetivas dos membros. Two começou a aprender saxofone aos 8 anos de idade no Conservatório, atendendo um desejo do pai, que sempre quis que o filho tocasse esse instrumento. O início na Banda Meninos de Dom Bosco se deu através do cunhado, que era membro da banda, que o

levou para assistir ao Concerto realizado anualmente na Semana da Música em São João del-Rei. Ele saiu de lá encantado e quis entrar para a corporação. Yo começou a aprender violão no Conservatório, pois esse era o instrumento tocado pelo seu avô, que tinha falecido há pouco tempo. Conforme já dito, talvez para aplacar o luto, a mãe quis que ela aprendesse o instrumento. Lee afirma que conheceu a banda quando participava de um programa social da Paróquia de Dom Bosco, e que ao ver a banda tocando no Desfile de Sete de Setembro se apaixonou e quis se tornar membro da corporação. Mandy e Luly entraram na banda juntas, pois já eram próximas mesmo antes de participarem da corporação, e foram influenciadas pelo grupo de amigas. Na entrevista grupal, um dos sujeitos, Felix, afirmou que se tornou membro da banda por ser sonho da sua mãe que ele participasse. Quando ela faleceu, o pai dele o levou até a corporação para que ele iniciasse a atividade musical, realizando o sonho da mãe.

São muitos os motivos que levam o adolescente a iniciar a atividade musical, e dentre esses motivos a afetividade pode ser listada como um dos principais. Esta pode se dar, como já exemplificado, através das pessoas que levam esses adolescentes a aprender um instrumento e/ou entrar para uma corporação, mas é também citada a emoção de ver a banda tocar, como nos relatos de Two e Lee. Em ambos os casos, após assistir a uma apresentação da banda, os adolescentes ficaram encantados, e esse encantamento levou ao início do fazer musical dentro da corporação de que são membros.

A afetividade é, segundo Maheirie (2003), uma forma específica de se relacionar com um objeto, conforme já apontado anteriormente. Isso pode ser observado nos relatos dos sujeitos entrevistados, que afirmam gostar muito do instrumento que tocam. Um exemplo é a seguinte fala de Lee:

Só que eu gosto muito do clarinete, eu tenho facilidade pra aprender os outros instrumentos, eu sei a escala do trompete, só que eu já perdi a bocadura por causa do aparelho, não consigo mais vibrar com esse aparelho na boca, o saxofone eu também sei a escala, só que é a escala natural dele, e é mais fácil assim, só que **eu amo o clarinete, não troco.** (Lee, entrevista individual)

É possível notar que há entre os membros um sentimento que é direcionado ao instrumento que tocam, à atividade musical em si. É muito presente em suas falas o relato de um amor pela banda, sendo a corporação descrita como “diferenciada” em diversos momentos, principalmente pela Luly, que parece ter uma relação muito forte com o coletivo.

O sentido dado ao adjetivo “diferenciada” por eles é relacionado ao modo como a atividade musical se dá dentro da banda, sendo a performance deles diferente da das demais corporações da região, e eles consideram que essa forma de se apresentar é a que mais os agrada. Há também dentro desse adjetivo um orgulho por serem considerados bons músicos, e participarem de uma corporação que recebe elogios nos mais diversos locais. Assim, há uma construção de afetividade que é direcionada à atividade musical, e não somente às relações construídas no fazer.

Com relação ao orgulho de se apresentar e serem considerados bons músicos, é necessário destacar o quanto eles afirmam gostarem de serem reconhecidos em suas apresentações. Gonçalves, Vieira-Silva e Machado (2012), ao pesquisarem jovens músicos da mesma região, afirmaram que a atividade musical distingue socialmente os músicos, e isso também pode ser notado na fala dos entrevistados. Durante a entrevista grupal Luly afirmou que a música traz reconhecimento, e a Yo disse que isso nem sempre acontece, pois eles só são reconhecidos por outros músicos. Após a fala das duas, Lee afirmou que o desprezo é o pior que pode acontecer em uma apresentação. Segue a fala dela:

Ah, é muito ruim. Tipo, você ta tocando lá de mó (sic) boa vontade, e a pessoa ta com a mão no ouvido, dá vontade falar, ‘oh, tira a mão do ouvido...’. A gente ensaia, leva xingo, ouve cada coisa, e a pessoa ta lá, ou senão ta assim (cruza os braços e faz cara de desprezo). (Lee – entrevista grupal)

Assim, eles demonstram que buscam serem reconhecidos pela atividade que desempenham, e que serem considerados bons músicos é importante para eles. O executar bem essa atividade é mencionado pelos sujeitos como um importante aspecto em sua subjetividade, e não se fazem de rogados ao assumir que se consideram bons no que fazem. Essa relação afetiva com a atividade musical é considerada por eles o motivo pelo qual eles se mantêm na corporação. Essas falas são alguns exemplos:

O que faz eu querer ficar é, ah, eu vou sentir muita falta, nossa... Se você pegar... se for pensar o encontro de banda, que **eu acho que é a única hora que a gente é valorizado...** eu já falei isso, né (ri), é no encontro de banda, é o único dia. Porque se a gente tocar aqui, ninguém entende de nada, todo mundo “ah, ta bom”, ou se não, nem dá idéia, né. Agora, no encontro de banda não, tem outros músicos, eles tão vendo o que você ta fazendo, tão vendo se é bom, se é ruim, entendeu? **É a valorização, eu que essa hora,**

que essa hora que eu sinto falta, é a música mesmo. Mas a música fica escondida no meio dessas coisas aí (ri). É difícil. (Yo, entrevista individual)

Eu com a música, assim... quando eu tô com a banda tocando, quando eu estudo em casa, eu gosto, sinto que me faz bem, entendeu, parece que eu até esqueço dos problemas, fico lá viajando. Isso é bom pra mim, isso me ajuda a continuar, tem vez que... tem dia que não é bom né, você se sente assim 'o quê que eu tô fazendo aqui?', **mas a música, e não outra coisa, a música mesmo me ajuda, a sempre continuar.** (Luly, entrevista individual)

Música é pra quem gosta, porque a gente se dedica praticamente a semana inteira... (Yo, entrevista grupal)

Mas eu acho que tem ta lá é porque quer, porque a gente não ganha nada por isso, quem ta lá é porque gosta mesmo... porque teve muita gente que já entrou, já saiu, nem liga mais. Aqui ó, todo mundo ta aqui, a gente já ta há bastante tempo, **é por amor que a gente faz.** (Lee, entrevista grupal)

Essa relação afetiva com a atividade musical, conforme dito por Lee no trecho acima, é o que também explica o fato de eles se dedicarem com tanto afinco a uma atividade em que eles não recebem dinheiro por isso. Dentro de uma sociedade capitalista, como já dito anteriormente, o fato de uma pessoa se dedicar a uma atividade é, frequentemente, associada ao retorno financeiro que ela pode ter desenvolvendo aquela atividade. O fazer musical dos sujeitos entrevistados não é trabalho para eles, no sentido do termo dentro do capitalismo, e, através de suas falas, vemos que é uma atividade amadora realmente, se considerarmos amador o sujeito que desenvolve uma atividade por amor. O que eles recebem em troca dessa atividade, que tanto lhes consome o tempo, como ressalta Yo na entrevista individual, são os afetos construídos no fazer, o afeto entre as pessoas com quem se relacionam, o afeto direcionado à atividade musical, o reconhecimento do público e dos outros músicos.

Conforme aponta Leontiev (1978a; 1978b), a atividade possui papel central na formação da consciência humana, e ao analisarmos as diversas relações entre a atividade musical e a afetividade construída entre os membros, não é possível deixar de lado a importância que essa atividade possui na formação da subjetividade desses adolescentes. Além disso, conforme debatido anteriormente, a afetividade é também constitutiva do pensamento e da ação humanos. Assim, ao relacionarmos atividade e afetividade, dois importantes aspectos da formação da subjetividade humana, é possível concluir que a atividade passa a ter ainda mais impacto na experiência desses sujeitos devido à afetividade

construída no fazer. Para compreender como essa atividade se insere na vida desses sujeitos, passo agora a falar sobre a modificação da experiência deles pela música.

4.3.2 – A MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: MÚSICA COMO COTIDIANO

Ao falar do conceito de experiência com base na obra de E. P. Thompson me refiro, como já dito, ao resultado do pensamento do sujeito sobre os acontecimentos que ele vivencia, sobre a sua realidade, e não à realidade vivida sem qualquer reflexão. Desta forma, quando o sujeito entrevistado relata a sua vida ele pensa sobre a sua realidade, escolhe fatos e versões para narrar e, destarte, este se torna um relato de sua experiência, já que é resultado do seu pensamento sobre os fatos.

Assim, é possível afirmar que a experiência dos sujeitos entrevistados é marcada pela realidade de filhos do proletariado, de adolescentes pobres. Todos os entrevistados tem pais que ocupam posições de trabalho com baixa remuneração, em todos os casos apenas um dos pais trabalha, o que reduz a renda familiar, e todos eles vivem em bairros de periferia da cidade de São João del-Rei. Ao serem perguntados sobre a sua história, eles relatam, muitas vezes, o histórico da vida familiar, contam os casos que consideram mais marcantes, falam do cotidiano da família e deixam claro em suas falas o quanto essa experiência é uma das bases para os projetos que elaboram. O principal exemplo de relato de uma experiência muito marcado pelas histórias familiares é o de Two, que desde o início da entrevista relaciona sua história à dependência química do pai, e conta durante a entrevista diversos acontecimentos da família. A relação entre esses relatos da experiência e os projetos de vida elaborados por esses sujeitos será abordada no próximo tópico.

Outro aspecto que pode ser destacado são os relatos de violência que marcam a experiência desses adolescentes, quer seja a violência da cidade de São João del-Rei, relacionada, principalmente, às brigas de gangue da cidade, quer seja alguns casos de violência familiar relatados. A violência da cidade modifica, segundo eles mesmos afirmam, a vivência da adolescência deles, pois limita as suas saídas, aspecto que eles ressaltam como um dos principais dessa fase da vida. Já a violência doméstica é ainda mais grave, pois molda todo o cotidiano familiar, e marca de maneira indelével a vida dos sujeitos que a vivenciam. Esses impactos podem ser percebidos no relato dos sujeitos que experienciam essa realidade. Ao falar dos problemas com o pai, que é alcoolista e briga sempre com mãe, Mandy disse:

Ah, quando eu era menorzinha eu só chorava né, só que agora eu fico estressada, aí a minha mãe fica querendo sair de lá, aí agora assim eu tô apoiando ela querer sair de lá quando eles brigam assim, aí eu falo pra ele mudar, assim, **mas eu fico chateada**. (Mandy, entrevista individual)

O cotidiano dos adolescentes sujeitos da pesquisa pode ser esquematizado em: ir à escola, dormir à tarde, ajudar nos afazeres domésticos, namorar, e ir para os ensaios da banda. Além dessas atividades, Lee faz um curso de fotografia uma vez por semana e Yo estava, à época da entrevista, fazendo um curso profissionalizante de auxiliar de dentista. Porém, conforme já dito, foi possível perceber ao analisar as entrevistas que a atividade musical é a parte do cotidiano mais ressaltada por eles, sendo citada algumas vezes como um dos aspectos importantes da formação da personalidade dos mesmos, aspecto citado sempre que falam sobre si mesmos. Essa importância pode ser percebida na seguinte fala de Yo:

Eu sou gente boa, tenho o coração mole demais (ri). Tenho paciência com todo mundo, coisa que não parece, mas eu tenho. Ah, não sei... **Sou musicista, e eu acho que eu executo bem o que eu faço, eu acho**. Ah, e só. (Yo, entrevista individual)

O destaque dado ao fazer musical pelos adolescentes músicos em seu cotidiano pode também ser percebido em uma fala da Yo. Ao ser perguntada se a música fazia diferença em seu cotidiano, a sua resposta foi:

Acho que conta. **O meu cotidiano é a música**. (Yo, entrevista individual)

Luly ressalta ainda aspectos mais subjetivos da presença da música em seu cotidiano, como mostra esse trecho:

Sempre, assim, tipo assim, tem que fazer alguma coisa, **eu sempre tô unida à música**, eu sempre lembro como que faz, como que tem que fazer. O porquê que tem que fazer as coisas, eu levo isso... Música eu acho que tá em todo lugar, aí eu levo isso pra mim, carrego isso comigo. (Luly, entrevista individual)

A análise das entrevistas deixa claro que o fazer musical modifica o cotidiano desses jovens, e, de acordo com o relato dos mesmos, altera também o modo como pensam a sua vida e a si mesmos, sendo, conforme já dito, parte importante da formação da sua consciência. As formas como essas mudanças provocadas pela atividade são expressas variam entre os

membros, mas todos demonstram ter consciência da importância desse fazer em sua vida. Conforme será discutido mais pra frente, um dos aspectos principais que eles afirmam ter sido modificado pela música é o modo como pensam o futuro, os seus projetos. Porém, o presente também é pensado de outra forma devido ao contato com a música. Quando perguntados se a música fez diferença em seu cotidiano, as respostas que foram dadas variaram, e podem exemplificar essas modificações na experiência:

Ajuda... É uma disciplina né, a música tá em todo lugar, né, aí ajuda, por exemplo, eu tô fazendo alguma coisa, na música tem isso também, tem que respeitar, respeitar o outro, por exemplo, você não pode aparecer mais que aquela pessoa que tá solando, **na vida também, é assim também, tem que tá sempre ali, vendo aonde que dá, tentando fazer o melhor. Porquê é um todo, não é o individual, é um todo. É a banda, não é só você.** (Luly, entrevista individual)

Porque, assim, se eu não estivesse na banda, eu não estaria dentro de casa e **sabe sei lá Deus onde eu estaria**, e esse que era o medo da minha mãe e o meu. (Two, entrevista individual)

Ah, faz, porque... quando deu férias, acho que foi férias mesmo, sei lá, acho que nós ficou uma semana sem a banda, eu fiquei assim... e eu acho que eu tinha deixado o clarinete lá na banda, aí eu ficava assim... na escola, eu tinha a péssima mania de ficar assim... a professora falando e eu assim dedilhando, **eu decorei uma música só de pensar a nota na cabeça e ficar dedilhando, só de fazer isso já peguei a música assim.** Minha colega falou assim 'você não fez isso', eu fiz. (Lee, entrevista individual)

Outro aspecto da inserção do fazer musical na experiência desses adolescentes que é falado nas entrevistas é o fato de aprenderem algo mais, de a música ser um saber a mais na vida deles. Ao serem perguntados se a música os teria tornado pessoas mais inteligentes, as respostas variaram entre a concordância e a negativa desse aspecto, e é exatamente essa discrepância que torna as respostas mais fidedignas às diversas inserções na experiência que a música pode ter. Isso pode ser visto em alguns trechos das entrevistas:

Não, eu acho que não... (ri) eu acho que não, é só uma coisa a mais, num... tem gente que é burro pra caramba e consegue também... (...) Ah, eu acho

que não, **é só uma coisa a mais, mesma coisa você aprendeu a andar, você aprende a tocar também**, eu acho assim... (Yo, entrevista individual)

Inteligente eu não sei, **é uma matéria que você aprende né, uma coisa nova**, que envolve assim... mas inteligente... (Luly, entrevista individual)

Ah, acho que sim. Porque antes eu pensava assim, 'o quê que é essas bolinha aí?'. Eu era tipo, vamos dizer assim, lerda né, do jeito que o povo fala, porque eu pensava assim, como que é que você sabe o quê que é isso, eu ficava assim, mó tapada, não procurava nem saber. Eu procurava na flauta a partitura dedilhada, pra ficar mais fácil, **ai eu entrei na banda e fui aprender que aquelas bolinhas lá eram as notas, ai eu, ah, agora faz sentido**. Tipo, meus colegas chega aí 'olha aqui, que legal, a partitura de música', e eu já sei o quê que é. (Lee, entrevista individual)

Outro ponto destacado pelos sujeitos, como já demonstrado em um trecho de fala da Luly, é o fato de a atividade musical dar ferramentas para que eles lidem com o cotidiano, ensinando coisas fundamentais para a vida deles. Two afirma que a atividade musical o ensinou a ter responsabilidade e honrar os compromissos que assume, e para Luly esse fazer a ensinou a ter mais vontade. É ressaltado também nas entrevistas o quanto a participação em uma corporação musical ensina a conviver com os outros. Todos esses aspectos podem ser relacionados aos objetivos de fundação da banda, já que a socialização dos jovens e ensiná-los a ter responsabilidade sempre estiveram na base da criação da banda, conforme afirma o seu fundador, Padre Marreco. Esses valores aprendidos pela participação em uma corporação são ressaltados também por Guimarães, Campos e Castagna (2011) como parte importante da inserção dos sujeitos nesse contexto, e pode ser apontado como uma das formas de modificação da experiência pela atividade musical.

Assim, é possível perceber na fala desses adolescentes que o seu cotidiano, a sua história, a sua realidade, e os seus pensamentos sobre tudo isso são modificados pelo fazer musical, que muda também o modo como esses sujeitos pensam o seu futuro. Os sujeitos entrevistados ressaltam, a todo o tempo, a diferença que a música imprimiu em seus pensamentos sobre o futuro, sendo essa atividade cogitada, em muitos casos, como opção de profissionalização. Além disso, os adolescentes afirmam desejar manter essa atividade como hobby na vida adulta, caso não se tornem músicos profissionais, já que gostam do fazer musical.

Todos esses aspectos abordados pelos sujeitos mostram as inserções da música na experiência deles, fazendo-a ser uma experiência modificada pela atividade musical. Isso fica claro quando eles falam da importante presença dessa atividade em seu cotidiano, ou dela como sendo o seu cotidiano, como no caso de Yo, das mudanças em seu modo de pensar as suas realidades e o mundo, na forma como pensam o seu futuro e a si mesmos.

4.3.3 – PROJETOS E SUAS RELAÇÕES: POSSIBILIDADES DE SER

Falar sobre projeto já invoca a imagem, tão frequente na era moderna, de progresso, de uma linha ascendente que sairá de um passado pior e levará, sempre, a um futuro melhor. Essa idéia está presente na humanidade há alguns séculos, e se mostra presente também quando as pessoas falam sobre os seus projetos de vida. Com os sujeitos pesquisados não foi diferente, e a idéia de ser alguém melhor, ou melhorar de vida, foi muito citada na fala dos entrevistados. Um trecho de entrevista pode exemplificar isso:

Acho que eu vou querer **ser excelente**, uma musicista melhor assim.
(Mandy, entrevista individual)

Porém, contrariando uma hipótese do início da pesquisa, de que adolescentes vinculariam menos o futuro à vida profissional, por ainda não estarem inseridos no mercado de trabalho, quando perguntados sobre seus projetos de vida, os planos profissionais eram os primeiros a serem elencados. Algumas explicações para isso são possíveis, sendo que uma delas pode ser a relação feita entre a palavra projeto e uma idéia mais técnica, associando-a, por exemplo, a projetos de engenheiros e arquitetos, como aponta Machado (2000). Assim, projeto não estaria associado a sonhos, por exemplo, mas sim a uma realização profissional. Em outros casos, como o de Yo, por exemplo, essa direta associação entre projeto de vida e profissão está relacionada a uma necessidade financeira, que a convence de que a única forma de existir um futuro é estudar para “ser alguém na vida”. Nesse caso, para ela, parece só haver futuro se ela tiver uma vida financeira melhor do que a família, e este é o seu objetivo. Assim, tanto a associação da palavra projeto à idéia tecnicista, quanto as exigências da sociedade capitalista podem ter feito com que as respostas, quando perguntados quais seriam seus projetos de vida ou como se viam no futuro, fossem essas:

Como que eu vejo... eu quero fazer faculdade, então... **estudando**. (Yo, entrevista individual)

Trabalhar. (Yo, entrevista grupal)

Ah, eu tenho vontade ser engenheiro. **Engenheiro Civil**. (Two, entrevista individual)

Eu te falei né, **Ortopedia, e saber tocar clarinete**, tem que comprar, ter o meu né, que eu não vou poder ficar sempre na banda, aí eu vou ter que ter o meu próprio pro meu uso. (Lee, entrevista individual)

Ah, **talvez musicista**. De carreira profissional que você tá falando? (Mandy, entrevista individual)

Eu penso em duas faculdades. Música e mais alguma da área de Ciências. (Lee, entrevista grupal)

Para ampliar o espectro de fala dos entrevistados, eles foram perguntados também sobre os seus planos de futuro para além da vida profissional. Com exceção de Luly, que afirma ter como projeto estar com a família, amigos e fazer o que gosta, que é música, outros aspectos do futuro eram mencionados pelos entrevistados quando falavam de seus sonhos e também quando perguntados sobre seus planos para o futuro para além da profissão. Assim eles expressam os seus desejos mais íntimos, as suas necessidades mais ligadas aos afetos. Algumas respostas são elucidativas:

Ah, ser aprovada, imagina? (...) Eu acho que é o maior, é o maior. E que mais... **eu não queria parar com a música não, conseguir organizar tudo aí e continuar**, mas... vou ter que parar, esse ano to vendo já. Esse ano a banda faz 15 anos, eu não podia sair agora, né. (Yo, entrevista individual)

Ah, **uma pessoa bem estruturada né, ter uma família**, uma casa boa, e um serviço a altura que dê pra manter né. (Two, entrevista individual)

Ah, **ser mãe**. Não sei porque não, mas eu quero ser mãe. De criança pequena, porque depois quando cresce, ninguém merece. (Lee, entrevista individual)

Ser uma pessoa boa na vida, continuar assim, nunca desviar meu caminho, continuar sempre sendo assim a pessoa que eu sou, nunca mudar por ninguém... (Luly, entrevista individual)

Abraçar o Luan Santana. (...) Ah, quando eu tiver meus objetivos, conseguir completar eles. (Mandy, entrevista individual)

Assim, entre os projetos dos sujeitos entrevistados, percebe-se a presença de planos ligados aos afetos, e, muitas vezes à família, tanto os planos de ter uma família quanto os de ficar perto dos familiares e das pessoas de quem gostam. A família, tão presente nos relatos da experiência dos adolescentes, aparece também no futuro deles como motivação para a concretização de seus planos e como modelo de adulto.

Além disso, a base do projetar desses sujeitos é a experiência destes, na qual a vida familiar é muito marcante. Assim, quando Two afirma que no futuro quer ser para Yo um marido diferente do que o seu pai é para a sua mãe, a experiência familiar se mostra como base para os projetos de vida, mesmo sendo os projetos a negação da vivência anterior. Quando Mandy diz querer ser independente para não precisar se sujeitar a uma relação abusiva, como acontece com a sua mãe, outra vez é possível ver a experiência baseando o projeto, sendo este novamente a negação da primeira. Quando perguntados sobre quem seria o seu modelo de adulto, as respostas foram os pais, mostrando mais uma vez a importância da família na experiência deles, e como a experiência é uma base importante para o futuro. Alguns trechos exemplificam:

Minha mãe. Ou... ah, é ela mesmo. Assim, porque eu gosto da profissão dela, porque eu vejo ela como... num sei, pra mim ela é a pessoa que mais... não sei se é porque ela trabalha o tempo inteiro, e é um motivo pra mim não me inspirar nela né, porque eu não vejo ela direito, mas não sei... (Yo, entrevista individual)

Cara, eu vou te falar a verdade, eu me inspiro tanto na questão como mãe e como pai **na minha mãe**. Na minha mãe porque, a minha mãe mais... eu tenho 16 anos, mais de 8 anos que ela foi mãe e pai ao mesmo tempo. (Two, entrevista individual)

Ah, **acho que é meu pai**, que meu pai trabalha muito, só que eu quero trabalhar pouco, porque ele não... ele trabalha, ele é mecânico, no serviço

dele ele já ganha bem, só que ele tem que trabalhar com o irmão dele, eu já fico assim, ah... (Lee, entrevista individual)

Deve ser minha mãe. (Mandy, entrevista individual)

Outro aspecto marcante na experiência dos adolescentes entrevistados, claro, é o fazer musical, que também aparece em seus projetos de vida, como algumas das falas destacadas já apontam. A atividade desenvolvida no momento atual é, muitas vezes, relacionada ao futuro, como se estabelecessem um objetivo para a manutenção daquele fazer em seu cotidiano. Em alguns casos, conforme já dito, a música aparece como opção de profissionalização, enquanto em outros, a atividade é vista como fonte de prazer, que se manterá no futuro como hobby. Alguns trechos podem ser úteis para compreender essas opções:

Não. Já pensei, ainda penso às vezes, mas eu não vou ter remuneração, eu não vou ter chance, não vai ter mercado, não vai ter nada pra mim. Se eu fizer Música eu vou ficar parada em casa com meu trombone, se eu tiver trombone, porque se eu não tiver dinheiro nem o trombone eu vou ter... (Yo, entrevista individual)

Não, né, porque, assim, a música no futuro ela pode ser até passageira, porque **a área que eu quero trabalhar não tem nada a ver com música.** (Two, entrevista individual)

Eu pensei em faculdade, tocar em uma banda assim maior sabe, viver da música mesmo, **tocar e viver da música,** eu já pensei nisso. (Luly, entrevista individual)

Assim, por enquanto, porque por enquanto eu não sei se eu quero seguir na música, porque eu ainda tenho tempo pra pensar né, mas se eu quiser, **se eu gostar mesmo e quiser continuar na música eu acho que é bom.** (Mandy, entrevista individual)

As dúvidas com relação a ter a atividade musical como profissão giram em torno da possibilidade de remuneração, que é considerada escassa por eles, e mais ainda no caso de mulheres, conforme afirma Yo. Segundo os sujeitos entrevistados, o trabalho como musicista pode ser muito mal remunerado e instável quando se pensa em tocar de maneira independente, em bares, casamentos, entre outras opções. Assim, para eles, a melhor opção é se tornar músico militar, tanto da Polícia quanto do Exército, projeto esse que pode ser relacionado à

importante presença do Exército em São João del-Rei, que possui a Banda do 11º Batalhão de Infantaria. Porém, essa opção é mais difícil para as mulheres, que, segundo eles, não são aceitas no Exército, por exemplo. Devido a esses impedimentos que eles destacam, Yo afirma que, para ela, viver de música é difícil.

A dificuldade de profissionalização na área relatada por eles não diminui o desejo de exercer essa atividade na vida adulta, ainda que de forma amadora. O fazer musical é descrito como a atividade que eles gostam de fazer, como algo que traz prazer e que, por isso, eles gostariam de manter no futuro. Além disso, eles apontam que o fazer musical trouxe para eles aprendizagens que eles pretendem levar consigo por toda a vida, como as já citadas vontade e responsabilidade.

Um ponto que deve ser ressaltado na análise dos projetos de vida dos adolescentes músicos é o fato de, por serem filhos da classe proletária, eles não terem contato com muitos músicos profissionais, que podem se sustentar de maneira satisfatória trabalhando com música. Isso pode ser explicado por ser recente na região o curso de graduação em Música, o que dificultava a formação institucionalizada de profissionais na região, principalmente de jovens oriundos de classes menos favorecidas economicamente, devido à dificuldade em mudar de cidade para cursar uma graduação. Dessa forma, para esses meninos não há muitos modelos de profissionais em Música que sejam acessíveis a eles, ou seja, em que eles possam se espelhar para trilharem o seu caminho nessa área, tornando a idéia de profissionalização em Música um pouco distante. Vemos nas entrevistas, por exemplo, que eles tem referências familiares que mantêm a atividade musical na vida adulta, como o pai de Lee, que toca flauta, mas de maneira amadora. Assim, como a experiência mostra ser a base da elaboração dos projetos, o fato de esses sujeitos não terem referências de adultos profissionais em Música que possam servir de modelo, o projeto de se profissionalizar em Música fica difícil de ser visualizado.

Outro aspecto que deve ser citado é o fato de eles terem planos para a concretização de seus projetos, e tem consciência dos passos que tem que seguir para alcançar seus objetivos, parte fundamental para que estes sejam realmente considerados projeto, com base no conceito de Gilberto Velho. A análise das entrevistas realizadas mostra que são diversos os projetos de vida dos sujeitos pesquisados, e que estes tem como base a experiência destes, que é modificada pela atividade musical e pelos afetos construídos nesse caminho.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da feitura desse trabalho tentei relacionar os conceitos escolhidos para lançar luz sobre a trajetória dos sujeitos à própria vida deles, contada por eles. Por isso, a escolha do método inspirado na etnografia, para tentar fazer os sujeitos falarem sobre si, juntando isso ao que eu podia ver da realidade deles. Tentei unir os meus dois sentidos preferidos: a audição e a visão. A audição através da música que me encanta há tanto tempo, provavelmente desde antes de nascer, e do ouvir as pessoas contarem suas histórias, hábito que escolhi tornar ofício. E visão ao poder observar as pessoas agindo, o seu cotidiano, tentando me colocar como espectadora, muitas vezes bem participante/falante, das ações alheias. Como eu sempre digo quando acham que estou distraída: estou olhando, só olhando. O difícil é transformar tanta experiência em palavras.

É preciso, antes do fim, dizer que as análises feitas são apenas algumas das muitas possíveis. Os conceitos utilizados, e também a metodologia, foram escolhidos pela afinidade entre si e da pesquisadora com eles, mas a vida desses adolescentes músicos, tão rica, pode ser olhada de diversas formas. Aqui ficou registrado o que vi e ouvi.

O que eu vi e ouvi ao longo da pesquisa me mostrou que a atividade musical é totalmente envolta pela afetividade, de diversas formas: a afetividade voltada para os companheiros de corporação, que se tornam companheiros de vida; a afetividade voltada para o instrumento que tocam, que se torna também parte da vida e dos sujeitos, uma extensão do ser; e a afetividade pela atividade musical em si, o fazer musical. Conforme já debatido na parte teórica, a atividade e a afetividade constroem a consciência humana, e são pontos fundamentais da análise da personalidade dos sujeitos. Assim, é possível afirmar, depois de ver e ouvir os sujeitos dessa pesquisa, que o fazer musical e os afetos construídos fazem parte da construção deles como sujeitos, de sua experiência, e de seus projetos de vida.

A música surge na vida dos adolescentes depois de eles já estarem sendo formados por diversas outras circunstâncias da vida, como a classe social a que pertencem, o local em que vivem, a família em que cresceram. Essa experiência é também uma das bases fundamentais da construção dos seres que eles são, e dos seres que planejam ser. Seus modelos de adulto, como já dito anteriormente, são seus pais, e os seus planos de futuro são sempre relacionados à vida vivida em família. É possível relacionar essa referência a uma importante passagem de Juarez Dayrell (2005), em que ele mostra que as famílias, e principalmente a mãe, estão sempre presentes como base da formação na experiência e também no futuro, contrariando a

idéia errônea difundida de que as famílias da classe trabalhadora, muitas vezes, são desestruturadas. Conforme já dito, os pais aparecem nas falas como modelos de adulto e como motivação para alcançar os sonhos. Mesmo em casos em que há problemas relacionados à violência paterna, como na família de Mandy, e de dependência química, como o pai de Two, a família é ainda uma fonte de afeto, que traz segurança para os sujeitos construírem as suas vidas.

A experiência dos sujeitos da pesquisa pode ser chamada de experiência modificada pela música, já que o fazer musical é um dos aspectos mais importantes de sua vida e de seu cotidiano, e essa experiência modificada pela música é base da construção de seus projetos de vida. A música se mostrou uma fonte afetos, conforme já dito, e também fonte de aprendizagens que eles levam para a vida, e que fazem parte da construção deles como sujeitos. O fazer musical aparece como opção de profissionalização para os adolescentes entrevistados, mas é também uma atividade que modifica a formação da subjetividade dos mesmos, e, portanto, tem uma importância em suas vidas que vai além da profissionalização ou não. A música ensina valores que eles levam consigo e que se originam na convivência com os membros da corporação e na atividade musical, como exemplifica a fala já citada de Luly, em que ela compara o respeito ao outro na vida cotidiana com o respeito que se deve ter pelo outro músico dentro do conjunto da corporação.

Os projetos que elaboramos ao longo de nossa vida são vários, e fazem diversas referências ao que somos. Segundo Machado (2000), “construímos uma trajetória de projetos absolutamente original, que nos identifica como pessoa” (p. 17). Assim, ao pensarmos a elaboração de projetos como um dos aspectos fundamentais da vida humana, que faz parte da nossa formação como indivíduos-sujeito, como afirma Velho (1987; 1994), e relacionando os projetos dos sujeitos entrevistados à atividade musical, concluímos, mais uma vez, que essa atividade assume grande importância na formação desses adolescentes.

Assim, ao relacionarmos os conceitos-base dessa pesquisa às experiências narradas pelos sujeitos e ao que eu pude ver de suas realidades, é possível concluir que o fazer musical, com suas diversas implicações na experiência dos adolescentes músicos entrevistados, é uma das atividades norteadoras da principal atividade humana: a de fazer-se sujeito. O fazer musical é parte basilar do fazer-se dos jovens músicos.

Isso pode ser relacionado ainda à outra idéia que guia esse trabalho, que é a agência do sujeito em sua vida e na história. O sujeito se forma em meio a um campo de possibilidades, como afirma Gilberto Velho (1987; 1994), e nessa realidade ele constrói a sua experiência, fruto de seu pensamento sobre a vida e tudo que ocorre ao seu redor. Essa experiência

construída, no caso dos sujeitos dessa pesquisa, é modificada pela atividade musical, já que o fazer musical passa a ser parte de suas realidades. São diversas as formas como esse fazer pode modificar a experiência, já que a construção desta tem base no social, mas é individual, e cada sujeito vive uma vida e a pensa à sua maneira. A maneira como esse presente e passado são pensados é a base para a elaboração dos projetos de vida, que, assim como a experiência, tem íntima relação com o social, mas é também uma construção individual. Dessa forma, diversos projetos são possíveis dentro do campo de possibilidades vivido pelos sujeitos, e dentre os entrevistados os projetos variaram, com algumas bases comuns: ter uma profissão, estabilidade financeira, ter uma família e manter-se próximo de quem gostam, e continuar mantendo contato com a música, seja de forma profissional ou amadora. É possível concluir, portanto, que o sujeito escolhe dentre diversas possibilidades que tem, e é ativo em sua história, pois, como vemos, não há uma determinação do que ser. E, dentro dessas possibilidades de escolha, a música se mantém presente de variadas maneiras em suas idéias de futuro, o que mostra o seu impacto em sua experiência, já que é um dos aspectos escolhidos para ilustrar o ser que eles querem ser no futuro, uma parte do que eles escolheram ser.

Essa grande importância da música na experiência e nos projetos desses adolescentes, penso eu, pode ser relacionada aos inúmeros afetos construídos nesse fazer. Não é somente a quantidade de horas dedicada à atividade que define a importância dela em seu cotidiano, mas sim os afetos que são despertados nesse encontro entre os sujeitos e a arte, que também explicam tamanha dedicação. Vivemos em uma sociedade que carece de uma educação das sensibilidades, de despertar para a importância dos afetos em nossa formação, e, nesse sentido, o contato com a música pode ser de grande valia. As falas dos sujeitos entrevistados mostram que eles tem consciência da importância desses afetos, e, é possível inferir, são os afetos que envolvem o fazer musical que os motiva a querer manter essa atividade sempre em sua vida, fazendo parte de seus projetos como “o que gostam de fazer”. Precisamos de um mundo em que as pessoas sejam atentas ao seu gostar, às suas necessidades de afeto e à possibilidade de afetarem e serem afetados pelo encontro com outras pessoas, e a música pode promover isso. Os adolescentes sujeitos dessa pesquisa são fruto do contato com a música, e essa atividade se insere em sua experiência de maneira tão marcante, repito, por estar carregada de afeto. São pessoas que se fazem dentro de um contexto de afetividade. Assim, ao pensarmos que a formação da subjetividade se dá através da apropriação da cultura, fruto da atividade humana, e que esta subjetividade se objetiva no mundo através das atitudes dos sujeitos, concluímos que subjetividades formadas em contato com ambientes tão afetivos,

como ocorre com os adolescentes músicos, podem objetivar também mais afeto no mundo através do seu comportamento, da sua atividade que marca o fazer da história.

Um dia, no início dessa travessia chamada mestrado, ainda no momento em que me construía pelas ideias para construir essa dissertação, imaginei que poderia utilizar esse espaço para dar voz aos sujeitos que não são ouvidos, mas que constroem a cada dia a sua história. Imaginei que aqui poderia contar a história dessas pessoas, entrelaçando seus contos e sua música, tentando mostrar como a arte pode ser importante no fazer-se de um ser humano. Como não sou artista, não consegui traduzir toda a beleza que vi para o papel, por não ser possível, jamais, traduzir a beleza que é a vida de uma pessoa. Só posso terminar citando Belchior, que me acompanha desde muito, com suas músicas que cantam parte do meu ser, essa alma rural e rebelde: “qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa”. Se a música não pode dar conta da vida de um ser, uma dissertação, arte tão institucionalizada, jamais daria conta da vida de cinco artistas, que forjam na música a sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

- Aguiar, W. M. J. (2007). A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 3ª Ed., São Paulo: Cortez.
- Alves, Maria Zenaide. (2013). *Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares – MG*. Tese. Belo Horizonte: UFMG.
- Arroyo, Margarete. (2002). Educação Musical na contemporaneidade. *Anais do II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG*. Disponível em: http://www.ufrgs.br/musicalidade/midiateca/educacao-musical/educacao-musical-na-contemporaneidade/at_download/file. Acesso em 10 de dezembro de 2016.
- Benjamin, W. (1987). *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. 88a. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. 88a. São Paulo: Brasiliense.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, pp. 26-43, abr.
- Brandão, I. R. (2012). *Afetividade e transformação social: sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório*. Sobral: Edições Universitárias.
- Caetano, S.; Vieira-Silva, M. & Machado, M. (2013). Música, identidade, afetividade e poder: sinopse de uma pesquisa sobre corporações musicais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP*, 8(2), São João del-Rei, jul./dez.
- Cintra, S. O. (1982). *Efemérides de São João del-Rei: volume I*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Coelho, M. P. *O feminino entre sons e silêncio: O discurso de mulheres no cenário musical de São João del-Rei*. Dissertação – UFSJ, 2014.

- Coelho, M.; Vieira-Silva, M. & Machado, M. (2014) “Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas”: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26, n. 1, p. 107-122, jan./abr.
- Dayrell, Juarez. (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dayrell, Juarez. (1996). A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dayrell, J. & Carrano, P. C. (cords.). (2010). *Pesquisa “Diálogos com o Ensino Médio”*. Relatório Final. Belo Horizonte: UFMG.
- Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na Psicologia de A. N. Leontiev. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, pp. 44-63, abr.
- Duarte, N. (2013). Vigotski e a Pedagogia Histórico-Crítica: a questão do desenvolvimento psíquico. *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, São Paulo, v. 24, n. 1, pp. 19-29, jan./abr.
- Fonseca, C. (1999). Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, jan./abr.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade – O Uso dos Prazeres*, vol. II. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1999). *Problematização do sujeito – psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (Ditos e escritos vol. I). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gallo, P. P. V. (1998). “Coalhadas” e “Rapaduras”: história social da música em São João del-Rei no século XIX. 1998. Monografia (Especialização em História de Minas do Século XIX)–Curso de Pós-Graduação em História de Minas do Século XIX, Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei, São João del-Rei.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Graça Filho, A. A. (2002). *A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume.

- Graça Filho, A. A. (2015). Padrões de transmissão de fortunas nas famílias da elite mercantil da Comarca do Rio das Mortes, c. 1750-1800. In: Libby, D. C., Meneses, J. N. C., Furtado, J. F. & Frank, Z. L. *História da Família no Brasil (séculos XVIII, XIX e XX): Novas análises e perspectivas*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- González-Rey, F. & Martínez, A. M. (2016) Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas. *Psicoperspectivas: individuo y sociedad*, vol 15, n 1, pp. 5-16.
- Gonçalves, A.; Vieira-Silva, M.; Machado, M. (2012). Projeto de vida no discurso de jovens músicos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 4, p. 639-648, out./dez.
- Guimarães, A. C.; Campos, A. L. L.; Castagna, P. (2011). Novo Regresso: Revitalização do Arquivo da Banda de Música Santa Cecília de Barão de Cocais. In: *Novo Regresso: Preservação do Acervo Musical da Banda de Música Santa Cecília de Barão de Cocais – Minas Gerais*. Publicação do Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais.
- Lane, S. T. M. (1989) Uma Psicologia Social baseada no materialismo histórico e dialético: da emoção ao inconsciente. In: *Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*, 1989, Gramado-RS.
- Lane, S. T. M. (1995a) A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: Lane, S. T. M. & Sawaia, B. B. (orgs.) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1995b) Avanços da Psicologia Social na América Latina. In: Lane, S. T. M. & Sawaia, B. B. (orgs.) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. & Camargo, D. (1995c) Contribuição de Vigotski para o estudo das emoções. In: Lane, S. T. M. & Sawaia, B. B. (orgs.) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividad, Conciencia y Personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre.
- Leontiev, A. N. (1978b). *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Lima, F. M. A. (2016). Atividades agropastoris de abastecimento e crise da mineração no século XVIII mineiro: São João del-Rei, 1750-1800. *Revista Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 9, n. 2, ul./dez.
- Lima, R. S. (2004). O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência. *Revista Cantareira*. Disponível em: <91a91.historia.uff.br/cantareira/edic_passadas/V8/artigo02.htm>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.
- Machado, N. J. (2000). *Educação: Projetos e Valores*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153.
- Maheirie, K.; Zanella, A. V.; Reis, A. C.; Camargo, D.; França, K. B. & Da Ros, S. Z. (2005). Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. *Psico-USF*, v. 10, n. 2, p. 191-199, jul./dez.
- Maheirie, K. & Hinkel, J. (2007). RAP – Rimas Afetivas da Periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica. *Psicologia & Sociedade*, 19, Edição Especial 2: 90-99.
- Maheirie, K., Strapazzon, A. L., Barreto, F. R., Lazzarotto, G. T., Zonta, G. A., Soares, L. S., Rodrigues, P. F. U., Duarte, S. R. & Shoeffel, S. A. (2008). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2.
- Merriam, A. P. (1964). *The anthropology of music*. Northwestern University Press: Illinois.
- Monteiro, L. G. M. (1995). Objetividade X Subjetividade: da crítica à Psicologia à Psicologia Crítica. In: Lane, S. T. M. & Sawaia, B. B. (orgs.) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Neves, V. F. A. (2006). Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 1, n. 1, jun.
- Resende, F. M. (2011). *A Orquestra Ribeiro Bastos de São João del-Rei/MG: prática e aprendizagem musical em uma tradição tricentenária*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.

- Sato, L. & Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. *Psicologia USP*, vol. 12, n. 2, p. 29-47.
- Sawaia, B. B. (2014). A Psicologia Sócio-Histórica: um referencial de análise e superação da desigualdade social. *Psicologia & Sociedade*, 26, n. esp. 2, p. 1-3.
- Scalzo, M. & Nucci, C. (2012). *Uma história de amor à música*. São Paulo: BEÍ Comunicação.
- Sobrinho, A. G. (2002). Bandas musicais de São João del-Rei e a Banda Teodoro de Faria. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de São João del-Rei*, 10, 12-23.
- Tavares, B. & Vieira-Silva, M. (2014) A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: Tradição e Transformação na construção de projetos de vida de jovens músicos. Relatório, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG.
- Tavares, B. & Vieira-Silva, M. (2013) A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação na elaboração de projetos de vida de jovens músicos. In: II Encontro de Pesquisa em História da UFMG – II EPHIS, 2013, Belo Horizonte. *Anais Eletrônicos do II Encontro de Pesquisa em História da UFMG*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG v. 4. P. 210-228.
- Tavares, B.; Vieira-Silva, M.; Rezende, D.; Duarte, N.; Abreu, K. (2013) A música e suas articulações identitárias nas vertentes mineiras: fazer musical como projeto de vida. In: *XVII Encontro Nacional da ABRAPSO*, 2013, Florianópolis – SC.
- Thompson, E. P. (1981) *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Thompson, E. P. (2001) *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- Tittoni, J. & Jacques, M. G. C. (2013). Pesquisa. In: *Psicologia Social Contemporânea. Livro-texto*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Toledo, E. (2013). O “silêncio de Marx” e a historiografia: marxismo renovado, antropologia, classe e consciência de classe na obra de Edward Thompson. *Projeto História*, São Paulo, n. 48, dez.

- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, G. (2008). *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª Ed.
- Vieira-Silva, M. & Miranda, S. (2013) Poder e identidade grupal: um estudo em corporações musicais da região das vertentes. *Psicologia e Sociedade (Online)*, v. 25, p. 642-652.
- Vieira-Silva, M. (2000). *Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Williams, R. (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Zaluar, A. (1985). *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense.